

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E  
CIENCIAS HUMANAS

FAMILIA E ESPAÇO PÚBLICO:  
ORGANIZAÇÃO DOMÉSTICA E CONFLITO NA REPRODUÇÃO DE  
GRUPOS PERTENCENTES AS CAMADAS MÉDIAS RECIFENSES

Dissertação apresentada ao Mestrado em  
Antropologia - UFPE para obtenção do Grau de  
Mestre.

ORIENTAÇÃO: Profa. Judith Chambliss Hoffnagel

CO-ORIENTAÇÃO: Prof. Russel Parry Scott

KATIA MEDEIROS DE ARAÚJO

39

A663f

BC/PT

Recife, Julho de 1994

FAMILIA E ESPACO PUBLICO  
ORGANIZACAO DOMESTICA E CONFLITO NA REPRODUCAO DA  
CANADAS MEDICAS REPRODUTIVAS

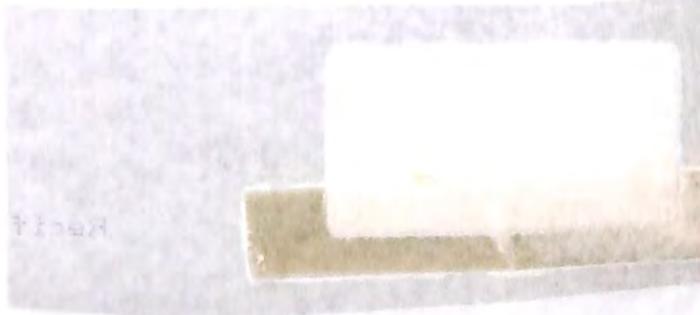
PE-00022812-0

Universidade Federal de Pernambuco  
BIBLIOTECA CENTRAL  
CIDADE UNIVERSITÁRIA  
60.739 - Recife - Pernambuco - Brasil

1713/14/11/94

ACERVO: 171657

IV-06



Aos meus pais, Protásio e Miosete.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, é fundamental dizer que as angústias vividas no decorrer deste trabalho foram bastante amenizadas diante do apoio dos amigos e da família.

Deposito aqui meus sinceros agradecimentos à professora Judith Hoffnagel pela orientação respeitosa e pela confiança expressada; ao professor Russel Scott, com quem me iniciei nos estudos sobre "família"; às professoras Maria Brayner, Gisélia Potengy e Maria do Carmo Brandão, pelo tanto que dedicam ao ensino e pelos seus empenhos junto ao Mestrado em Antropologia - UFPE. Às profas: Josefa Salete, pela leitura da primeira versão do trabalho, e Lia Parente, pelos incentivos ~~seu interesse~~. Ao prof. Marcos Lima, pelas preciosas referências bibliográficas, e à professora Mariza Correia pela atenciosa e oportuna conversa no início da pesquisa.

Aos meus pais, irmãos (Clélio, Célio e Stélio), à tia Nilda e principalmente às minhas irmãs (Eneida, Isolda e Mercês), agradeço pelo apoio que me ~~atenção e empenho que~~ dedicaram para que eu pudesse concluir o mestrado, e por tudo o mais, que seria aqui difícil de relatar. Um agradecimento especial ao irmão Délio, por suas provocações. E a Ana Costa e Antônio Pernambuco, de alguma forma presentes nos momentos ~~amigos de todas as horas,~~ mais im portantes.

Aos companheiros do Mestrado em Antropologia, meus contemporâneos, agradeço a oportunidade de dividir minhas dúvidas e descobertas ~~aspirações~~. Em especial às amigas Grazia Cribari, Zuleika Dantas, Odete Vasconcelos, Clélia Moreira, Lady Selma Albernaz, Glaucia

Boratto, Silvia Martins, Rosalira Oliveira e Marion Teodósio, e aos amigos Ulisses Rafael e Adriano Campelo, solidários no esforço de relacionar o objeto de nossos estudos ao senso comum que todos temos da vida e da sociedade. A Brigitte Fourastié, Philippe Joron e a Ivson Bezerra, por suas presenças em diferentes momentos, nas "ocasiões" onde tudo isso era discutido.

Agradeço ainda ao amigo Flávio Teixeira pela indicação de textos da área de história, e aos integrantes do grupo de "Gênero e Família", o primeiro fórum onde apresentei recortes de minha dissertação.

Agradeço fortemente a Marta Marinello, responsável pela digitação da dissertação, e Sávio Assunção, que acompanhou os momentos finais da redação desta.

Agradeço finalmente à CAPES pela concessão de um ano e meio de bolsa de estudos e ao ~~\_\_\_\_\_~~ <sup>Colegiado</sup> do Mestrado em Antropologia - UFPE, ~~\_\_\_\_\_~~ pela oportunidade de defender a dissertação; bem como aos funcionários <sup>da secretaria</sup> Bete, Dora e Sóstenes, pelo apoio burocrático.

Aos informantes, que me permitiram penetrar um pouco em suas vidas, e aprender com suas experiências, esses merecem meus mais profundos agradecimentos.

## FAMILIA E ESPAÇO PÚBLICO:

### Organização Doméstica e Conflito na Reprodução de Grupos Pertencentes à Camadas Médias Recifenses

Kátia Medeiros de Araújo

#### RESUMO

Este trabalho investiga a organização doméstica de famílias formadas no final dos anos 60, e situadas nos níveis econômicos e de prestígio mais elevados das camadas médias do Recife. Enfocamos aqui, a relação dessa organização com o mundo do trabalho extra-doméstico e outras esferas de contato entre a família e a sociedade mais ampla, tais como a escola, os serviços de assistência psicológica, a religião e o mundo da política.

A família é vista como um domínio voltado à reprodução dos grupos sociais. Uma das preocupações envolvidas com este estudo situa-se na compreensão das transformações ocorridas na dinâmica dessas famílias, particularmente no tocante às relações de gênero e às características da socialização dos filhos, diante do movimento concreto de saída às ruas empreendido pelas mulheres da geração em questão.

Uma segunda preocupação reside na intenção de mensurar como as disposições colocadas pela origem familiar, e por outro lado, pela relação das famílias com as referidas instituições, influenciam as práticas e representações do universo social considerado. .pa

## INDICE

INTRODUÇÃO .....	01
1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS .....	12
1.1. DEFINIÇÃO DO UNIVERSO SOCIAL TRATADO .....	12
1.2. COLETA DE DADOS .....	18
2. CAMADAS MÉDIAS E TRABALHO .....	29
2.1. A DEGRADAÇÃO DO TRABALHO NAS CAMADAS MÉDIAS DA SOCIEDADE .....	30
2.2. ESPECIFICIDADE DAS PROFISSÕES LIBERAIS .....	40
2.3. UMA INCURSÃO AO UNIVERSO DAS REPRESENTAÇÕES DAS CAMADAS MÉDIAS BRASILEIRAS .....	43
3. DUAS PALAVRAS SOBRE OS BAIRROS .....	63
4. CONTEXTUALIZANDO OS GRUPOS EM QUESTÃO .....	76
4.1. FAMILIAS DESCENDENTES DE GRUPOS DE ELITE .....	76
4.1.1. Situação Social das Famílias de Origem .....	76
4.1.2. Trajetórias Profissionais dos Homens .....	85
4.1.3. Trajetórias Profissionais das Mulheres .....	93
4.2. FAMILIAS EMERGENTES NO NÍVEL DOS PROFISSIONAIS LIBERAIS .....	105
4.2.1. Situação Social das Famílias de Origem .....	105
4.2.2. Trajetórias Profissionais dos Homens .....	113
4.2.3. Trajetórias Profissionais das Mulheres .....	121
5. SOCIALIZAÇÃO, CONFLITO E MARCAS DISTINTIVAS .....	130
5.1. A FORÇA DO "HABITUS" ENTRE OS DESCENDENTES DA ELITE ..	134
5.2. FAMILIAS EMERGENTES E A BUSCA DE INDICADORES DO NOVO STATUS .....	157
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	191
7. BIBLIOGRAFIA .....	204
ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

A organização dos diversos grupos familiares presentes na sociedade brasileira é uma temática que vem merecendo um relativo destaque na nossa produção Antropológica. A preocupação em relacionar a família, no sentido restrito, com redes mais amplas de parentes, inclusive extrapolando-se essas redes para se delinear contornos da própria estruturação das sociedades, está presente em todas, ou quase todas, as monografias antropológicas clássicas. (1)

Isso nos leva a crer que os estudos de família constituem naturalmente um instrumento de análise bastante revelador da sociedade, tanto sobre o aspecto estrutural, quanto sobre as características particulares dos muitos grupos existentes dentro dessa. Esta idéia está, em parte, assentada na perspectiva de que a estrutura social exerce influência sobre a conformação do ethos e das disposições mais gerais dos grupos sociais específicos (portanto também das características específicas das famílias em cada segmento). Assenta-se, igualmente, na compreensão da importância que têm as famílias sobre a reprodução social, em cujo seio vão se realizar as experiências mais marcantes na formação da visão-de-mundo dos indivíduos, condicionando uma reprodução segmentada do conjunto da sociedade, através da reprodução dos seus grupos primários.

---

(1) No Artigo "Rural, Urbano, Tribal: Antropologia e Família", CORREIA (1988) assinala esse aspecto.

O objetivo de penetrar no âmbito da compreensão da família enquanto elemento, ao mesmo tempo, estruturado e estruturante da sociedade, nos remete a uma aproximação para com as concepções de Pierre BOURDIEU (1987,1989), especificamente para com o conceito de "habitus". Tal conceito representa uma instrumentalização das suas preocupações em relação à necessidade de apreensão do "aspecto ativo da prática", ou seja a necessidade de apreensão da dimensão pragmática da reprodução dos grupos sociais, configurando-se como uma noção que designa um "sistema de disposições adquiridas, permanentes e generativas" (cf. ROMANO, 1987 : 45)

Seguindo essa linha de raciocínio, penetramos no âmbito da compreensão das relações de gênero na família, das demais relações inerentes à família e das relações da família com a sociedade, enquanto relações de poder.

Falamos, aqui, de um poder que está relacionado à capacidade de reprodução dos grupos sociais. Ou seja, o poder que se encontra imbricado com a capacidade que têm tais grupos para prosseguir levando suas vidas da forma que melhor lhes convier, assegurando simultaneamente essa capacidade aos seus descendentes. Um poder que é construído tendo por base as relações fundamentais dentro da família (relações de sexo e entre gerações), bem como as relações materiais e simbólicas da família com o todo social. A noção de poder referida, pode ser compreendida também através da idéia de "campos de poder simbólico", concebida por Pierre BOURDIEU (1989), enquanto campos de conhecimento e de comunicação, através dos quais

se processam relações de poder estruturantes, considerando-se tratarem-se, tais campos, de estruturas estruturadas. Raciocinamos, desse modo, em torno de um sistema agregador, onde figuram a família e outras instituições sociais, no qual se processam relações objetivas e subjetivas, através das quais se reproduzem os grupos na sociedade. (2)

Dentro da mesma linha de pensamento, concordamos com Lourdes Bandeira na idéia de que:

"Compreender a articulação existente entre produção e reprodução, trabalho assalariado e trabalho doméstico significa pensar, simultaneamente sobre dois grupos de relações sociais fundamentais, isto é, relações de sexo e relações de classe, significa compreender seus significados, diferenças, antagonismos, efeitos e sobretudo as relações de poder (nem sempre visíveis, transparentes), que permeiam aqueles espaços." (BANDEIRA, 1989 : 12).

A família é vista aqui como uma instituição voltada à reprodução dos grupos sociais, através da produção e reprodução de um patrimônio que se configura em termos materiais e, principalmente, de valores, pela via da socialização. Essa reprodução abrange a idéia de uma constante atualização de estratégias e padrões familiares, ou seja, de uma atualização do

---

(2) Aqui, pensamos no conceito de Reprodução Social, tal como o concebe SARTI (1983) no Artigo "Cotidiano Feminino: Lugar dos Outros". Para a autora, nas sociedades industrializadas, a reprodução dos indivíduos envolve, além da família, as instituições públicas, numa relação cuja dinâmica vai definir os limites do trabalho doméstico, ou seja, a parte da reprodução que é restrita ao âmbito privado.

"habitus", face às transformações econômicas e de costumes concretamente vividas. Pensamos, então, que a estruturação da família se objetiva em torno do sentido de manutenção do patrimônio material e simbólico dos grupos sociais específicos, assumindo, em cada camada, características peculiares para atender a esse propósito básico. Utilizamos, deste modo, a noção de hábitos, enquanto estruturas de um campo de ação e representação subjetivo, no qual se insere a família, cuja operação (ou função) fundamental consiste na construção de (e na participação em) um sistema simbólico que "integra" e "distingue" os grupos sociais, nas relações destes com seus pares e com o todo da sociedade.

O interesse que motivou a realização deste trabalho partiu da constatação de que, dentre os estudos sobre famílias brasileiras, as camadas médias são muito menos abordadas que outras categorias. Pode-se dizer ainda que os trabalhos que lhes dizem respeito, em geral, possuem uma preocupação constituída em torno da subjetividade de tais grupos (ou dos seus integrantes enquanto indivíduos), menosprezando-se quase sempre os aspectos mais concretos da organização familiar e suas implicações para com a estruturação da sociedade de forma mais ampla. Valoriza-se o subjetivo, ficando para segundo plano a dimensão inter-subjetiva, ou, restringe-se a tentativa de apreensão da inter-subjetividade ao ambiente doméstico, relevando-se o desempenho do grupo familiar no âmbito extra-doméstico. Desse modo, torna-se impossível fazer a conexão dos indivíduos com o todo social e a conexão do cotidiano concreto com os sentimentos das pessoas.

Existe, por parte de alguns autores dedicados ao estudo da família em camadas médias brasileiras, a intenção de utilizar o instrumental teórico da fenomenologia. São exemplos fundamentais os trabalhos de Gilberto VELHO (1975-1981-1983) e Tânia SALÉM (1979-1985). Tais autores se preocupam em apreender a visão de mundo e as características principais do Ethos dos grupos médios do Rio de Janeiro. As abordagens, todavia, privilegiam os valores e as trajetórias individuais, na medida em que é enfatizada principalmente a dimensão consciente da atividade humana, através da noção de "projeto". Este "projeto" é concebido dentro de um "campo de possibilidades socialmente condicionado", e parece existir mais fortemente no cotidiano dos grupos médios que para outras camadas sociais, no entender desses autores. Nesses trabalhos, alguns elementos de análise são tomados da obra de Alfred SCHUTZ (1979).

De fato, as preocupações fenomenológicas com a questão da realidade cotidiana e as múltiplas realidades mais subjetivas, tal como abordados por Schutz, contemplam a noção do Projeto, cuja possibilidade de existência se dá no cotidiano. Dentre as considerações do referido autor, existe, porém, uma forte recomendação no sentido da existência de uma hierarquia através da qual vivenciamos as diversas províncias de conhecimento, ou dimensões da realidade, cujas influências vão moldar as identidades dos indivíduos e dos grupos sociais. Ele afirma que, dentre todas as províncias de significado vivenciadas, a realidade pragmática,

também referida como "mundo da vida cotidiana" e caracterizada pela vivência do trabalho, seria uma realidade mais importante em relação às demais realidades não pragmáticas. Para Schutz, a vivência do trabalho é uma experiência fundamental e uma forma de espontaneidade que leva o indivíduo a "vivenciar o próprio Eu", ou seja, a vivenciar "o Eu que trabalha como o Eu Total" (SCHUTZ, 1979 : 250).

Essa atenção ao mundo do trabalho, todavia, não parece ser relevante nas abordagens de VELHO e SALÉM. Nelas, o mundo do trabalho figura, quando muito, como um mero pano de fundo, ao qual se confere pouca importância. As temáticas a que tais autores se dedicam - <sup>gênero e</sup> dinâmica das famílias ~~gênero~~, comportamento desviante e identidade de grupos ~~gênero~~ - parecem existir nessas obras de forma um tanto isolada da base material da sociedade.

A justificativa da presente investigação encontra-se, pois, na necessidade de uma maior elucidação da dinâmica das relações familiares nos segmentos médios de nossa sociedade, considerando-se que essa discussão nas camadas de baixa renda já se encontra melhor esboçada. A ampliação dessa discussão para o âmbito das camadas médias traz em seu bojo dois aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, representa uma tentativa de contribuir para a construção de um objeto teórico e empírico que possibilite a comparabilidade no

estudo das famílias brasileiras (3). Nesse sentido, uma maior elucidação acerca da posição dos grupos médios na divisão social do trabalho, e a interferência dessa posição no âmbito da família, se apresentam como instrumentos que poderão se prestar a essa comparabilidade.

Em segundo lugar, busca-se também fazer uma contribuição ao debate sobre as relações de gênero e a condição da mulher neste universo, através de uma investigação sobre sua posição na família, diante da maternidade, e enquanto sujeito que também atua no espaço extradoméstico. E finalmente, é também propósito dessa investigação, cotejar as características da educação dada aos filhos entre as famílias estudadas, bem como as características da interação de tais famílias com algumas instituições públicas que se relacionam diretamente com o domínio privado.

Nesse sentido, foi escolhido para o estudo um segmento social onde as mulheres efetivamente entraram na vida pública exercendo atividades profissionais socialmente legitimadas, algumas inclusive em situação bastante semelhante à de seus cônjuges, se pensarmos no aspecto da instrução e profissionalização, ou seja, da educação formal, até o momento anterior ao nascimento dos filhos. No Brasil, trata-se de uma condição peculiar aos estratos médios empregados nas funções mais bem remuneradas do campo das profissões liberais,

---

(3) A necessidade de se realizar estudos comparativos entre os diversos segmentos sociais presentes na sociedade brasileira, no âmbito da família, foi fortemente enfatizada por CORREIA (1988) e SCOTT (1988,1993). Esse segundo autor situa a importância das investigações que articulam organização doméstica e trabalho.

sensíveis ao apelo ideológico dos cânones do movimento feminino (mais evidentes à partir da década de 60), bem como à própria necessidade de potencialização do nível de status e consumo das famílias na fase do "milagre econômico brasileiro".

O nível de legitimidade da "saída às ruas" empreendido por essa geração de mulheres, fica patente na forma como se dá a delegação de certos aspectos do trabalho doméstico, anteriormente assumido por elas no seio da família, a outras instituições e serviços sociais (à escola, à Igreja, às clínicas de psicologia, aos espaços de lazer e recreação e outras instâncias da esfera pública). Trata-se, portanto, de um grupo que pode pagar, a outras instituições pela realização de algumas tarefas bastante sutis, ligadas à reprodução da família, ficando, as esposas como administradoras (e não como executantes) desse trabalho. Isso se observa, mesmo para os casais onde a atividade feminina não resulta num efetivo retorno econômico ao grupo-familiar.

Esse último dado nos faz pensar que o fato das mulheres saírem às ruas para trabalhar, e a própria delegação de algumas funções anteriormente atribuídas à família, ao mundo público, figuram como elementos cujo peso simbólico é tão forte para o segmento estudado quanto o que possam significar em termos de estratégias econômicas.

A relação processada entre essas famílias e tais instituições parece imprimir à feição das mesmas, principalmente no tocante à formação afetiva e à preparação profissional dos filhos, uma orientação que se pode qualificar como bastante independente e

auto-suficiente. Surge, frequentemente, no discurso dos cônjuges a idéia de que o domínio da família, enquanto núcleo agregador das tarefas de reprodução, pode ser substituído por outras instâncias sociais. E em consequência, a idéia de que a preparação para o casamento não é a prioridade principal da vida dos jovens. Essas considerações parecem colocar em cheque o próprio conceito de família enquanto lugar privilegiado da reprodução social.

Por outro lado, os próprios depoimentos obtidos na pesquisa assinalam a idéia de que os filhos dessas famílias estão voltando a se casar cada vez mais cedo, tal como os pais de seus pais, fazendo cair por terra a idéia de que essa formação para a independência poderia apontar para uma desestruturação da instituição familiar. Sobre os casamentos desses jovens, parece existir (por parte dos pais e deles mesmos) uma perspectiva de orientação tradicional, onde a união conjugal deve ser efetuada entre pessoas que comungam em termos de nível social e de aspirações, e destinada a durar "até que a morte os separe". É claro que esse dado coexiste, de fato, com um grande número de separações conjugais, que a cada dia se realizam mais precocemente em relação ao padrão cristalizado nas famílias de origem, frequentemente referidas nos próprios discursos dos informantes.

Do quadro acima, nos interessa resgatar uma problemática que se constrói à partir da relação das famílias estudadas com algumas outras instituições da sociedade, observando-se atentamente as possíveis modificações substanciais que se processam no modelo de família hegemônico nas camadas médias do Recife, ou nas expressões

empíricas desse modelo, cujas características principais são implementadas com a redefinição do papel das mulheres no mercado de trabalho. Trata-se, pois, de uma problemática que está imbricada com a questão da identidade e das representações das famílias, dos indivíduos, e de modo mais amplo, do grupo social abordado. Ao nosso ver, a forma assumida pelo conflito entre orientações e valores repassados aos filhos, em parte decorrentes da configuração do processo relacional a que se submetem as famílias em parte fruto das orientações advindas do seio das próprias famílias estudadas e seus grupos sociais de origem, vão caracterizar os sinais demarcadores de identidades dentro do universo social tratado.

Tentaremos, então, cotejar algumas das expressões que consideramos fundamentais para o entendimento dessa problemática.

## 1. METODOLOGIA

Neste capítulo, serão discutidos os aspectos concernentes às estratégias metodológicas adotadas no trabalho. A primeira parte contém uma definição do universo social pesquisado. Em seguida são tecidas considerações em torno da forma de obtenção dos dados utilizados e sua análise.

### 1.1 DEFINIÇÃO DO UNIVERSO SOCIAL TRATADO

Uma das perguntas iniciais de qualquer investigação sobre a temática da família situa-se precisamente na delimitação do conjunto social abordado. ~~Inicialmente,~~ <sup>No presente trabalho</sup> o fio condutor desta delimitação foi a questão teórica do pertencer a determinado segmento profissional da "classe média", precisamente o setor dos profissionais liberais mais qualificados e melhor remunerados na escala de poder e prestígio dessas profissões, um grupo que figura entre os mais altos níveis de renda e status em Recife. Esse primeiro delineamento foi traçado sob o ponto de vista da situação <sup>profissional</sup> ~~de trabalho~~ dos cônjuges das famílias em questão.

A busca de um conjunto de famílias que, para além da integração a essa grande categoria, pudesse ser entendido enquanto grupo que possui certo nível de coesão ideológica, foi operacionalizada empiricamente através da construção de outros dois indicadores. Isto é, buscamos famílias que, afora uma situação média comum em termos de profissionalização e ocupação, compartilhassem ainda outros elementos centrais de sua vivência

cotidiana. Desse modo, tomamos também como aspectos relevantes, o local de moradia dessas famílias (na suposição de que essa vivência comum promove uma participação quase que obrigatória, e não necessariamente intencional, das mesmas em certas redes de relações específicas. Por exemplo, o consumo de certos certos serviços tais como o supermercado, as lojas comerciais e padarias locais, o trânsito por ruas da localidade, etc); bem como a posição dessas famílias no "ciclo de vida do grupo doméstico".

Explicando mais detalhadamente o percurso metodológico que levou à definição do universo social tratado, podemos dizer que as famílias pesquisadas pertencem a um determinado segmento que pode ser identificado pelos critérios enumerados abaixo.

Em primeiro lugar, em todos os casais investigados, pelo menos um dos cônjuges (muitas vezes ambos), pertencem ao grande grupo dos profissionais liberais. Isto é, integram uma faixa profissional que desempenha atividade não manual, contam com instrução superior, e na maioria das vezes estão enquadrados no setor das atividades improdutivas (ou seja, não se empregam diretamente nas atividades de produção, e sim nas atividades de ordenamento sistemático do campo produtivo, ou ainda em atividades ligadas à prestação de serviços no campo humanístico).

Esse aspecto, entretanto, não pode ser tomado como o único condicionante na vinculação ideológica e social desse grupo, uma vez que a categoria dos profissionais liberais abrange uma vasta heterogeneidade em termos de ocupações, faixas de rendimento e

situações profissionais e de status. Por sua vez, essas diferenciações dão lugar a uma enorme diversidade em termos de visões-de-mundo, traduzidas em uma grande heterogeneidade com relação a afiliações religiosas e políticas, formas de organização familiar e outros aspectos. Assim, nos restringimos a lidar com um determinado setor dos profissionais liberais: especificamente, aqueles profissionais cujas atividades guardam ainda uma certa referência às noções de autoridade e independência no trabalho.

Para o grupo com o qual lidamos, o indicador de renda e poder aquisitivo ~~(relacionado à situação de trabalho)~~ desempenha uma importante função no sentido de sua delimitação, na medida em que o mesmo figura como um dos setores mais bem remunerados no universo das ocupações médias. O mesmo podemos dizer em relação à situação profissional (ou às <sup>em si</sup> ~~características~~ <sup>que descrevem</sup> ~~do~~ trabalho ~~em si~~), tanto sobre o aspecto pragmático do poder concreto que essa situação envolve, quanto sobre o simbolismo da superioridade implicado com o campo de tais ocupações. Queremos fazer menção à própria imagem (ou representação) da profissão liberal, que é dada como uma ocupação de elite. A gama das ocupações compreendidas no universo das profissões propriamente liberais podem ser identificadas como profissões de elite, tanto pela própria natureza da profissão, quanto pela forma de exercício tipicamente liberal. No primeiro caso, temos em mente as primeiras profissões tidas como liberais em nossa sociedade - a advocacia e a medicina, por exemplo. No segundo caso, nos referimos às atividades de consultoria, ao magistério superior e às atividades projetuais, mesmo quando aplicados a

profissões mais recentes, tais como a informática e outras. (1)

O segundo critério indicador de pertencimento a um determinado universo social foi construído em torno da questão do local de moradia. Ao nosso ver, a referência ao aspecto da localidade abrange não somente a dimensão da distribuição geográfica da malha social, mas incorpora elementos da história particular dos grupos locais, incluindo a questão dos movimentos de urbanização da cidade, que por sua vez já são influenciados pelos movimentos econômicos da sociedade (numa síntese entre natureza, cultura e economia).

A terceira preocupação que tivemos em mente na seleção das famílias investigadas, relaciona-se, desta vez, à idade e à estruturação dos grupos familiares. Resolvemos tratar com famílias que estivessem em duas situações específicas dentro do ciclo de vida do grupo doméstico. Especificamente a fase onde a família já tivesse filhos (adolescentes ou jovens) residentes no núcleo familiar, e a fase onde os filhos já estivessem adultos prestes a sair de casa, alguns já casados. Exetuararam-se, nessa escolha, casais recém-casados sem filhos, ou com filhos recém nascidos (o que nos levaria no geral a tratar com casamentos mais recentes), bem como famílias em fase de substituição (cônjuges bastante idosos

---

(1) Acrescente-se que a atividade de consultoria pode efetivamente se dar nos consultórios e escritórios particulares, bem como nas próprias empresas públicas ou privadas. Aqui, para além da forma de remuneração ou vinculação do profissional a uma empresa, considera-se a natureza de sua intervenção, que se dá em termos de consulta ou projeto.

onde já não houvessem filhos a serem criados em sua companhia) (2). Essa exclusão justificou-se, na medida em que se pretendia investigar casais que ainda vivessem a situação de residência com sua prole, uma vez que um dos elementos fundamentais de nossa análise recaiu na questão da socialização e orientação profissional dos filhos, bem como na orientação em relação à concepção de família e casamento.

Esse critério, por outro lado, permite delimitar a faixa de idade do grupo familiar, bem como as faixas de idades individuais dos membros das famílias. O que nos levou a tratar não só com grupos que vivem atualmente situações domésticas semelhantes, como também com indivíduos que viveram e vivem fases semelhantes de suas vidas em um mesmo momento histórico, compartilhando percepções e vivências específicas de uma determinada época.

Os critérios acima mencionados, "prepararam o terreno" para uma coleta de elementos que permitiu a reconstrução da base de socialização a que os indivíduos pertencentes às famílias pesquisadas foram submetidos. Entenda-se que, enquanto base de socialização, queremos elucidar o processo que se desenvolve nas famílias e nas redes de relação em que estas estão envolvidas, no sentido de possibilitar aos indivíduos uma vivência integrada aos padrões materiais e valorativos do grupo que os circunscreve, formulada através da comunhão de determinados valores, que advêm de uma vivência e de uma linguagem comuns. Essa linguagem é

---

(2) Esse raciocínio está baseado na idéia de ciclo de vida do grupo doméstico, desenvolvida por FORTES (s/d).

constituída de elementos que decorrem de uma determinada forma de relação das famílias com o mundo do trabalho, com o mundo da política, com a dimensão da religião e com outras instituições, dentro do espaço público, bem como de uma determinada forma de organização familiar, em sintonia com as perspectivas ideológicas recorrentes no segmento social tomado.

Definidos esses indicadores e após iniciado o trabalho de <sup>coleta e</sup> análise dos dados, verificamos que a população pesquisada apresentava certa coesão em termos de compartilhar algumas vivências, mas apresentava nuances bastante significativas em relação às percepções acerca de alguns aspectos fundamentais da vida, por exemplo, acerca das trajetórias profissionais de homens e mulheres, e de diversos aspectos concernentes à socialização dos filhos, entre outros.

No decorrer desse processo, nos demos conta de que o eixo fundamentador de algumas dessas distinções perceptivas poderia estar relacionado ao aspecto da origem familiar dos indivíduos cônjuges ~~das famílias entrevistadas~~, mais precisamente às distintas situações sociais das suas famílias de origem, e conseqüentemente às distintas condições de vida que experimentaram na infância, adolescência e juventude, uma vez que quanto ao aspecto da situação econômica e de trabalho com que contam atualmente, não existem grandes diferenciações entre os indivíduos e os grupos familiares pesquisados.

Seguindo o espírito da hipótese lançada, seria naturalmente

esperado que a lógica da análise empreendesse uma agregação dos dados de modo a ordená-los em três blocos: informações sobre as famílias onde ambos os cônjuges descendem de grupos de elite; informações sobre famílias onde ambos os cônjuges descendem de camadas de baixa renda; e informações relativas às famílias onde um cônjuge descende da elite e o outro descende das camadas de baixa renda. Poderíamos cotejar ainda os casos onde os cônjuges advêm de famílias que estão integradas e estabilizadas em situações médias (em termos econômicos e de status) há mais de uma geração; bem como poderíamos matizar as situações onde o cônjuge feminino advêm da elite (e não o masculino), sendo o seu par oriundo das camadas de baixa renda, e vice-versa.

A nossa análise, entretanto, aborda os dados de forma simplificada, por considerar (à luz das próprias informações colhidas) que a tendência das famílias onde exista um cônjuge oriundo da elite (sendo o outro oriundo das camadas de baixa renda) <sup>ou não</sup> se apresenta de modo a assumir o status do grupo de maior poder aquisitivo e social. Do mesmo modo, as informações relativas às famílias oriundas de grupos estabilizados em "situações médias" há mais de uma geração, tenderam a uma equalização simbólica (ou de habitus) para com as famílias oriundas dos grupos de elite. Em todas as categorias sociais mencionadas acima, identificamos uma perspectiva de ação que pode ser esquematicamente traduzida em termos de manutenção do nível de status e poder aquisitivo já ~~disputado~~ <sup>disputado</sup>, procurando-se garantir que este não seja rebaixado.

Por outro lado, nas representações (traduzidas em estratégias de ação concretas) encontradas no universo das famílias que estão

ingressando no nível das camadas médias (cujos cônjuges têm, portanto, origem nas camadas de trabalhadores de situação <sup>econômica e</sup> social inferior), identificamos uma perspectiva de ação que pode ser representada, a grosso modo, em termos de estratégias de ascensão social, isto é, estratégias para galgar uma situação econômica e de status superior à de suas famílias de origem.

*Para os casos onde os cônjuges apresentavam situações distintas em termos de origem familiar* relação à questão de discutir se o parentesco com grupos de elite se dá através do cônjuge feminino ou masculino, nosso pensamento é o de que tal nível de considerações seria de grande importância, dado à força reveladora das relações de gênero contidas em tal argumento. Todavia, procuramos considerar tais aspectos no âmbito total da análise, e não como assunto especificamente topificado, o que viria a fragmentar por demais o esquema analítico do nosso estudo.

A partir dessas constatações, nossa análise empreendeu um tratamento aos dados de forma a agregá-los em dois blocos, segundo a origem familiar dos informantes, analisando separadamente as informações relativas às famílias onde existe pelo menos um dos cônjuges descendentes de grupos de elite, e as informações relativas às famílias cujos cônjuges descendem ambos de camadas assalariadas de baixa renda.

## 1.2. COLETA DE DADOS

A maior parte dos dados utilizados foram conseguidos através de entrevistas semi-estruturadas com as famílias, onde procuramos colher depoimentos sobre as relações entre os cônjuges, seus filhos

e pessoas outras residentes ou não nas unidades domésticas (famílias de origem e outros parentes, empregados, e não-parentes).

Procuramos também tomar depoimentos que versassem sobre a relação dos indivíduos com seus trabalhos extra-domésticos e outras redes de relação externas, tais como Igrejas, partidos políticos, clubes sociais, etc... Nosso objetivo foi o de entender em que medida se dá a interferência das prescrições de tais instituições na dinâmica das famílias, e em que medida a organização familiar dos grupos se choca com tais prescrições. Desse modo, visamos apreender os aspectos conflituais que se esboçam necessariamente no cerne de tais relações.

Junto aos núcleos familiares foram realizadas 22 entrevistas, abrangendo um total de 13 famílias, das quais apenas 18 entrevistas foram utilizadas mais diretamente. *As demais foram menos utilizadas não* pelo fato destes informantes *se* enquadrarem ~~em~~ perfeitamente nos critérios de idade, ou situação conjugal requerida. Os entrevistados foram basicamente os dois cônjuges de cada grupo familiar. Em quatro das famílias, porém, só foi possível entrevistar um dos cônjuges. (Ver anexos 1 e 2). Através dos depoimentos, pudemos ter acesso às informações ligadas tanto à vida anterior ao casamento dos indivíduos e suas relações com as famílias de origem, quanto à base estrutural de funcionamento das famílias que constituíram pós-casamento.

Realizamos, *ainda* ~~também~~, uma única entrevista com uma mulher chefe de família, embora essa tenha sido também pouco utilizada, uma vez que nossas atenções se voltaram mais precisamente para a dinâmica

das famílias consideradas completas (cônjuge masculino, cônjuge feminino e filhos), por imaginarmos que a problemática das famílias que viveram separações conjugais mereceria um estudo próprio, o que viria a ampliar por demais o âmbito de nossa investigação. Essa entrevista, todavia, foi utilizada como uma fonte restrita de dados de controle.

Em algumas situações, tomamos ~~nada~~ o depoimento de pessoas representantes de outras instituições (sempre relacionadas às famílias, especificamente estudadas). Em tais casos, diferentemente das entrevistas com os cônjuges (que foram realizadas de forma bastante sistemática e de cuja estrutura falaremos mais tarde), essas entrevistas foram mais restritas e informais, muitas vezes versando sobre assuntos específicos previamente delineados. Nessas circunstâncias, foram entrevistados um padre, algumas senhoras participantes do movimento pastoral ligadas à paróquia de um dos bairros, bem como um diretor de clube social, três profissionais de saúde (incluindo duas psicólogas e um médico) e três profissionais de educação, sendo dois deles professores universitários, e a terceira, uma professora do Estado. O diretor de clube social, bem como os profissionais de saúde e educação acima referidos são integrantes das próprias famílias pesquisadas, que foram entrevistados também na qualidade de representantes das <sup>suas</sup> respectivas áreas profissionais ~~em que se envolvem~~. Nessas ocasiões, foram tratadas com eles questões que objetivavam alcançar suas concepções, do ponto de vista do profissional, acerca de algumas problemáticas familiares. (Ver quadro demonstrativo no anexo 1).

O objetivo dessas últimas entrevistas foi fazer um contraponto

entre os discursos dos membros das famílias (quando versavam sobre suas relações com tais instituições), <sup>e</sup> ~~mas~~ o discurso desses representantes de outras instituições, mais aproximado de um discurso institucional normativo e formal.

O contato com esses informantes foi invariavelmente intermediado por terceiras pessoas (afora o pesquisador e o entrevistado). Esses intermediários desempenharam o papel de agentes de contato, devido ao fato de se relacionarem às famílias em questão, na qualidade de amigos ou membros, e à nós, na qualidade de amigos, conhecidos, ou simplesmente pessoas ligadas ao meio acadêmico que aceitaram contribuir com o estudo. A eles foi pedida a indicação de famílias residentes nos bairros escolhidos que se enquadrassem nos demais critérios adotados, outras indicações foram feitas por informantes já entrevistados.

Através dessas indicações (acompanhadas de telefonemas dos agentes de contato aos possíveis entrevistados), pudemos desfrutar de uma aproximação um pouco maior com as famílias pesquisadas. De nossa parte, fazíamos também em contato telefônico inicial, onde <sup>lhes</sup> respondíamos ~~lhes~~ algumas questões sobre a natureza da pesquisa, e marcávamos um horário para o encontro.

Ainda assim, alguns informantes se mostraram bastante reticentes ao falar sobre a vida familiar ~~com uma pessoa, de certa forma, estranha~~, limitando-se a responder as questões de maneira formal. Mesmo no contato com famílias junto às quais já éramos conhecidos e desfrutávamos do status de amigos (particularmente o

caso de três famílias a que chegamos indicados por membros das mesmas, ~~com os quais temos amizade~~, as relações estabelecidas na situação de entrevista foram substancialmente diferentes das anteriormente mantidas, configurando-se como espaços de interação pouco confortáveis. A presença do gravador, nestes contextos, acentuam o caráter de pouca intimidade e a artificialidade do momento de entrevista. Todavia, houveram também informantes que se envolveram com os assuntos, fizeram confissões, chegando alguns ao desabafo, principalmente após desligarmos o gravador.

A maioria dos entrevistados, com exceção do padre e de outras poucas pessoas, fizeram referências à questão da preservação de suas identidades<sup>x</sup> como uma condição indispensável para que aceitassem colaborar com a pesquisa. Nessas situações, que geralmente ocorreram no início das entrevistas, colocávamos que não era nosso objetivo revelar os nomes dos informantes em nenhum momento do trabalho, e que as entrevistas seriam utilizadas com total discrição. (3).

O roteiro das entrevistas com os cônjuges foi estruturado de modo a abranger as atividades que podem ser consideradas como as mais importantes da vida familiar. Ou seja, aquelas que se apresentam como indispensáveis no processo de manutenção do patrimônio, do nível de status e dos valores do grupo. A operação de reificar algumas atividades fundamentais dentro da dinâmica

---

(3) BOTT (1976 : 35), em "Família e Rede Social", um estudo realizado com famílias inglesas de camadas sociais diversas, faz referência à exigência do anonimato como condição essencial à colaboração dos informantes; bem como à utilização de instituições que prestam serviços as famílias, como "agentes de contato entre os pesquisadores e estas.

familiar promove uma aproximação para com a dimensão do "funcionamento" do grupo doméstico. Para a apreensão dessa "dimensão funcional" da família, utilizamo-nos de um esquema teórico proposto por WILK e NETTING (1984) e modificado em alguns elementos por SCOTT (1988), que apresenta uma relação de cinco esferas básicas de atividades ligadas ao grupo doméstico.

Essas esferas de atividades, tal como mencionadas na referida literatura, são: 1. a esfera da **produção**, que compreende a relação da família com o mundo dos trabalhos extra-domésticos, ou melhor, as atividades necessárias para se conseguir os recursos que possibilitam o atendimento da demanda material da família; 2. a esfera da **distribuição**, ou seja, a aplicação interna desses recursos segundo a demanda da unidade doméstica; 3. a esfera da **transmissão**, que abrange as idéias de repassar e poupar (ou acumular) à família o que é necessário ao seu funcionamento, compreendendo-se desde os ~~g~~ <sup>investimentos</sup> materiais e subjetivos para com a formação dos mais jovens, até a formação de um patrimônio, quer em termos materiais, quer em termos do que Pierre Bourdieu chamaria de "capital cultural"; 4. a esfera da **socialização**, que diz respeito à inserção dos mais jovens em certas redes de relação familiar e social (por exemplo, Igreja, clubes sociais, o consumo de certas informações televisivas, etc), através das quais se processa o aprendizado de uma linguagem ~~característica~~ <sup>própria</sup> ao grupo, ~~e cujo~~ <sup>de referência vivenciado</sup> domínio por parte dos integrantes confere a legitimidade desse grupo perante a sociedade; 5. e por último, a esfera da **có-residência**, que diz respeito à dimensão mais interna da casa, seu

funcionamento doméstico, abrangendo as relações interpessoais entre os indivíduos na unidade doméstica e, nessa perspectiva, as relações de intimidade entre os cônjuges e os membros da família como um todo, os cuidados para com os filhos menores, a relação com os empregados, etc...

O objetivo desse esquema analítico das atividades da família, que funcionou como uma base sob a qual estabelecemos o nosso roteiro de entrevistas, foi a apreensão dos mecanismos pelos quais se processa <sup>na prática</sup> a reprodução dos grupos familiares investigados.

Um outro nível de atenção objetivado na construção de tal roteiro foi a apreensão da dimensão conflitual subjacente às relações dos membros da família entre si, e da família para com a sociedade mais ampla. SIMMEL (1983) chama a atenção para a presença disseminada de algum nível de conflito na relação entre pessoas e/ou grupos, afirmando que o foco das investigações da sociologia deveria ser centrado nos aspectos conflitivos das relações sociais.

Essa vertente da análise se constitui à medida em que o autor compreende a necessidade de ter, a sociologia, um objeto próprio, uma vez que nem tudo o que acontece na sociedade merece o nome de social ou pode ser por ela interpretado e compreendido. Acreditando que o processo básico de "sociação" (que seria para ele a dimensão absolutamente dinâmica da sociedade, ou seja, o constante fazer, desfazer e refazer das relações sociais) é constituído, por um lado, pelos impulsos dos indivíduos, e por outro lado, pelas formas conflituais que essas motivações assumem em sociedade, SIMMEL afirma que essas formas particulares e diversas é que vão

constituir o objeto próprio da sociologia. Do mesmo modo, a natureza dos impulsos em si (ou o conteúdo fundamentador das relações), serve mais propriamente como objeto para outras "ciências da moral" (4). Esta distinção é fundamental no arcabouço da "sociologia formal" desenvolvida pelo autor. Os impulsos, porém, sempre se apresentarão de modo a gerar situações de conflito, pois para o autor, a sociedade é conflitiva.

Para ilustrar a dimensão do antagonismo estrutural de todas as formas de relações humanas, a "sociologia do conflito" de SIMMEL se utiliza da distinção entre conflito e indiferença. O conflito seria a essência e o fundamento de qualquer relação social, sinônimo de interação. Mesmo quando ele se apresenta de forma radicalmente antagônica, ainda assim significa interação. Existe sempre uma tensão que liga dois pólos antagônicos, integrando-os. Em contraste, a indiferença representa a negação pura de uma interação, ou a não interação.

VELHO (1981) se utiliza de uma confessa inspiração na teoria do conflito simeliana, mais propriamente na idéia de fragmentação da experiência dos indivíduos expostos a uma multiplicidade de relações, nas sociedades complexas. Para este autor, o conflito gerado pela simultaneidade dessas experiências é passível de solução em dois níveis. No primeiro, o "individualismo", precedido

---

(4) Cabe acrescentar que SIMMEL propõe uma distinção entre forma e conteúdo apenas como uma estratégia que visa facilitar o acesso ao social, distinguindo-o do campo da psicologia, da filosofia e de outras ciências irmãs. Nesse sentido, essa distinção significa uma estratégia de abordagem, e não a concepção de que essas realidades seriam segmentadas ou estanques.

pela formulação de um projeto individual, se apresenta como alterantiva. No segundo nível, a solução para tal ambiência conflitiva viria através de um "mergulho radical" em um tipo de "experiência totalizadora", a partir do qual ocorre a identificação com determinado grupo. Em ambas as posições, entretanto, a atenção do autor parece se voltar quase que exclusivamente para o limite do indivíduo. O conflito do qual se dá conta com maior clareza, parece ser o conflito interpessoal, tratando com certa indiferença a interferência das relações de poder existentes entre os grupos constituídos na sociedade, bem como a mediação das instituições sociais nessas relações de poder.

De nossa parte, o que nos interessa apreender é o conflito gerado, na relação entre a instituição familiar e outras instituições a ela relacionadas, pela superposição de papéis e atividades entre tais instituições na sociedade, mesmo quando a expressão deste conflito é apreendida no nível interpessoal.

Desse modo, lançando mão das concepções da sociologia formal e tentando instrumentalizar o princípio básico da teoria do conflito, resolvemos observar atentamente todos os elementos esboçados no discurso dos entrevistados, que viessem a revelar interações, portanto conflito, entre as famílias e outros agentes. Principalmente quando o discurso de tais agentes representa o discurso oficial de outras instituições.

Assim, sobre cada uma das esferas de atividades da vida familiar, foram elaboradas questões com o objetivo de apreender o

conflito envolvido nessas situações. Ou seja, no domínio privado buscou-se apreender o conflito interno à unidade doméstica e o conflito relativo a outras relações de intimidade (incluindo as relações afetivas) dos indivíduos e grupos. No domínio da vida pública, objetivou-se apreender o conflito posto na relação da família com o mundo do trabalho de seus membros, e de modo mais amplo, nas relações entre família e algumas instituições cuja atuação se volta a um domínio bastante próximo ao âmbito privado.

Uma certa atenção foi dada ao conflito emergente da relação entre os grupos familiares e os agentes produtores de idéias, ou seja, da relação de consumo de produtos da mídia e de outros produtores intelectuais (por exemplo, a leitura de jornais, revistas e outros tipos de leitura, e ainda a audiência de programas de televisão).

Contudo, essa investigação limitou-se ao registro das percepções dos entrevistados sobre os conteúdos veiculados por tais instâncias, não sendo possível se proceder a uma investigação mais ampla, onde se observasse mais objetivamente os próprios conteúdos veiculados por tais instrumentos.

A apreensão da forma de expressão dos conflitos que envolvem a família, e que em essência estão imbricados com a relação entre os domínios público e privado da sociedade, é para nossa investigação de fundamental importância, uma vez que compreendemos, seguindo as pistas deixadas por SIMMEL, que a configuração da identidade dos grupos na sociedade está fortemente relacionada ao nível e ao modo pelos quais se dão as interações entre indivíduos, grupos, e

instituições sociais, bem como à forma pela qual se expressam os conflitos advindos dessa relação. A organização doméstica (ou familiar) não poderia, de outro modo, fugir às influências dessas interações.

Deste modo, preocupa-nos aqui compreender as características próprias a cada um dos dois conjuntos de famílias tratados, por exemplo, em relação às formas diferenciadas de consumir certos serviços oferecidos pelas instituições fora da família, em relação às diferentes representações que fazem deste consumo, entre outros aspectos.

## 2. CAMADAS MÉDIAS E TRABALHO

Escrever sobre camadas médias, seja sob o ponto de vista da família ou sobre outro qualquer aspecto, requer necessariamente uma incursão aos perfis paradigmáticos historicamente constituídos desta categoria, e ainda uma forte ênfase ao aspecto do desenvolvimento capitalista na situação histórica particular do contexto investigado.

Este capítulo está dedicado à apreciação da questão das camadas médias de forma estrutural, compreendendo-as como categorias sociais que emergiram no processo de desenvolvimento capitalista e cuja presença intensificou-se e diversificou-se com a expansão da Industrialização na era do capital monopolista.

Com o objetivo de traçar um esboço do aparecimento e da trajetória dos grupos que se denominam de modo genérico como camadas médias da sociedade, teceremos inicialmente algumas considerações sobre tais categorias e suas relações com o trabalho, com base nos dados da experiência norte-americana, que representa um importante modelo de desempenho desses grupos (1). Procederemos, nessa apreciação, a um resgate de conceitos fundamentais para a compreensão do assunto, tais como a idéia da "antiga classe média norte americana" e sua relação com a

---

(1) Para tal apreciação usaremos informações contidas em C. Wright Mills: "A nova classe média White Collar", 1979 (escrita em 1951), bem como em Harry Braverman: "Trabalho e Capital Monopolista. A degradação do trabalho no século XX", 1987.

propriedade; a idéia da "nova classe média", seu longo processo de expropriação e achatamento social e sua moderna relação com o trabalho, e à categoria dos "profissionais liberais" e suas características em termos de atividades profissionais e inserção social.

Em seguida, teceremos considerações a respeito <sup>da problemática</sup> ~~do aparecimento~~ das camadas médias <sup>no Brasil</sup> ~~brasileiras~~, discutindo as peculiaridades de suas trajetórias sociais, tendo em vista os dados de nossa história econômica e política, e dando atenção particular a alguns processos vividos por estas à partir do final da década de 60, cujos acontecimentos podem ser tomados como fatos particularmente significativos para o segmento social estudado. (2)

## 2.1. A DEGRADAÇÃO DO TRABALHO DAS CAMADAS MÉDIAS DAS SOCIEDADES

O aparecimento e decadência de uma sociedade de pequenos proprietários rurais nos EUA, a "antiga classe média americana", e por outro lado a emergência de uma "nova classe média de colarinhos brancos", mais ligada ao espaço urbano e mais próxima do que conhecemos no Brasil como camadas médias, foi objeto de exaustivos estudos por parte de C. Wright Mills.

Diferentemente do que ocorreu com a chamada "classe média

---

(2) Esse resgate será empreendido basicamente através das obras de Décio Saes: "Classe Média e Sistema Político no Brasil", 1985, e Luiz Roberto Lopes: "História do Brasil Contemporâneo, 1991.

européia", originada a partir das tradições feudais, e onde a massa de camponeses que ocuparam a terra jamais chegaram a se transformar em empresários rurais, a "antiga classe média americana" teve como origem um conjunto de fazendeiros dispersos, que compraram lotes de terras relativamente baratos, frutos de propriedades confiscadas no processo da revolução americana. (3) Formaram, desse modo, o chamado "mundo do pequeno proprietário", que floresceu entre o período do mercantilismo/agricultura de subsistência e a era dos monopólios das grandes firmas, numa curta trajetória de tempo, considerando-se que já nos anos 30 desse século as características monopolistas evidenciaram-se na América Inglesa. Naquele momento, os pequenos proprietários rurais já estavam impossibilitados de tocar seus negócios de forma autônoma, pois não conseguiam retirar da terra o suficiente para pagar os serviços de infra estrutura de que necessitavam (impostos, eletrificação etc...)

Paralelamente, monopolistas rurais e urbanos atacavam o mercado, definindo os preços e exercendo controle sobre a sociedade através da penetração na vida política.

Durante seu breve período de hegemonia, duas características fundamentais se apresentavam no perfil da "sociedade dos pequenos proprietários norte-americanos". A primeira consistia no fato de que a propriedade incutia-lhes um sentimento de liberdade e

---

(3) Wright Mills usa o termo Revolução Americana ao referir-se à guerra civil ou "Guerra de Secessão" (1861-1865) posterior à Independência dos Estados Unidos (1776).

segurança. Por volta de 1800, aproximadamente quatro quintos dos trabalhadores livres eram proprietários (MILLS, 1979 : 29) e os indivíduos que não possuíam terra tinham a idéia de que poderiam vir algum dia a viver tal situação.

A segunda característica, também relacionada à questão da propriedade, residia no fato de que tal sociedade se apresentava para seus integrantes como um conjunto de equilíbrio automático, regulada unicamente pela força individual de seus membros, que podiam conduzir os movimentos da economia segundo as demandas de seus próprios interesses. A não existência de uma tradição feudal, ou de um estado burocrático, colocava para os indivíduos a visão de que era possível se fazerem a si próprios. A liberdade individual, assentada na propriedade da terra, parecia ser o princípio da ordem social. Nisso residia a base da idéia de democracia.

Mas a transformação dessa situação de propriedade, no século XX, vai modificar de forma efetiva a perspectiva de auto-regulação da sociedade. O cenário social, no âmbito rural, começa a ser ocupado por números cada vez menores de proprietários e cada vez maiores de arrendatários, indivíduos que, entre 1925 e 1935 foram obrigados a vender suas terras (4).

---

(4) Para ilustrar tal situação, C. Wright Mills coloca que em 1880 os agricultores proprietários eram metade da população ativa dos Estados Unidos. Em 1949 estes passaram a representar não mais que um oitavo desta população. A perda efetiva das terras deu-se em geral através das hipotecas e dos ônus de juros (MILLS : 1979 : 37).

O processo de concentração da propriedade fez com que muitos dos antigos empresários e seus filhos passassem a ocupar os estratos sociais inferiores dos não proprietários, transformando-se em meeiros ou meros assalariados nas grandes fazendas comerciais e empresas agrícolas. Outros tomaram o caminho da cidade. Quanto aos que foram desde o início arrendatários, realmente muito poucos chegaram a possuir alguma terra.

No âmbito das cidades, o pequeno empresário urbano, que se limitava ao pequeno negócio no setor de serviços e comércio varejista, ao contrário do agricultor, jamais formou uma camada social numerosa que pudesse desempenhar um papel determinante na esfera econômica. Quanto aos fazendeiros falidos que imigraram para a cidade, esses raramente adquiriram propriedades comerciais e tornaram-se comerciantes e produtores livres. E para o homem urbano comum, restava-lhes apenas trabalhar como artesãos, sob o controle de um capitão da indústria.

Desde antes da guerra civil, quando uma nova rede de transportes uniu algumas regiões em um mercado nacional, os artesãos começaram a trabalhar para grandes comerciantes. Da mesma forma, os pequenos produtores independentes passaram a concorrer com empresas de muito maior porte, e as necessidades de matéria-prima, de capital e de infra-estrutura para a distribuição foram colocando-os sob o domínio de homens mais ricos.

No espaço rural, a crise capitalista americana iniciou-se para o pequeno produtor na década de 1920-1930, durante a qual os

produtos agrícolas sofreram <sup>uma</sup> ruínosa queda de preços. Essa queda tem como causa, principalmente a contração do mercado interno (que sofreu as consequências geradas pela estabilização da população e pela emergência dos produtos industriais), e ainda a redução dos mercados estrangeiros por influência da concorrência de outras áreas econômicas do mundo, então em desenvolvimento. A concentração das propriedades rurais e a aplicação de tecnologias às indústrias somaram-se a esse processo, levando a uma evidenciação paulatina das características monopolistas na sociedade dos pequenos proprietários.

MILLS assinala ainda que a expansão tecnológica em curso nas primeiras décadas do século XX (e seu emprego crescente às indústrias) acarretou um grande aumento na produção. Por outro lado, o mercado continuava estagnado como consequência do pós-guerra. Como forma de viabilizar sua sobrevivência, os capitães da indústria se reuniram e criaram as primeiras estruturas do que viria a se tornar posteriormente um monopólio anônimo.

Com o processo de concentração das empresas, surgem os grandes homens de negócios, representados pela imagem do indivíduo cuja característica principal é a habilidade em usar dinheiro público, ou de outrem, para seu próprio lucro, colocando-se estrategicamente sob o abrigo das leis.

Essa concentração leva, a um aumento de complexidade no modo de produzir e de administrar tais empresas, e promove uma efetiva

diferenciação nas características da relação entre os trabalhadores e as suas tarefas, e na relação entre os trabalhadores e as instituições.

Analisando-se de um modo geral as transformações ocorridas na esfera do trabalho, no século XX, observa-se que a mecanização e a aplicação da racionalidade tecnológica aos processos produtivos acarreta aumento de produtividade. Com isso, cresce necessariamente também o setor de distribuição e faz-se imprescindível, tanto ao nível da produção quanto ao nível da distribuição, a ampliação das funções de coordenação (5). A conformação da divisão do trabalho decorrente desse processo  $x$  implica numa especialização de competências até então desconhecida  $x$  que abrange a manipulação de símbolos abstratos e as tarefas de controle e acompanhamento do trabalho de terceiros. E pelo fato de se empregar esta mecanização e esta racionalização, mais efetivamente ao âmbito de produção, e menos ao âmbito da distribuição, verifica-se um número cada vez menor de indivíduos que manipula objetos e um número cada vez maior de indivíduos que manipula símbolos e administra pessoas.

A emergência e o crescimento numérico desta categoria de ocupações mais subjetivas - a administração e a manipulação de símbolos - assinala o crescimento das novas ocupações médias,

---

(5) Esse raciocínio está contido tanto nas considerações de MILLS (1979), quanto em BRAVERMAN (1987).

esfera que mobiliza enormes volumes de trabalho improdutivo (6).

Representam, portanto, categorias profissionais de características bastante distintas da antiga classe média, cujo apogeu deu-se no âmbito rural. O aparecimento da "nova classe média white collar", tal como referida por C. Wright Mills, de extração efetivamente urbana, é um fenômeno próprio da sociedade baseada em instituições, que emerge no século XX. Surgiram para desempenhar funções técnicas e burocráticas de controle e acompanhamento da produção no mundo das empresas privadas para seus cada vez mais amplos mercados. No âmbito governamental, sua presença fez-se igualmente imprescindível nas esferas administrativas, jurídicas e outras instâncias da burocracia do Estado. Suas oportunidades de sucesso profissional, que consistem em receber uma renda, exercer

---

(6) Usamos o conceito de trabalho improdutivo tal como o concebe Harry Braverman, enquanto o trabalho necessário à "concretização" e "apropriação", pelo capital, de um valor excedente de produção, embora não diretamente envolvido com a produção desse valor excedente. O autor afirma que:

"O trabalho pode pois ser improdutivo simplesmente devido ao fato de que ocorre fora do modo capitalista de produção, ou devido a que, enquanto ocorre dentro dele, é utilizado pelo capitalista, em seu impulso para acumulação, para funções improdutivas mais que produtivas". (BRAVERMAN, 1987:351)

Encontra-se aí a idéia de que ao mesmo tempo em que o trabalho improdutivo declinou fora do alcance do capital (o que é expresso, por exemplo, pelo declínio numérico e posterior desaparecimento das antigas classes médias norte-americanas de proprietários rurais), aumentou dentro de seu âmbito, com a expansão da distribuição e o aparecimento dos "white collars". Deste modo, a grande massa de trabalho que era tida como improdutiva porque não trabalhava para o capital, na fase monopolista foi transformada em massa de trabalho improdutiva, porque trabalha para o capital, uma vez que o modo de produção capitalista subordinou a si mesmo todas as formas de trabalho.

poder interpessoal na relação de trabalho, gozar de prestígio e utilizar habilidades, são determinadas pelo mercado de trabalho, pela grande estrutura de instituições públicas e privadas que constituem seu espaço de interesse profissional, e nas quais não poderão ser mais do que meros integrantes das folhas de pagamento.

A redução numérica dos antigos setores independentes da classe média norte-americana, evidenciada nas primeiras décadas deste século, significa apenas a expressão do fenômeno de concentração da propriedade. E por outro lado, a grande ascensão numérica dos novos empregados assalariados deve-se aos mecanismos industriais que deram origem às novas ocupações da classe média, funções específicas dentro de uma nova divisão social do trabalho.

O fato de que a nova classe média, desempenhando seu trabalho improdutivo, atue principalmente em ocupações ligadas à manipulação de símbolos e controle do trabalho de terceiros, não significa que esteja desempenhando um trabalho intelectual. BRAVERMAN, (1987 : 267) dá como exemplo o próprio trabalho em escritório, considerado como uma atividade expressiva dentro do universo das ocupações de gerência exercidas pelas camadas médias do início do século. Modernamente este trabalho sujeitou-se a um alto nível de racionalização, onde as funções pensantes e de planejamento ficam centradas em grupos cada vez menores dentro do escritório, enquanto as demais atividades deste, tornam-se funções tão manuais quanto os trabalhos ligados à produção propriamente dita. Elabora-se uma redução do trabalho mental à execução repetitiva de uma série de atividades, que embora envolvam a manipulação de símbolos, utilizam

atividades, que embora envolvam a manipulação de símbolos, utilizam o cérebro do operador do mesmo modo como é utilizada a mão do trabalhador no pormenor da produção. Esse processo dá-se de forma própria e particular para <sup>as</sup> diferentes ocupações médias. De um modo geral, pode-se dizer que quase todas as categorias conhecidas por desempenharem tradicionalmente atividades profissionais integrais, acabaram sofrendo grande segmentação em seu trabalho. Por outro lado, a forma particular com que esta segmentação se dá para os diferentes grupos de ocupação, resulta num processo de grande diversificação de níveis de autoridade e remuneração, num movimento que separa progressivamente o trabalho manual das atividades pensantes dentro das próprias atividades das camadas médias.

A posição da nova "classe média" na estrutura social deve ser mensurada levando-se em consideração as variadas possibilidades de identificação <sup>social</sup> com que convivem, devido às suas relações com os proprietários dos meios de produção, por um lado, e com os demais trabalhadores, por outro. Diferentemente das primeiras massas de classe média que desapareceram, elas correspondem cada vez mais à definição de classe trabalhadora, pois, tal como essa, não possuem independência ocupacional, são empregadas pelo capital e não possuem nenhum acesso ao processo de trabalho ou aos meios de produção fora do emprego.

Por outro lado, e principalmente para algumas categorias específicas, isso não lhes retira o poder de comando sob outros indivíduos na empresa. Em virtude de suas posições gerenciais elevadas, poder de decisão sobre certos assuntos, lugar privilegiado na hierarquia do processo de trabalho, e o fato de terem abaixo de si todo um escalão a quem instruem, avaliam e

supervisionam, exercem um poder que é real, embora meramente atribuído pelos grandes capitalistas, à semelhança de um poder virtual. A posição de tais trabalhadores pode, portanto, ser julgada melhor por sua relação com o poder e a riqueza que os comanda de cima e com a massa de trabalho sob eles, às quais ajudam a comandar e controlar.

Essa relação simultânea e ambígua com a esfera de poder e a massa trabalhadora, estabelece gradações dentro das atividades, que se estruturam em níveis de autoridade e perícia técnica, e exprimem diferenças efetivas em termos de nível de remuneração, garantia no emprego, situação de contarem ou não com serviços de apoio administrativo, acesso à decisão de demitir ou admitir funcionários do escalão inferior, etc. As diferenças configuradas em termos de dos aspectos da autoridade e da perícia técnica conformam uma pirâmide hierárquica entre as atividades, cujos níveis mais inferiores já não contam com quase nenhuma das prerrogativas de poder dentre as acima mencionadas. Tais níveis de trabalhadores integram o conjunto das camadas médias, apenas pelo fato de serem trabalhadores assalariados que se ocupam em atividades de manipulação de símbolos, e não na produção propriamente dita.

A idéia de demiurgo administrativo, formulada por MILLS, é fundamental para elucidar o processo de hierarquização e extrema separação entre as atividades manuais e não manuais na estrutura das sociedades industrializadas. É o próprio espírito da burocracia que se incorpora inclusive no seio das profissões liberais, antes tidas como atividades intelectuais. O conceito abrange a idéia de

que a ampliação da produção acarreta, em seu bôjo, uma simultânea centralização dos meios de administração. E cresce, deste modo, o número de dirigentes em todas as esferas da sociedade moderna, os tão mencionados gerentes. Por outro lado, aumenta em proporções imensamente maiores a massa de trabalhadores que atendem a essas vozes de comando gerenciais.

"o demiurgo administrativo não significa apenas que uma proporção crescente de pessoas trabalha e vive segundo as regras da burocracia comercial, governamental e sindical. Significa que, em sua cúpula, a sociedade torna-se um entrelaçamento complicado de hierarquias públicas e privadas, e em sua base setores cada vez mais numerosos são controlados e manobrados" (MILLS: 1979:97).

## 2.2. ESPECIFICIDADE DAS PROFISSÕES LIBERAIS

As profissões liberais, que já existiam sob formas menos sistematizadas desde muito antes da revolução industrial, foram visivelmente potencializadas e ampliadas no processo de desenvolvimento capitalista. De atividades que se situavam mais propriamente em torno das "humanidades" e do universo artístico, literário e jurídico, enquanto capacidades do domínio intelectual utilizadas como fontes de renda, status e poder, passaram a interferir na produção, assumindo tarefas e funções de coordenação e organização empresarial, e incorporando a esfera das atividades técnicas e industriais.

Vale aqui lembrar que no início do processo de desenvolvimento industrial, os profissionais liberais ligados às atividades técnicas usufruíam de uma situação bastante privilegiada, pois se empregavam invariavelmente em funções de real controle sobre a

empregavam invariavelmente em funções de real controle sobre a produção, bem como no topo hierárquico da burocracia. Dentro das hierarquias ocupacionais, lhes eram reservadas as funções dos mais altos postos de gerência, contando evidentemente com as melhores remunerações.

E para completar, essas ocupações implicavam em um treinamento de nível superior longo e especializado, acessível apenas a indivíduos pertencentes a grupos integrantes das elites econômicas e intelectuais. Isso facilitava ainda mais a inserção desses profissionais nas esferas de decisão empresarial e nos circuitos de poder da sociedade.

Porém, esse mesmo desenvolvimento capitalista operou no âmbito das profissões liberais, quer entre as atividades intelectuais tradicionais (as profissões humanísticas), quer entre as atividades técnicas (as engenharias e outras), uma transformação que as fez paulatinamente perder a autoridade coordenadora, e transformou a maior parte do que eram antes atividades pensantes em meras atividades de rotina. Os profissionais perderam assim a independência de decisões, manifestada anteriormente pelo controle integral de seu trabalho, de seus horários e de seus honorários. MILLS, ainda na década de 50, analisando a situação dos profissionais liberais, afirma:

"A maioria desses profissionais é composta hoje de empregados assalariados; suas funções foram em grande parte fragmentadas, padronizadas e adaptadas às novas organizações hierárquicas que usam as capacidades e serviços intelectuais; uma especialização intensa e restritiva substituiu a cultura geral; assistentes e semi-profissionais executam tarefas de rotina, muitas vezes complexas, enquanto os verdadeiros profissionais liberais cada vez se aproximam do tipo

de gerente" (MILLS : 1979 : 131).

Mesmo nas profissões liberais mais tradicionais, das quais podem ser exemplo a medicina, a advocacia e o ensino, o demiurgo administrativo se fez presente em suas estruturas, de tal maneira que atualmente formam um novo estilo de empresa.

Como exemplos extremos, podemos citar o aparecimento dos grandes escritórios de advocacia e as grandes empresas de saúde e de consultoria. Mesmo o Magistério, tradicionalmente um empreendimento quase que individual realizado em instituições escolares de proporções reduzidas, transformou-se igualmente em uma atividade vinculada às grandes instituições de ensino, verdadeiras empresas de venda do saber. Quanto às profissões liberais mais modernas, surgidas com a complexificação do mundo industrial e de novas técnicas de administração, tais como a enfermagem e a informática, por exemplo, essas já nasceram com a ideologia própria à condição assalariada e ao modelo de estruturação ocupacional ordenado segundo as normas da racionalidade produtiva, quase nada lhes restando em termos de autonomia, sequer no plano técnico.

Através da análise da transformação do conceito de qualificação para o trabalho, operado com relação às profissões liberais, tem-se uma idéia mais precisa deste processo. (cf. BRAVERMAN, 1987). Tradicionalmente os profissionais liberais ~~se~~ distinguem por se empregarem em um trabalho que, embora convergisse indireta ou diretamente para o desenvolvimento do capital, era realizado com uma certa autonomia por parte de seus executantes. Estes ~~adquirem~~ obtinham legitimidade para tal exercício pelo fato de

possuírem uma formação intelectual ou técnica que os colocava em posição privilegiada em relação aos trabalhadores manuais, e independente em relação às empresas. Essa qualificação consistia num conhecimento extensivo, que propiciava uma compreensão ampla do mundo das empresas (no caso de profissões como direito, engenharia), ou ainda, um conhecimento científico e humanista, que lhes permitia uma ocupação em serviços essenciais à sociedade<sup>x</sup> realizados de forma autônoma (tais como medicina, o magistério entre outras).

Atualmente, a maioria dos chamados profissionais liberais possuem uma qualificação que se restringe a um conhecimento específico, fragmentado, e de tal forma especializado, que os capacita apenas à execução de funções pré-determinadas, integrantes de uma estrutura de funcionamento empresarial altamente complexa. Tornaram-se completamente dependentes dos novos mecanismos técnico-administrativos e das grandes instituições que usam esses mecanismos. Seus trabalhos estão sob o controle de uma gerência, que figura como uma autoridade centralizada, e como uma instância de centralização da inteligência.

### 2.3. UMA INCURSAO AO UNIVERSO DAS REPRESENTAÇÕES DAS CAMADAS MÉDIAS BRASILEIRAS

Com o objetivo de construir um quadro de referências, a partir do qual se possa penetrar no universo das representações das nossas camadas médias, resgatamos aqui alguns aspectos da história da sociedade brasileira<sup>x</sup> particularmente significativos para o entendimento "das disposições" (ou do habitus) daquele segmento que

ser ve de objeto ao presente estudo.

Neste quadro, são levantadas algumas questões sobre as relações dos grupos médios com o mundo do trabalho, com o mundo da política e com o Estado brasileiro, relações fundamentais no processo de configuração das representações dos grupos sociais em geral (7).

Ao abordar teoricamente a situação social dos "grupos médios", Décio Saes lembra a incoerência lógica do conceito de "classe média" - "a junção da classe, definida ao nível das relações sociais de produção, e média, que sugere a posição num dado sistema de estratificação social" (SAES, 1985 : 3). O autor acrescenta porém, que os conceitos de "classe social" e "extratos ou camadas sociais" não se excluem mutuamente, pois são formuladas em diferentes níveis de abstração. Baseado na idéia de que uma situação de classe esteja sempre na origem dos sistemas de extratificação social, e não desconhecendo, todavia, que tais sistemas uma vez criados adquirem autonomia, passando a influenciar as próprias relações de classe, o autor adota uma perspectiva conceitual que considera tanto a posição de classe quanto o sentido de status dos grupos, tratando-os como "camadas médias", e observando-lhes o poder aquisitivo, as origens e a situação de trabalho.

---

(7) O trabalho de Décio SAES (1985), do qual nos utilizamos aqui, tanto como fonte de dados, quanto como fonte de preciosas análises, tem o mérito de abordar as disposições políticas das nossas camadas médias de maneira clara, sistemática e bastante perspicaz; oferecendo, ainda que de forma indireta, preciosas pistas para o estudo das famílias deste segmento.

Ao referir-se à sociedade brasileira, o autor coloca que, não obstante a grande diversidade de grupos profissionais e sociais abrigados sob a categoria de "camadas médias, um elemento simplificador se apresenta em decorrência das características próprias da nossa história. De fato, a não existência de uma burguesia tradicional representativa - constituída de pequenos proprietários ou artesãos, que corresponderiam à "antiga classe média norte americana" - no início de nossa formação social, leva-o a afirmar que a emergência de nossas camadas médias está mais fortemente relacionada à expansão da infra estrutura urbana das primeiras cidades do Brasil, cujas bases foram lançadas na última etapa da expansão do capitalismo agrário exportador (entre 1822 e 1850), mas cujo impulso maior somente ocorreu com a emergência da industrialização.

As necessidades políticas e econômicas demandadas pela aceleração do processo industrial verificado no Brasil a partir das primeiras décadas do século XX, promoveram uma ampliação do aparelho urbano - burocrático e de serviços, principalmente no centro-sul do país, mas também nas cidades mais antigas do Nordeste. Desse processo, emergiu uma massa de trabalhadores urbanos aplicados em atividades não diretamente ligadas à produção.

Em suas considerações, SAES afirma ainda que a posição comum dos trabalhadores improdutivos no mundo do trabalho (o caso do conjunto dos trabalhadores acima mencionado), não é elemento suficiente para gerar entre os mesmos um universo de representações comuns. A hierarquização do mundo do trabalho com uma efetiva

desvalorização do trabalho manual, assentada sobre a idéia da necessidade de racionalização da produção através de uma coordenação centralizada, é apontada como a origem do processo que leva os trabalhadores improdutivos não-manuais a apresentarem tendências de identificação com a classe dominante; enquanto que entre os trabalhadores improdutivos manuais, se apresenta uma certa tendência de identificação com a classe operária fabril.

As categorias de trabalhadores cuja situação de trabalho os conduz a uma identificação com a elite, apesar de sua condição assalariada, são referidas por SAES enquanto grupos portadores de uma "consciência média" (ou seja, são as categorias que o senso comum reconhece como "classe média") em cujo imaginário a recusa às atividades manuais constitui um elemento fundamental. Tais categorias existem em todas as sociedades capitalistas, apresentando, porém, características distintas segundo as particularidades estruturais e culturais verificadas em cada sociedade concreta.

O autor observa, no caso da sociedade brasileira, que a separação entre trabalho manual e não-manual foi ademais potencializada pela hiperdegradação do trabalho manual, cristalizada nas representações sociais durante os quatro séculos de exploração da mão-de-obra escrava nas atividades produtivas.

Com relação às orientações políticas dos nossos grupos médios, SAES assinala que estas são definidas no interior dos limites fixados pela "consciência média" (que filtra-lhes a percepção sobre a conjuntura econômica e social), combinada com a situação de

trabalho que vivenciam. Nesse contexto, o poder de cooptação dos grupos políticos constituídos (movimentos, partidos, Estado) têm eficácia junto a tais camadas, à medida em que suas ações consigam resgatar as disposições que a "consciência média" e a "situação de trabalho" lhes colocam.

Dentro desta ótica, é oportuno considerar a dimensão da ação do Estado sobre as relações sociais, ou melhor, considerar as características das relações dos grupos sociais com o Estado, uma vez que essas relações expressam em grande medida as características das visões de mundo destes.

Lembremos aqui, as características do Estado brasileiro à partir da Revolução de 30 até 1964, definido consensualmente entre os estudiosos de nossa sociedade através de uma característica básica - o populismo -, que diz respeito à prática da incorporação das classes trabalhadoras, de forma tutelada pelo Estado, ao jogo da política. Como afirma LOPEZ:

"Por definição, o populismo significa política de massas, ou seja, política que utiliza as massas como elemento fundamental nas regras do jogo. Na fase da economia agrária exportadora, o povo não era um fator que contava. O campo dominava a cidade e a oligarquia não se interessava pelo sentido político da utilização do povo, tendo este força inexpressiva nas cidades e estando dispersos nos campos. Com a Revolução de 30, todavia, as coisas mudaram. As oligarquias entraram em declínio, a cidade começou a superar o campo em importância política e o progresso industrial fez aumentar a população urbana, que se tornou importante inclusive pelo fato de viver concentrada, o que tornava viável e significativa qualquer mobilização visando uma ação coletiva". (LOPEZ, 1991 : 66)

Considerando que os grupos médios fazem parte do mundo do

trabalho, ainda que realizem uma atividade de natureza diferenciada, Décio Saes entende que o período que se inicia em 1930, com o populismo Vargasista, é também o marco de integração política do conjunto das camadas médias brasileiras. Ou seja, o momento histórico em que estas começaram a ter alguma expressão no jogo de poder político do Brasil.

O autor já situa naquele período a existência de duas camadas da "classe média" brasileira, que vivenciam situações de trabalho distintas, e apresentam portanto visões distintas a respeito da política do Estado Vargasista: os grupos médios superiores, formados pela elite intelectual, profissionais liberais e altos gerentes; e as baixas camadas médias, integradas por comerciários, bancários e pequenos funcionários.

A posição dos primeiros, ou das "camadas médias tradicionais", em relação ao período populista, é caracterizada por uma efetiva recusa à equalização social entre as classes populares e as elites, e pela adoção de uma perspectiva política alinhada com os interesses da oligarquia e contra o populismo.

O texto deixa implícito que a origem em termos familiares (ou o fato de integrarem famílias vinculadas à oligarquia) por parte desses grupos (ou indivíduos), para além das características de seus trabalhos, representa uma forte influência sobre suas visões de mundo e visões políticas, e fazem revelar sua ideologia anti-operária e anti-populista; no dizer de SAES, a concepção de um "liberalismo oligárquico e antipopular".

O mesmo não ocorre com as baixas camadas médias (categorias

que desempenham um trabalho "mental" e não propriamente intelectual), que vêem no populismo uma possibilidade de participação política, sendo então levados a formular uma "concepção superestatista do Estado".

A possibilidade de uma atuação sindical, dentro do "sindicalismo de Estado" varguista, só possível na perspectiva populista, é interpretada pelas baixas camadas médias como uma "concessão do Estado", no sentido de defendê-los da exclusão política proposta pela elite. O Estado é visto como uma instância que deve fazer a justiça e o progresso, acima dos interesses específicos das classes.

Existe ainda um terceiro conjunto significativo das camadas médias dentro do cenário brasileiro, cujo aparecimento enquanto categoria social só teve lugar a partir da década de 50. Referimo-nos às "novas camadas médias", mencionadas por Décio Saes enquanto categorias que apresentam uma concepção autoritária da sociedade, uma disposição originada na associação de dois aspectos básicos de suas vivências: a situação social de seus ascendentes e as características do trabalho que foram socialmente chamados a exercer (um trabalho onde a dimensão técnica é preponderante). Essa concepção se expressa através da convicção que têm sobre o caráter racional da autoridade, bem como através da adoção de um discurso que prega a necessidade de uma organização social fortemente hierarquizada.

Esses grupos surgiram a partir de 1956, em sintonia com a passagem à etapa monopolista de nossa industrialização, propiciada

pela entrada maciça de capital estrangeiro na economia brasileira (SAES, 1985 : 14)). Emergiram no mundo do trabalho no momento em que as empresas começaram a necessitar de trabalhadores detentores de autoridade e formação apropriada para o desempenho de atividades técnicas e administrativas. (8)

Sobre a relação entre a origem social de tais grupos e sua situação de trabalho, Décio Saes afirma:

"Esses grupos acedem assim a uma nova **situação de trabalho**; ela lhes permite, sejam ele originários das camadas médias tradicionais ou das baixas camadas médias, ultrapassar os valores pré-industriais ou a identificação populista com o Estado". (SAES, 1985 : 140)

Ao assinalar as características do comportamento político e das relações das "novas camadas médias" brasileiras com o Estado, marcadas por um efetivo alinhamento com o autoritarismo que ganha força a partir da queda de Getúlio (1954), SAES observa que a perspectiva de ruptura da autoridade exercida pela elite é decodificada por tais grupos como uma possibilidade de proletarianização para si próprios. Por esta razão, tais categorias apoiaram o golpe de 64 em nome da defesa da nação contra o comunismo e em nome de uma ordenação mais racional para o Estado,

---

(8) Lembremos ainda que o ano de 1955 é referido pela historiografia brasileira como uma data simbólica, demarcada pela adoção da instrução 113 da SUMOC (Superintendência da Moeda e do Crédito) pelo Estado, a qual criou uma série de facilidades e isenções para o capital estrangeiro em nosso país, abrindo espaço para uma expansão industrial monopolista e periférica, e dando lugar ao aparecimento de tais categorias trabalhadoras. (cf. LOPEZ, 1991 : 103).

que seria supostamente conferida pela disciplina militar. E pela mesma razão - a idéia da necessidade de um ordenamento social autoritário - permaneceram como base social de apoio ao governo "autocrático e militar" (como o define SAES, 1985 : 147), mesmo diante da crise de legitimidade enfrentada por este em 1968, quando as camadas médias tradicionais já não mais adotavam uma postura de alinhamento incontestado a este regime ditatorial.

Para o autor, tal distinção de atitudes se apoia nas distintas raízes das disposições ideológicas desses dois grupos. Disposições respectivamente galgadas nas concepções liberais herdadas das oligarquias das quais descendem - no caso das camadas médias tradicionais; e nas disposições autoritárias adquiridas durante uma trajetória de vida que inclui a origem em camadas sociais de baixo poder econômico e baixo status, e uma ascensão social pela via de um trabalho altamente racionalizado - no caso das "novas camadas médias". A esse respeito, o autor afirma que:

"Se as camadas médias tradicionais sempre admitiram soluções autoritárias - extraconstitucionais e militares - em caso de crise política, elas sempre as consideraram como medidas "excepcionais", exclusivamente adequadas às conjunturas "anormais"; daí seu retorno, superada a crise, a suas concepções liberal-democráticas. No que se refere às novas camadas médias, ao contrário, as crises políticas concedem a seu autoritarismo a oportunidade de ultrapassar os limites da empresa e ganhar a cena política; a solução da crise não anula, portanto, seu potencial autoritário, suscetível de ser transformado em corrente política pela classe dominante. (SAES, 1985 : 141).

Enquanto estratégia de sobrevivência, o Estado autocrático e militar instituído a partir do golpe de 64 adota um discurso

retórico, segundo o qual o Brasil estaria vivendo um "milagre econômico", ou seja, um surto de expansão econômica e industrial, apoiada sobre os capitais estrangeiros. Os autores fazem referência ao fato de que a retórica do milagre econômico repercutia principalmente na percepção dos trabalhadores especializados, uma vez que para os não-especializados o arrocho salarial, apresentado como medida de combate à inflação e possibilitado pela repressão política, colocou-os em situação econômica e social dramática.

Dentro de um contexto que associava um crescimento dependente na economia e um pseudo controle da inflação, o PIB chegou a crescer 8% ao ano em 1967 (LOPEZ, 1991 : 123). A estimulação do consumo entre as camadas de maior capacidade de compra foi implementada através da produção de bens duráveis, tais como televisões a cores e automóveis, cuja fabricação foi viabilizada a custa de importações de matérias primas (que potencializaram enormemente a dívida externa já existente no país). Em tais circunstâncias, observa-se uma retração da atividade política da sociedade, paralisada em parte pelo discurso mistificador do Estado e em parte pelos inúmeros "atos institucionais" impostos pela ditadura (9).

A partir da crise do "milagre", que se inicia em meados da década de 70, passa a ocorrer um reaquecimento da atividade

---

(9) Por atos institucionais entende-se o conjunto dos documentos extraconstitucionais e autoritários, coligidos pela tecnoburocracia civil/militar, dentre eles o AI-2, que instituiu o bipartidarismo e as eleições indiretas para presidente e o AI-5, que autorizava o presidente a suspender direitos políticos, cassar mandatos e fechar instituições legislativas

política no país. Em 74, o MDB (partido de oposição no período do bipartidarismo) obtém vitória sobre a ARENA (partido da situação) nas eleições legislativas, e a correlação de forças políticas dentro do Congresso Nacional é alterada em favor da oposição. Nesse momento, o MDB passa a se apresentar como um espaço de agregação dos meios populares e um meio de atuação dos diversos segmentos representativos da sociedade civil: OAB, Igreja Católica, movimento pela anistia e Associação de bairros. Inicia-se aí um movimento de reivindicação pela ~~abertura~~ abertura política.

Sob a pressão desse movimento, durante o Governo Figueiredo (em 1979), a Emenda Constitucional no. 11 elimina o AI-5, e transforma o bipartidarismo em multipartidarismo. Em 1980, a Emenda Institucional no. 15 fez voltar as eleições diretas para governos estaduais. Nesse período surgem três importantes partidos de oposição: o PMDB, o PDT e o PT; e como herdeiro da ARENA, tem origem o FDS. Em 1982, o PMDB, com a integração do PP ("Partido Popular", que representava uma oposição moderada liderada por Tancredo Neves), a oposição vence as eleições nos Estados mais importantes do país.

O discurso da "Nova República", ou a reivindicação pela democratização do Estado, que tem lugar com a situação de isolamento vivida pela ditadura militar, toma forma com a campanha pelas eleições "diretas para presidente", prevista para 1985, porém frustrada ainda em 1984. Todavia, a crise do regime era um fato tão evidente que a exigência por mudanças sociais passou a existir no próprio âmbito do Congresso Nacional, a esta altura disposto a se

posicionar contra a situação de paralisia política então vivida.

Dentro deste contexto, a eleição indireta de dois representantes civis à presidência (Tancredo Neves como presidente e José Sarney como vice), expressou o desejo, de diversos setores sociais, de romper definitivamente com a ditadura. Tal desejo foi viabilizado pela "Aliança Democrática", na qual se uniram o PMDB e o PFL (este último composto por dissidentes do PDS aliados ao PP e a dissidentes do PMDB).

Pode-se dizer que as camadas médias mantiveram com o Estado, no início da Nova República, uma relação marcada pela credibilidade, uma vez que a feição mais democrática deste atendia aos anseios de participação política desses grupos. Contudo, tal situação foi se degradando diante do aparecimento da hiperinflação, que atingiu a casa dos 29% durante o Plano Bresser.  
(10)

Considerando-se a situação social e a vivência dos grupos médios que nos servem de objeto de estudo, cabe aqui lembrar que nossos informantes se dividem entre representantes das "camadas médias tradicionais" e das "novas camadas médias", dentro da conceituação de SAES. Enquanto indivíduos, eles viveram a juventude no final da década de 60, caracterizada pela instauração do Estado autoritário, pela repressão política, pelas manifestações do movimento estudantil, e ainda pelo início de uma era onde se

---

(10) O segundo plano econômico do governo Sarney, que já carregava o fracasso do seu antecessor, o Plano Cruzado.

assinala a existência de pressões bastante radicais do movimento de emancipação feminina no mundo (cf. SARDENBERG, ALCANTARA : 1993). Enquanto famílias, viveram a ambiência do período político que se segue - a "Nova República", cuja retórica é marcada pela conclamação de forças populares e grupos de elite a se unirem, com o objetivo de livrar a nação de fechamento político-militar, e abrir o mundo da política para a sociedade civil. Esse momento da vida política brasileira (a "Nova República" do Governo Sarney) coincide, na vida particular das famílias estudadas, com o momento de "consolidação familiar", onde os casais já têm filhos e os cônjuges se encontram em vias de uma situação de estabilidade profissional.

é interessante assinalar que, nos depoimentos obtidos a respeito das experiências e percepções políticas entre os representantes das camadas médias tradicionais (ou dos descendentes de grupos de elite), foram registradas fortes referências ao momento de 68. Os acontecimentos daquela época, principalmente as ações do movimento estudantil, parecem constituir a base sobre a qual tais esses informantes formularam suas principais idéias em relação ao mundo da política. Isso se observa, mesmo para aqueles que afirmaram não ter participado mais diretamente de tais acontecimentos, dada a frequência com que algumas fatos se apresentam em seus depoimentos (referências ao golpe militar, ao movimento estudantil, ao sentimento de indignação diante da ditadura). Esse dado parece indicar que a iniciação de tais indivíduos ao mundo da política se deu, via de regra, ainda na juventude.

Por sua vez, entre os representantes das "novas camadas médias" que entrevistamos, indivíduos que realizaram um processo ascendente de mudança social através da formação para um trabalho qualificado, seus depoimentos sobre o mundo da política, apesar de se definirem por uma negação a qualquer tipo de participação, parecem assumir ou reproduzir alguns aspectos da lógica retórica da "Nova República". O que nos leva a crer que tal momento foi bastante significativo na definição de suas visões sobre a política.

Tal aproximação é perceptível, a medida em que esses entrevistados afirmam não ter vinculação com a "direita" ou a "esquerda" (definindo sua posição política como de "centro"), e ainda quando afirmam optar pelo candidato (leia-se pelas ações imediatas <sup>que</sup> a este se proponha realizar), em detrimento do partido ao qual se relacione. Observemos o depoimento abaixo transcrito:

"Não tenho mais partido, embora não se possa deixar de ter. Me importo mais com a linha de pensamento dos políticos. Eu procuro uma linha que "faça o social sem baderna"... Sempre me considereei de centro, e nunca me identifiquei com os extremos".

"O PMDB foi um mito. Acreditava-se que eles tinham a intenção de mudar a sociedade. E aí... o que fizeram? Hoje eu não acredito mais em nada. Tanto faz a "direita" como a esquerda. Eu voto mais pelo candidato".

A compreensão dos aspectos comuns que permeiam os discursos dos informantes aqui considerados e a perspectiva retórica da Nova República, todavia, só se torna completa observando-se as distintas motivações que os fundamentam. Se por um lado, o discurso da

classe política que protagonizou a "Nova República" propunha uma união de partidos com disposições políticas distintas (PMDB, PFL), em prol de um objetivo comum - dirimir a ditadura; o discurso desses informantes, por sua vez, equaliza elementos que se apresentam para eles como tendo perspectivas iguais (partidos de direita e de esquerda), ou igualmente ineficientes quando se trata de dar soluções ao problemas do Brasil, dando-se ênfase ao descrédito vivido. Em ambos os casos está implícita a idéia de que não existem diferenças fundamentais entre os partidos em questão, ou pelo menos tais diferenças se tornam insignificantes diante de aspectos mais importantes.

Os depoimentos das novas camadas médias fazem-nos pensar, também, que suas motivações para a participação política, têm lugar principalmente em função das problemáticas vividas na vida adulta (enquanto profissionais e enquanto pais e mães de família), e não na juventude, como parte da formação intelectual, tal como parecem expressar os depoimentos dos descendentes da elite (principalmente das elites intelectualizadas).

Todos os informantes fizeram, também, menção à "era Collor"; no geral depoimentos desesperados diante da gravidade dos acontecimentos políticos aos quais <sup>se</sup> assistia naquele momento. A realização da maior parte da pesquisa de campo deu-se entre fevereiro e julho de 1992, às vésperas do "impeachment" do presidente, que foi largamente conclamado pela indignação do povo brasileiro, e finalmente decretado pelo Congresso Nacional em setembro daquele ano.

A eleição de 89, que deu origem a "era Collor" (a primeira eleição direta para presidente no Brasil, desde 1960), caracterizou-se, no segundo turno, por uma polarização entre forças conservadoras e temerosas de perder sua soberania - o cortejo político que apoiou Collor; e forças populares desejosas de realizar mudanças - o PT e outros partidos e organizações que apoiaram Lula. Todavia, apesar de ter contado com o apoio da "massa de descamisados que seguiram-lhe a imagem messiânica), Collor tornou-se o candidato da direita tradicional<sup>x</sup> apenas por exclusão, ou seja, pela falta de outro candidato mais afinado com os interesses desta, e diante da ameaça representada pela possibilidade da vitória de uma candidatura popular. (cf. LOPEZ, 1991 : 146) (11).

Da análise do conjunto de depoimentos obtidos sobre a "era Collor", alguns aspectos recorrentes parecem-nos bastante significativos da visão de mundo e dos sentimentos do conjunto dos informantes. Como ponto fundamental, observamos que nenhum entrevistado (seja entre os representantes das camadas médias tradicionais ou entre os representantes das novas camadas médias), afirmou ter votado no candidato vitorioso; um dado até certo ponto compreensível, uma vez que já estava revelado, naquele momento, o

---

(11) OLIVEIRA (1992 : 31) afirma também que a erosão da capacidade do Estado para proporcionar previsibilidade à economia, bem como a deterioração dos serviços públicos estatais, no final da Nova República, representaram os aspectos mais importantes entre os elementos que deram lugar ao "fenômeno Collor". Tais fatos tiveram uma repercussão particularmente significativa entre as camadas sociais mais acostumadas a cobrar do Estado os serviços que cabe a este proporcionar.

imenso engano das expectativas dos brasileiros sobre o governo Collor, diante de uma hiperinflação que chegou aos 80% em março de 1990 e das inúmeras denúncias de corrupção contra o presidente e seus assessores, ao longo de 1991 até a data do "impeachment".

As declarações sobre o assunto apresentam variações em torno de três formas básicas de construção dos discursos. Na primeira delas, os informantes expressam a idéia de que o país (e não eles, enquanto indivíduos) foram lesados pela "farsa de Collor", acrescentando que atuaram de alguma maneira para que esta situação não se concretizasse, apontando também caminhos para a saída de tal situação. No segundo modo de construção dos discursos que identificamos, a idéia do engodo representado pelo Governo Collor se expressa através de uma forma de depoimento onde o entrevistado afirma não ter votado em Collor, realçada, porém, pela revelação de uma atitude de pouco envolvimento com a campanha em questão (ou com campanhas políticas, no geral); e ainda, pela ausência de referências a propostas de saída para o impasse. No terceiro modo de construção dos discursos que constatamos, os informantes afirmaram não ter votado no candidato vitorioso, dessa vez por questões circunstanciais as mais diversas, algumas chegando mesmo a afirmar, ou sugerir, sua preferência pelo candidato Collor, na época da eleição.

Os depoimentos abaixo transcritos servem-nos de exemplo às formas de construção dos discursos, acima mencionadas:

..."Você fica muito enojado com todo esse quadro que está aí, mas isso não chega a ser uma surpresa para nós. Principalmente para nós, que a gente sabia muito

bem que era isso, né? A gente teve uma militância grande contrária a ele. Desde o primeiro momento. Desde o primeiro turno, a gente trabalhou contra ele... Mas não sabíamos exatamente que ia dar nisso... Também sei que uma reforma ao nível do que propunha o PT teria sido uma coisa muito problemática neste país. A questão é que as elites, ditas elites econômicas e sociais daqui são muito atrasadas... Mas não se trata de desencanto, não... Essas formas de agir que estamos vendo aparecer, mostram que o país, de alguma maneira, renasce."

(Ronaldo)

"Eu nunca tive, assim, nem como estudante, me meti em grêmio estudantil. Nada disso. Nunca me preocupei muito com política não. Agora... eu nunca me lembro de ter passado por uma época feito agora, de Collor, não é? Realmente, essa aí superou tudo o que eu já tinha visto. Foi realmente um governo que eu nunca acreditei, quer dizer, eu não votei nele... eu não acreditava em Collor. Já sabia a história dele de Maceió, quando ele foi governador... Pode ser que agora melhore, mas ele está deixando o país em frangalhos. Então a recuperação vai ser muito difícil e penosa".

(Luiz)

"Na eleição de Collor eu não votei, pois sabia que Collor era maluco... E que Lula, seria o caos para o país."

(Dorival)

"Na última eleição não votei em ninguém. Não gosto do PT. No primeiro turno, votei em Mário Covas... Eu não suporto Lula nem Brizola. Minha irmã, que mora no Rio, conta as patifarias dele. Na verdade, eu ia votar em Collor, mas não pude ir a Caruarú, porque o nosso carro não estava bom pra viajar."

(Dione)

Os dois últimos depoimentos acima (dados separadamente por marido e mulher) são particularmente expressivos no sentido de revelar o mal estar das pessoas que votaram em Collor, ou que se deixaram levar pelas promessas de inovações de gerência do país

apresentadas em seu discurso; principalmente quando representantes das altas camadas médias, frequentemente solicitadas a se posicionar diante das mobilizações pró-impeachment.

Os depoimentos revelam também <sup>mesmo</sup> que nem a devassa ao governo Collor chega a colocar em pauta, para esses indivíduos, o apoio a uma candidatura popular. Os informantes expressaram sempre rejeição explícita ou, no mínimo, fortes reticências em relação à possibilidade de vitória do candidato Lula (ou de qualquer outro representante das forças populares no poder político), numa demonstração da perdurância do velho antipopulismo assinalado por SAES, largamente recorrente na história das altas camadas médias brasileiras. Isso se observa mesmo nos depoimentos onde os informantes afirmam ter votado em Lula e militado em sua campanha, tal como expressa a fala de Ronaldo, anteriormente apresentada.

Cabe-nos aqui, ainda, fazer algumas considerações sobre outros aspectos bastante significativos dos depoimentos levantados, que revelam, por sua vez, certas distinções de base entre os raciocínios dos depoentes. Para alguns informantes, o sentimento de indignação diante do absurdo da "era Collor" se expressa em combinação com um sentimento de impotência em relação ao domínio da política; enquanto outros entrevistados, ~~expressam~~ <sup>expressaram</sup> a idéia de que <sup>todavia</sup> se a situação é periclitante, existe a possibilidade de uma reversão positiva do quadro, pela ação da sociedade. A primeira das representações mencionadas acima foram encontradas com maior força expressiva entre os representantes das "novas camadas médias", enquanto que a segunda, pareceu-nos mais plausível entre os

representantes das "camadas médias tradicionais". Contudo, a complexidade e a riqueza simbólica de tais depoimentos suscitam a necessidade de uma interpretação mais profunda, de realização impossível no âmbito deste trabalho.

Para concluir, é importante acrescentar que muitos outros aspectos poderiam ser explorados dentro dos assuntos aqui mencionados. As análises empreendidas, como dissemos anteriormente, foram realizadas na tentativa de se compor, ainda que de modo impreciso, um quadro onde figuram alguns assuntos chave dentre representações dos nossos informantes, fundamentais inclusive para a compreensão de certas dimensões da vida familiar. E nesta medida é que nos utilizamos das informações e das análises aqui contidas.

### 3. DUAS PALAVRAS SOBRE OS BAIRROS

Primeiro foram os rios, Capibaribe, Beberibe, Jiquiá, Pina e Jordão, que embelezaram a planície; depois veio o colonizador português que, fundando um ancoradouro, o chamou de "Arrecife dos Navios".

Seguiram-se o aparecimento dos engenhos de açúcar, dos corsários a saquear o porto; até mesmo uma grande armada, 65 embarcações e 7.280 homens foi formada na Holanda para aqui aportar. Durante longos 24 anos eles aqui permaneceram, suas marcas, porém, chagaram até os nossos dias quando os habitantes da cidade, ao se referir ao antiguidade de determinada coisa, denominaram aquele período de "tempo dos flamengos".

Do núcleo formado pelo porto a partir de 1537 surgiu o bairro do Recife, os bairros de Santo Antonio e Boa Vista só vieram aparecer no século XVII e o restante da cidade continuou a ser chamada de "arredores" até o presente século.

(Leonardo Dantas Silva, no prefácio de  
COSTA, F. A. Pereira, "ARREDORES DO  
RECIFE"; 1981).

Os dois bairros nos quais residem as famílias envolvidas em nosso estudo são considerados locais preferenciais de residência para grupos médios e de elite em Recife - o bairro de Casa Forte e o bairro das Graças. Sobre esses dois contextos residenciais aparentemente muito semelhantes, supunha-se encontrar um mesmo conteúdo em termos de representações formuladas pelos seus moradores. A investigação provou que isso era, apenas em parte, verdadeiro. No decorrer do trabalho de campo, alguns elementos revelaram-se, esboçando-se certas diferenciações entre as ocupações de cada um desses locais, histórias e processos que se transmutam em distintos símbolos na percepção das famílias com as quais lidamos, e que por sua vez retornam à realidade material, saindo da esfera puramente simbólica para interferir na possibilidade e na disposição dos entrevistados à moradia em tais bairros.

Examinando algumas considerações históricas acerca da cidade do Recife (1), compreendemos que o seu processo de urbanização evoluiu a partir de determinados focos, entre os quais figuram com grande importância o Porto, que concentrava população desde o século XVI em torno das atividades comerciais de exportação; os engenhos de açúcar, responsáveis por um movimento de riquezas que se originava nas localidades de produção estabelecidas às margens

---

(1) Tratam-se das considerações tecidas por Francisco Augusto Pereira da Costa, um historiador pernambucano que viveu entre 1851-1923, organizadas e reeditadas em obra denominada "ARREDORES DO RECIFE" pela Fundação da Cultura da Cidade do Recife. A obra conta também com uma única crônica de J. A. Gonçalves de Mello, intitulada "CAPUNGA: CRONICA DE UM BAIRRO RECIFENSE".

do Capibaribe e que findava no porto; e a região da Boa Vista, cuja ocupação se iniciou ainda no século XVII com a expansão populacional decorrente das atividades econômicas já mencionadas (cf. MELLO, 1981 : 144)

Para além da influência da atividade açucareira, nossa urbanização também sofreu forte influência do episódio da invasão holandesa no Recife. Referimo-nos aqui ao fato de que, nos idos de 1630, foram transferidos de Olinda para Recife todos os serviços administrativos da Capital de Pernambuco então sob o domínio holandês, o que veio também a contribuir em grande medida para o aumento da população recifense daquela época.

Em tais circunstâncias, a cidade adquiriu um novo status. A esse respeito MELLO comenta:

"Com a ocupação holandesa, o Recife desenvolveu-se rapidamente. Até então, a capital de Pernambuco estava em Olinda: a sede administrativa da Capitania, política, fazendária, judiciária militar, etc; os conventos de várias ordens religiosas; o centro do comércio com Portugal e outros países da Europa e com as demais capitanias do Brasil. Com os holandeses todas essas atividades transferem-se para o Recife. Transferem-se e ampliam-se. Os holandeses tinham uma longa tradição urbana e na grande maioria se estabeleceram no Recife, de preferência à zona açucareira de Pernambuco. Além disto, as necessidades militares, de administração civil e do comércio, trouxeram para aqui avultado número de holandeses, alemães, franceses, ingleses, escoceses, dinamarqueses, etc..., a serviço da companhia das Índias Ocidentais ou sob jurisdição desta. Um recenseamento feito em 1645 revela que no Recife residiam 8.000 pessoas".

(MELLO , 1981 : 144)

Dentre outras informações, temos notícia através da referida historiografia, de que ambos os bairros aqui considerados situavam-se, entre os séculos XVI e início do nosso século, na categoria de "arredores", ou "arrabaldes"; isto é, lugares periféricos em relação ao centro da cidade, que mereceram, porém, constantes destaques dado ao fato de representarem espaços alvo das principais benfeitorias urbanas realizadas na época. (2)

Quanto ao primeiro contexto da investigação, o bairro de Casa Forte, tradicionalmente um engenho que abrigou famílias pertencentes à elite açucareira pernambucana, encontramos as seguintes referências datadas do final do século XVIII, após a recuperação da capitania do domínio holandês, à Igreja de "N. Sra. das Necessidades do Engenho de Casa Forte", - já existente como "capela" desde meados do século XVI (cf. COSTA, 1981 : 52).

"O que é de fato, e consta de documento autêntico, é que procedendo-se então a uma avaliação judicial das terras e construções do engenho Casa Forte, para partilhar-se os bens entre os diversos herdeiros, cederam eles de boa vontade todo o terreno da grande praça que se estende em frente à Igreja" não só para aformosear a mesma da Igreja, e servir de praça ou feira para o futuro, como para perpetuar a lembrança da segunda vitória que nele alcançaram os brasileiros contra os holandeses", e por esse motivo declaram os louvados, **que não fizeram menção, nem davam valor ao pátio defronte da Igreja para não tomar a vista da Capela, o que consta dos respectivos autos do inventário, que tivemos presente**" (COSTA:1981:57-58).

---

(2) As descrições acerca do "Lampiões e Candieiros" do Recife nos tempos do Príncipe holandês Maurício de Nassau, bem como dos trajetos das linhas de bonde do início do século, tal como as fez Mario Sette (1886-1950), em "ARRUAR", editado em 1979 pela Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, e "MAXAMBOMBAS e MARACATUS", editado em 1981 pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, ilustram esse raciocínio.

Como podemos ~~apreender~~ <sup>perceber</sup> na citação acima, desde o início de sua ocupação, a história de Casa Forte é marcada pela preocupação por parte de seus nobres proprietários (entre eles, não poucos estrangeiros europeus) para com a sua feição estética, representanda não só pela concessão da área acima referida para finalidades de embelezamento e apuro urbano, como também pelas referências às reformas empreendidas na Igreja. Atualmente a Igreja, a praça construída no referido "pátio" e o casario existente em seu entorno formam um importante conjunto arquitetônico da cidade. (3)

O segundo contexto de investigação, o bairro das Graças, integra um conjunto de localidades situadas à margem do Capibaribe, entre o antigo Engenho Casa Forte e a Boa Vista, cuja referência principal no âmbito dessa mesma literatura diz respeito à descoberta das virtudes medicinais e ao apreço pelos banhos de rio por parte das populações de então. O trecho abaixo transcrito atesta esse aspecto:

"Segundo uma notícia da fundação do povoado do Poço da Panela, os médicos do Recife, por volta de 1758, por observações feitas, concluíram que havia no uso dos banhos no rio Capibaribe grande vantagem para debelar certa febre epidêmica que desde 1776 aparecera aqui. Com esta descoberta e o gosto da população pelos banhos de rio, as grandes

---

(3) Conta a referida literatura, que a Igreja de Nossa Senhora das Necessidades sofreu grande depredação durante a luta pela restauração de Pernambuco do domínio holandês (entre 1645 e 1654), após a qual sofreu sua primeira grande reforma em 1672. O texto faz referência ainda a uma outra reforma, com ampliação de suas dimensões, procedida em 1911. (cf. COSTA, 1981 : 56).

propriedades marginais foram sofrendo as primeiras divisões e começaram a surgir os primeiros sítios ou chácaras recifenses, muitos deles com suas capelas, na sua maioria do século XVIII: a da Sagrada Família no Chora Menino, a de São José do Manguinho, a dos Aflitos, a da Jaqueira, a do R.rosarinho, etc. Entre os sítios recifenses, já então conhecidos pelo seu nome atual, estava o "Sítio da Capunga", acerca do qual são infelizmente muito escassos os dados históricos" (MELLO, 1981 : 145).

Continuando as considerações acerca dos sítios mencionados na passagem acima, o autor faz referência à "freguesia das Graças" como uma localidade pertencente à região da Capunga. (Ver Anexo 3).

"Como se viu, a formação do bairro da Capunga começou pelos eixos representados pelas ruas Joaquim Nabuco (a princípio) e das Pernambucanas (em segundo lugar). Só mais tarde surgiu o Terceiro, representado pela rua das Graças. Já ficou indicado que, por escritura datada do Recife em 16 de abril de 1857, o casal Francisco Carneiro Machado Rios doou um Terreno "entre a estrada do Manguinho e a Capunga" para nele ser construída uma capela consagrada ao culto de Nossa Senhora das Graças. No ano anterior havia sido apresentado à Assembléia Provincial um projeto de lei, que tomou o no. 11, pelo qual se mandava dividir a freguesia da Boa Vista, criando-se uma nova freguesia, que teria como matriz a Igreja de São José do Manguinho. O Deputado Teodoro Machado Freire Pereira da Silva (que mais tarde, como ministro da Agricultura, veio a referendar a lei do Ventre Livre) combateu o projeto, mostrando inclusive que a matriz indicada era "uma capela insignificante" e que em pouco tempo não se poderia prestar a servir de Matriz, sendo o projeto rejeitado em março de 1857. Foi certamente por isso que o casal Machado Rios tomou a iniciativa de fazer a doação para possibilitar a construção de uma igreja que viesse a servir de sede da freguesia" (MELLO, 1981 : 158).

A citação acima transcrita elucidada o nível de importância política dos moradores (ao que tudo indica fundadores) da "freguesia das Graças", que conseguiram, através da construção de uma igreja de "porte respeitável", caracterizar a localidade como

um povoado de maior importância que o povoado de Manguinho, localidade contígua de existência anterior.

Dentre as considerações sobre a Capunga, o autor refere-se ainda à sua localização, na passagem entre os engenhos e o centro da cidade, bem como às consequências negativas do aspecto atrativo representado pelo balneário (à margem do rio ali situada), ao seu ver uma fonte de preocupações para as famílias então residentes.

"Mas a Capunga não foi sempre uma povoação sossegada. Os jornais da época queixam-se repetidamente de que os banhos no rio eram motivo de escândalo. O Diário de Pernambuco de 21 de Agosto de 1862 conta que "quase que diariamente se repete no porto de Jacobina, na Capunga, o banharem-se as pessoas na margem do Capibaribe com a maior indecência... o que inibe as famílias ali residentes de chegar às portas e janelas". (MELLO, 1981 : 56).

É importante assinalar que tais considerações não abrangem a região dos engenhos propriamente ditos (Casa Forte, Monteiro, Apipucos, bem como os localizados em margem oposta no Capibaribe), que apesar de apresentarem zonas ribeirinhas igualmente atrativas, caracterizam-se nos documentos consultados como locais de maior privacidade da elite moradora.

Esses e outros dados nos fazem pensar que esses sítios e algumas outras localidades ribeirinhas do Capibaribe, que serviam de local de passagem entre os antigos engenhos e a Boa Vista, já nasceram fadados ao destino de um futuro corredor de Transportes.

Observando-se as características atuais da ocupação de ambos os bairros investigados, podemos dizer que enquanto Casa Forte permaneceu com uma disposição de espaço mais restrito, guardando um

ambiência ideal para o recato e o desejo de privacidade da elite moradora, o bairro das Graças - um local emancipado da Capunga - desenvolveu-se marcado pelo aspecto de corredor de acesso, integrando um conjunto de localidades que comunicam centro da cidade com áreas tais como a própria Casa Forte, Casa Amarela, Dois Irmãos etc. Seguiu, portanto, sua vocação de "passagem" e foi adquirindo uma estrutura viária, de comércio e serviços compatível com essa finalidade.

Hoje, o bairro das Graças e alguns bairros contíguos a este contam com duas avenidas principais, dois eixos de comunicação cidade/subúrbio que os corta ao longo com sentidos de trânsito opostos (as avenidas Rui Barbosa - o antigo "Caminho do Manguinho" -, e a Rosa e Silva). Esses locais se caracterizam por comportar um grande número de galerias, lojas, restaurantes, consultórios médicos e clínicas de saúde, bancos, repartições públicas, clubes sociais, supermercados, etc, que dão ao bairro, principalmente ao eixo da Rosa e Silva, uma feição de centro de prestação de serviços. (4)

Enquanto isso, Casa Forte parece ainda hoje mais isolada que as Graças, com uma feição eminentemente residencial. O local permanece até então com um único eixo viário - a Avenida 17 de Agosto -, só muito recentemente vindo a funcionar como um acesso alternativo às localidades de Aldeia e Cidade Universitária (a primeira

---

(4) Quanto à rua que deu origem à localidade da Capunga - a Rua Joaquim Nabuco -, esta permanece até o presente momento conhecida como Região da Capunga, da qual o atual bairro das Graças foi como que desmembrado.

pertencente ao município de Camaragibe e utilizada como espaço de lazer da elite pernambucana, equipada com muitas granjas de recreio e casas de campo; e a segunda, um bairro recifense que abriga o "Campus Universitário" da UFPE), cujos acessos preferenciais se davam até então pela Avenida Caxangá. (Ver mapa atual do Recife, no Anexo 3).

O silêncio de suas ruas generosamente arborizadas parecem indicar que o bairro de Casa Forte se mantém preservado de um ritmo acelerado de trabalho, apesar de sua relativa proximidade com o centro (em função do melhoramento do sistema viário da cidade). A sua própria posição, geograficamente isolada em relação aos primeiros focos de urbanização do Recife, figura como uma característica que contribuiu para um uso restrito do espaço.

Em 1990 foi inaugurado em Casa Forte um "Shopping Center", com o primeiro supermercado do Bairro, que juntamente com a emergência de um razoável número de bares, restaurantes, galerias de lojas e escolas, (que vêm surgindo há cerca de dez 10), passaram a interferir em sua ambiência calma e aristocrática. Porém, para além de indicar que o local vem se abrindo em termos da criação de centros de atração para não-moradores, esse aparecimento indica muito mais o desejo de privacidade por parte da população do bairro, através da reivindicação de uma infra-estrutura de serviços própria. Essa idéia encontra eco em alguns artigos de jornais recentes, onde se faz referência à questão da privatização de ruas, e à criação de cursos de língua e outros serviços destinados a atender às necessidades de uma população mais elitizada. (ver

anexo 4).

A configuração populacional do bairro das Graças abrange hoje uma vasta quantidade de famílias pertencentes às camadas médias. A maioria delas habita os inúmeros edifícios de apartamentos residenciais, existindo ainda um pequeno número que habita as grandes casas ali situadas - famílias descendentes do "latifúndio" (algumas em decadência) residentes das poucas mansões em estilo neoclássico que restaram no local. Existem ainda os que moram em casas novas, algumas muito confortáveis, porém de menor porte que as antigas. (5)

O bairro de Casa Forte, tal como o bairro das Graças, também abriga um grande contingente de populações médias (principalmente grande número de famílias descendentes de grupos de elite, moradores de apartamentos de luxo, que em geral são mais caros e luxuosos que os apartamentos das Graças). Da mesma forma, as mansões que lá existem se dividem em termos de utilização entre empresas públicas, empresas privadas e residências (embora essas últimas pareçam somar maior número que no bairro anterior). Diferentemente do bairro das Graças, o bairro de Casa Forte abrange ainda alguns poucos pontos ocupados por populações de baixa renda e sem renda, que vêm sendo paulatinamente expulsas do local, à

---

(5) Grande número dos casarões mais antigos das Graças foram demolidos, dando lugar aos espigões, enquanto outros foram transformados em repartições públicas, colégios, academias, consultórios e outros usos, sendo frequentemente descaracterizados em sua arquitetura. Entre os casarões usados por instituições públicas, tem-se o prédio ocupado pelo Museu do Estado de Pernambuco, um dos poucos que guarda sua feição arquitetônica original.

força de projetos governamentais e projetos imobiliários de empresas privadas. (6)

Retornando a nossa argumentação inicial, lembremos que uma das suposições de nossa pesquisa reside na idéia de que uma feição aparentemente semelhante, em termos de fachadas das edificações e das estruturas urbanas mais visíveis, encobre algumas diferenciações entre as populações dos dois bairros, bem como entre as percepções que essas populações têm sobre cada um deles. Lembremos ainda que, dentro da diversidade de populações existentes em ambas as localidades, nosso estudo está voltado para famílias pertencentes às altas camadas médias, operacionalizadas em termos de famílias onde pelo menos um dos cônjuges pertencem ao grupo dos "profissionais que exercem profissões liberais". Constatamos, no universo considerado, que a grande maioria das entrevistas realizadas em Casa Forte revelaram famílias descendentes de grupos de elite (econômica ou intelectual), enquanto que as entrevistas realizadas nas Graças trouxeram frequentemente realidades familiares menos elitizadas, apresentando grande número de grupos onde a entrada para o nível de classe média de profissões liberais se deu em momento recente, dentro da própria geração tratada.

Uma primeira explicação para essa constatação reside no argumento de que comprar um apartamento (ou outro tipo de

---

(6) Por se tratar de um local onde a ação dos órgãos de defesa do patrimônio histórico nacional é mais efetiva, existe em Casa Forte um maior número de casarões antigos, e um menor número de prédios de apartamento, quando comparados às edificações existentes nas Graças.

habitação) considerada de bom nível para as famílias em questão<sup>x</sup> no bairro de Casa Forte, além de economicamente mais oneroso, é também, mais difícil do que comprá-los nas Graças, uma vez que o aparecimento de novos edifícios de apartamentos tem sido até então mais frequente neste segundo local que no primeiro. Deste modo, parte da classe média<sup>y</sup> que reside em Casa Forte, em apartamentos, teve acesso aos mesmos através de negócios que envolvem a troca de uma casa pré-existente de propriedade da família (para ser demolida), por algumas unidades em um espigão construído em seu lugar.

Um outro nível de explicação à tal constatação reside, por sua vez, na própria idéia que os informantes fazem a respeito dos dois bairros, e na adequação dessas imagens para suas realidades cotidianas familiares. É compreensível, para famílias que vivem a situação de adentrar em um nível mais elevado da classe média (e portanto não contam com grandes apoios materiais por parte dos ascendentes), que se lhes apresente como atrativo um local de moradia que ofereça diversidade em termos de prestação de serviços e proximidade com o centro da cidade. Da mesma forma, para famílias que contam com facilidade para usufruir do consumo que a sociedade lhes oferece, mesmo residindo em locais relativamente distantes das áreas movimentadas da cidade (por contarem com transportes particulares e com maior disponibilidade de tempo para sua locomoção), é compreensível que suas exigências em termos de local de moradia extrapolem a questão da proximidade com o centro da cidade (locais que apresentam alguns incômodos, como barulho e

agitação), e passem a se expressar em termos de um desejo de privacidade.

Entretanto, o fato de termos encontrado em Casa Forte maior número de famílias descendentes de grupos de elite, e termos encontrado nas Graças maior número de famílias descendentes de populações assalariadas de baixa renda, não nos autoriza afirmar uma diferenciação absoluta das populações médias desses dois bairros em termos de origem familiar, uma vez que não fizemos um estudo quantitativo mais acurado envolvendo tais populações e localidades.

O que podemos sugerir, baseados nas informações acerca dos processos de ocupação dessas localidades e nas nossas constatações acerca das distinções em termos de origem familiar dentre as famílias investigadas, é que o bairro de Casa Forte parece materializar o desejo de privacidade das populações da elite tradicional do Recife. Por sua vez, o bairro das Graças, por apresentar como principal aspecto atrativo o fato de oferecer serviços diversos à sociedade, tendendo a se constituir como um local de certo movimento e efervescência, atrai principalmente as populações mais recentemente elitizadas, ansiosas por consumir situações e bens anteriormente inacessíveis. (Ver referências de Jornal sobre o bairro das Graças no anexo 4).

#### **4. CONTEXTUALIZANDO AS FAMILIAS EM QUESTAO**

Esse capítulo tem como objetivo sistematizar alguns dados relativos aos dois conjuntos de famílias pesquisados, e formar um quadro de referências através do qual o leitor possa posteriormente penetrar nas análises de alguns assuntos mais específicos.

Neste primeiro momento tentaremos situar informações relativas à situação social das famílias de origem e às trajetórias profissionais especificamente dos homens e das mulheres entrevistados.

##### **4.1. FAMILIAS DESCENDENTES DE GRUPOS DE ELITE**

###### **4.1.1. Situação Social das Famílias de Origem**

Iniciemos tratando as famílias que possuem relações de parentesco por descendência com grupos de elite. Sobre a natureza dessa descendência, é necessário frisar que a ligação com a elite existe, em alguns casos, por parte dos dois cônjuges, e em outros, por parte de apenas um dos cônjuges. Em ambas as situações, porém, lidamos aqui com famílias vinculadas a uma elite detentora de capital econômico, e pode-se dizer, emblemática no campo das tradições intelectuais e políticas do Estado.

Desse modo, estamos falando de um grupo cuja imagem pública e auto imagem se aproximam bastante da imagem das famílias das quais descendem, ou seja, de uma imagem idealizada da classe média tradicional pernambucana, embora que sua atual condição econômica

já não os permita viver plenamente essa situação, exceto enquanto subjetividade.

Dentre as representações recorrentes em nossa sociedade, que permeiam a idéia de "classe média tradicional pernambucana", dois aspectos se apresentam como centrais. Em primeiro lugar, parte dessas famílias representam grupos cujos ascendentes foram ou são, de fato proprietários rurais ou de negócios urbanos. Ou seja, possuem ou já possuíram um certo tipo de propriedade econômica, tais como engenhos, usinas, empresas urbanas, etc... Decorrente desse aspecto, emerge uma particular forma de envolvimento com a vida política e com o Estado, que caracteriza o modo de agir político das oligarquias do Nordeste. (1) Em segundo lugar, essas famílias de origem viveram muito frequentemente uma condição de trabalho peculiar a grupos que possuem certa tradição de envolvimento na vida intelectual da sociedade e na esfera das atividades liberais. Encontra-se aqui a origem de suas concepções de recusa às atividades manuais, tão recorrentes nos depoimentos colhidos. Esses dois aspectos aparecem, não raras vezes fortemente imbricados, dando a entender que essa junção se caracteriza como um processo fundamental na atualização do nível de prestígio e status do grupo em questão.

---

(1) Cf. SAES, 1985, no tocante às camadas médias tradicionais, sua vocação política, ou seja - sua inclinação para um liberalismo oligárquico - pode ser deduzida de seu grau de inserção no espaço da oligarquia.

Isso pode ser atestado em depoimentos onde os entrevistados tratam de seus ascendentes. Em tais discursos, transparece claramente a influência dessa origem tradicional na condição de trabalho que lograram desempenhar. Passemos a apreciar algumas dessas passagens de entrevistas.

- "Minha avó já era professora... nos velhos tempos ela tinha prestígio. O professor tinha prestígio, apesar de ganhar muito pouco. Minha avó ensinou em Cabrobó, ensinou um Palmares (...) meu avô foi inspetor federal de ensino. Não sei se você lembra do tempo que tinha inspetor, que andava nos ginasios. Ele era inspetor e era, ao mesmo tempo, agente do IBGE. Do lado materno, o pai da minha mãe era senhor de engenho. Ele tinha o Engenho Muruçú, lá em Quipapá - Maraiá. Tinha uns seis engenhos por ali. Então ele era o lado rico da família... Era uma raça escravagista... (em tom de brincadeira)... já o lado do meu pai era o lado intelectual".

(Alexandre)

O entrevistado acima, cuja trajetória profissional compreende uma passagem pelo magistério superior, o exercício de uma atividade técnica em uma empresa pública, e finalmente a propriedade de uma média empresa de pesca, parece nos indicar dois aspectos de sua participação em grupos tradicionais locais pela via da família de origem. De um lado, a relação com pessoas que exercem atividades de cunho intelectual - uma das avós era professora e o avô inspetor de ensino -, e de outro a propriedade efetiva de um patrimônio econômico por parte do outro ramo familiar - o avô, que era senhor de engenho.

Baseados em seu discurso, podemos dizer ainda que a família do informante tem vivido uma situação de prestígio e condição econômica peculiar à camada média tradicional pernambucana há mais

de duas gerações. Podemos observar ainda a maneira pela qual os elementos indicadores da tradição intelectual e da propriedade econômica aparecem imbricados na história de vida dos sujeitos mencionados, projetando-se daí para a própria história profissional do informante.

A idéia de que o status da família de origem, de algum modo, contribuiu para o desenrolar da trajetória profissional dos informantes é fortemente recorrente nesse grupo, aparecendo algumas vezes em termos de influências mais subjetivas, e de outras vezes de forma mais direta, tal como no depoimento que se segue.

"Não, veja bem, eu fui trabalhar no hospital... Não tem nada a ver. Quando eu terminei de fazer História, eu não queria ensinar história, não queria. Tinha feito um curso errado. Aí meu pai era médico da universidade e professor universitário. Então, naquela época eu dizia: Painho, arruma pra mim, aí ele arranjava. Aí era fácil, e aí eu disse a ele: me arranje um trabalho. Eu quero trabalhar. E ele então falou com o diretor da Faculdade de Medicina: arranje um lugar pra minha filha. E por acaso, estava faltando uma secretária para o Departamento de Psiquiatria. Papai: quer ir pra lá?; quero. Aí eles me mandaram ajudar a Psicóloga de lá, que era uma pessoa formada em Pedagogia, porque naquela época só era psicóloga quem tivesse pedagogia, não é? Aí eu ficava ajudando ela, na correção dos testes, na correção... aquelas coisas muito automáticas, que qualquer pessoa podia fazer. Mas eu ficava de ouvinte, ficava lendo, era a parte de técnicas projetivas e aquilo foi me despertando, e eu fui gostando ... (...). Foi quando então um dos médicos de lá disse: olha, você está demonstrando tanto interesse, e o depto tende a crescer, ele vai querer contratar outras psicólogas. Por que você não faz o curso de Pedagogia?... Aí então foi quando eu fiz pedagogia e continuei trabalhando, fui contratada... Mudei de nível, fui para auxiliar de psicologia enquanto fazia pedagogia. Até quando acabei o curso de pedagogia, e aí fui-me embora para a Europa. ... Lá eu fiz psicologia clínica."

(Josélia)

O mesmo fenômeno pode ser observado no trecho abaixo transcrito, onde o casal - uma economista e um engenheiro consultor -, tentava explicar a condição social da família de origem do cônjuge feminino. Essa passagem é particularmente rica no sentido de revelar a articulação entre a propriedade de terras e a inserção na vida intelectual e política da sociedade por parte das famílias de origem de ambos os cônjuges.

Rosângela - "Meu pai foi formado em Direito. E sempre foi Juiz. O pai dele era dono de engenhos no interior.

Ronaldo - E já começou como juiz? Não se começa como promotor?

Rosângela - Não. Já começou como juiz. Fez concurso. Começou a vida dele como juiz. Que eu saiba, foi para vários lugares até chegar à capital. (...)  
Minha mãe foi doméstica. Fez até o 4o. ano primário, apesar de ser uma pessoa que ainda hoje lê muito. Você não diz, de jeito nenhum, que ela tem um nível escolar assim tão baixo... E sempre morou em casa de meu avô e minha avó. Eles sempre foram os pais da gente. Ele foi quem mandou, desmandou, e durante o tempo todo teve um papel vital na vida da gente.

Ronaldo - Pessoal muito conservador. Sustentáculos da oligarquia alagoana. Chegou a ser governador, o primo dela. Esse que está convidando a gente para almoçar agora.

Rosângela - Por conta do golpe de Estado, minha família é uma família tradicional, né? E houve muita desilusão por parte da gente em relação a certas posturas, comentários da grande maioria deles, da família do meu pai. Tem alguns que eu quero muito bem porque teve muita aproximação quando eu era criança. Mas eu não conservo."

Tal como expressa o diálogo acima, as considerações dos informantes a respeito das famílias de origem trazem frequentemente referências com relação à vinculação política de seus ascendentes.

Alguns discursos evidenciaram conflitos e divergências ideológicas entre a geração tratada e seus pais, principalmente no tocante à visão sobre a política local.

É interessante notar que lidamos aqui com um conflito de gerações cuja base não se encontra apenas numa certa oposição estrutural para a afirmação da geração mais jovem em relação à geração mais velha. Procurando o sentido histórico contido na natureza desse conflito, identificamos a geração dos pais enquanto uma geração que sentiu como ameaça à sua propriedade e ao seu prestígio a estratégia populista de integração das classes trabalhadoras ao mundo da política brasileira, evidenciada à partir de 1930, e nessa perspectiva apoiaram por um determinado período o golpe político-militar de 1964. Ocorre que seus filhos, ou seja, a geração contemporânea do movimento estudantil de 1968, já não puderam mais ter um comportamento político que se coadunasse com a situação de posse econômica ou prestígio profissional vivida por seus pais. Sua situação de trabalho os impeliu a reconhecer que a militarização do Estado tornou-se instrumento de consolidação da hegemonia política do grande capital monopolista. (2) Enquanto

---

(2) Como já havíamos mencionado, obtivemos nas nossas investigações depoimentos de informantes descendentes de famílias de elites que afirmaram não ter nenhum tipo de participação nos movimentos políticos de 68. Ao nosso ver, esta posição está relacionada ao fato de que os processos de afirmação profissional dos mesmos parecem marcados por um maior grau de dependência da família, quando comparados com as perspectivas dos informantes que afirmaram ter participado do movimento estudantil. Esta relação pode ser observada no depoimento de Josélia anteriormente transcrito e no depoimento de Luiz, do qual trataremos mais à frente.

futuros profissionais, os representantes dessa geração assistiram o processo de desintegração progressiva das profissões liberais, e uma integração cada vez mais ampla dos advogados, médicos, engenheiros, arquitetos, economistas etc, às grandes empresas de serviços industriais, comerciais e financeiros. Esse processo os fez participar do grupo formado por diferentes setores sociais que se lançaram, cada um à sua maneira, à luta política contra o Estado militar em 1968.

Sobre as relações entre o Estado autocrático-militar e a geração dos pais dos nossos informantes (ou seja a geração dos pais-de-família das camadas médias tradicionais brasileiras em 1964), a passagem de Décio Saes, abaixo transcrita, parece indicar que a aparente divergência política das duas gerações aqui consideradas não significa, em essência, uma descontinuidade contraditória de suas perspectivas fundamentais enquanto estrato social:

"Estas participaram ativamente do movimento político-militar de 1964; a intervenção militar apareceu-lhes como o instrumento mais eficaz de destruição da "democracia de massas". Assim, as camadas médias tradicionais, desejando a militarização transitória, contribuíram objetivamente para a militarização permanente do aparelho de Estado. Entretanto, seria um erro atribuir-lhes uma orientação política autoritária, e admitir, conseqüentemente, sua adesão à política autoritária do desenvolvimento. A análise do processo de mobilização antipopulista levou-nos a caracterizar seu apelo à intervenção militar como a manifestação de um autoritarismo de crise. Ora, autoritarismo de crise está longe de constituir a negação de sua orientação política habitual: o liberalismo oligárquico; na realidade, não faz senão confirmá-la." (SAES, 1985, 174).

O autor atribui, portanto, as camadas médias tradicionais, tanto à geração dos pais de família de 64, quanto à geração da juventude de 68, uma orientação política que tende a resguardar seu elitismo, embora que associado a uma forma liberal de atuação, que pode assumir a configuração de um apoio temporário a golpes autoritários, ou de um protesto subversivo da ordem instituída.

Na sequência de depoimentos abaixo, onde o casal entrevistado fala de sua vivência política, reaparece claramente a divergência de posições entre Ronaldo e seu pai, um típico representante da geração que defendeu o golpe militar de 64 na história política da "classe média" tradicional brasileira.

**Ronaldo -** Essa coisa de a gente ter ficado um ano na casa de meus pais foi um pouco a consequência de uma mudança brusca no rumo de vida da gente. Porque, eu tinha uma atuação forte na política estudantil, na Faculdade. Fui diretor da UNE. Então eu não tava de casamento marcado ainda... estava muito engajado nisso e via o mundo por aí... quer dizer, vinte e tantos anos e a gente se preparando para dirigir um país, para entrar na história do país, e num certo momento: "não, vocês tão fora".

**Rosângela -** Ele chegou a morar até um ano no Rio como secretário da UNE. Foi em 62 e 63. Na outra gestão foi quando aconteceu o golpe"...

**Ronaldo -** Por conta disso eu fiquei muito marcado. Então isso explica um pouco porque a vida mudou demais... "Não vou poder fazer mais nada disso. Vou ter que arranjar emprego"... porque eu era comunista, na mentalidade do povo... Então eu tinha que mudar as coisas e assumir outra estratégia de sobrevivência. E a gente tinha que sair de Maceió. Aí saímos de Maceió, fui trabalhar no campo, fazer estradas... e naturalmente isso me desvinculou um pouco da... eu não tinha isso planejado. Quando a gente resolve casar, a preparação das coisas tava toda atrasada, né?

Rosângela - Eu acho que a gente ... nem tanto a gente resolveu casar. Foi mais o pai dele que tinha muita preocupação, e queria tirá-lo do movimento.

Ronaldo - Não. Não foi ele quem resolveu nada. Eles apenas ajudaram... ajudaram acolhendo a gente. (...)

Meu pai tinha as posições contrárias às minhas. Então não era que ele fosse contra que eu participasse, mas a maneira de pensar dele era diferente... Ele era professor universitário, mas... conservador... tivemos uma dificuldade de relacionamento grande no início de minha vida. Depois isso mudou muito... Já no fim, tínhamos uma relação muito boa.

Para outros entrevistados, a postura política da família de origem serviu mesmo como uma referência com a qual não mantiveram nenhum tipo de divergência. É o caso da experiência de Luciana.

"Minha família tem uma história de tradição política. Meu pai chegou a ser deputado federal pelo MDB. Então eu participei ativamente das campanhas. Depois de casada é que me afastei mais. Marido, filhos... e além disso Artur não é uma pessoa que vibra com política, que se envolva. Ele sempre foi chegado mais à prática, às vendas, aos negócios financeiros. Meu lado familiar é que é mais chegado a intelectualidade e à política... Mas mesmo assim eu continuei fazendo sempre alguma coisa, nem que fosse na própria família, tentando passar um pouco da minha motivação para os filhos, os parentes."

(Luciana)

Em ambas as situações, o traço comum encontrado nesses depoimentos é o fato de que essas pessoas tratam o mundo da política com um certo nível de familiaridade. Quer assumam posições mais ortodoxas, no sentido da defesa da propriedade, quer tenham militado no movimento estudantil ou em partidos de esquerda, existem sempre em seus discursos referências a parentes que se

candidataram a pleitos eleitorais. Além disso, tratam-se de pessoas que não têm medo de expor suas motivações políticas e que entendem a esfera da política como um domínio o qual podem compreender e do qual podem participar.

Diante de tudo o que foi dito, podemos acrescentar que a combinação de uma situação de origem familiar tradicional com a preparação para o exercício de uma profissão liberal, constituem a base de um complexo de fatores que vão caracterizar o grupo em questão, fazendo contrastar, sua situação social e sua visão de mundo, com as representações e práticas de uma camada da classe média de origem mais recente. Esse contraste vai se caracterizar, tanto ao nível de prestígio e poder econômico com que contam, quanto a nível da postura política, da organização doméstica, da vinculação religiosa, e de outros aspectos subjetivos relativos aos indivíduos e às famílias.

#### **4.1.2. Trajetórias Profissionais dos Homens**

Com relação às trajetórias profissionais dos cônjuges masculinos, observamos que havia uma certa regularidade na vivência de alguns fatos marcantes da formação e profissionalização dos entrevistados.

Os depoimentos revelaram uma trajetória programada, que caracteriza-se sempre por uma educação voltada a profissionalização em nível superior, incluindo a passagem pela formação universitária básica, por cursos de pós-graduação, por estágios compatíveis com a vida acadêmica, culminando com o acesso a ocupações compatíveis com

o projeto total da formação, tal como está descrito no depoimento abaixo:

"Bom... Eu, de fato já trabalhei... antes mesmo de ter adotado essa profissão, antes de concluir o curso de engenharia, mas em coisas de alguma forma correlatas... Eu fui professor num colégio Estadual, professor de física, professor de matemática... (...) Eu fiz o curso médio... e aí, logo que eu terminei isso, enquanto era estudante de engenharia, eu ensinei no colégio Estadual... E antes disso eu trabalhei numa empresa construtora que meu pai tinha, em algumas funções auxiliares, enquanto eu era estudante, não é? No último ano que eu fiz no colégio e primeiro ano da faculdade... Pronto, fiz o curso de engenharia... Trabalhei no início da profissão em saneamento, numa empresa que corresponderia à COMPESA aqui... e, logo em seguida numa empresa privada que também trabalha na área de saneamento. Daí eu fui para a área de estradas. Então eu fui para o campo, trabalhar em construção rodoviária, chefiar obras de construção rodoviária. Daí eu vim pro Departamento de Estradas e Rodagens, fiquei um ano e pouco lá. De lá eu vim para uma consultora aqui em Recife, nessa área... fazer projeto etc... na área de transportes. Fiquei aí mais uns 4 ou 5 anos. ...Aí, ligada a essa empresa, criamos uma empresa de consultoria voltada pra área de informática... pesquisa operacional. Depois nos desligamos dessa empresa.

(Ronaldo)

Nesses depoimentos aparecem ainda, de maneira não rara, referências às passagens desses informantes por instituições públicas no início da carreira, e uma posterior transição para a criação de empresas privadas (como proprietários, associados, ou mesmo na situação de funcionários bem remunerados em empresas maiores) tal como está ilustrado no trecho abaixo transcrito:

"minha formação universitária foi em biologia. Eu sou biólogo. E dentro da biologia eu me especializei em peixes, pesca. Mais especificamente em biologia aplicada à pesca. No começo trabalhei em repartição pública. Fui técnico da SUDENE, fui professor da

Universidade, fui diretor de repartição pública no PPD, "Programa de Pesquisa e Desenvolvimento de Pesquisa no Brasil", lá em Brasília. E depois... com tudo isso, comecei a me jogar para a iniciativa privada. Como eu era pesquisador no serviço público, aí eu quis montar um escritório de pesquisa. Aí fiz uma coisa chamada "Projeto de Pesca" (...) Ele foi muito bem, mas como é um negócio que quem paga pesquisa é o governo, começaram essas crises no governo, não tinha mais dinheiro para pesquisa... eu tive que vender tudo e fechar o escritório. Aí passei para a indústria e tentei criar uma indústria de mexilhões no Maranhão... muita experiência, eu tinha feito uma prospecção no Maranhão que me mostrou que havia uma disponibilidade lá de mais de 30 mil toneladas que ninguém estava explorando. Quando eu estava começando a implantar isso, o pessoal da Norte Pesca me convidou para outra tarefa, que eu achei mais interessante. Abandonei lá o mexilhão no frigorífico e comecei a ser diretor da Norte Pesca.. Além dessas atividades, hoje eu tenho um barco de pesca... tenho aqui mesmo. E nunca me separei da minha profissão. Aí estou sempre fazendo as duas coisas. Então sempre tenho feito consultoria, elaboração de projeto, de monitoramento pra CHESF(...) Aí pronto, eu nunca me desliguei da profissão. Nem quero me desligar".

(Alexandre)

Chamou-nos particularmente a atenção a trajetória profissional de um dos informantes, muito diversa em termos de características das trajetórias masculinas até então tratadas. Apesar de não ter cursado a universidade, o entrevistado desempenhou durante a maior parte de sua vida a atividade de corretor da bolsa de valores, e foi treinado e formado para essa ocupação através de seu pai, de quem haveria de herdar posteriormente o credenciamento para o exercício profissional, nomeado pela autoridade governamental competente.

É importante frisar que a entrada para essa esfera de atividades requer, para além de uma formação específica, que pode ser conseguida em um curso de economia, por exemplo, ou por outras

vias, tal como o fez o nosso informante, necessariamente um acesso através de parentesco ou de amizade com pessoas que gozam de prestígio na sociedade.

Numa análise mais aprofundada sobre a trajetória profissional do informante, compreendemos que o fato de não ter cursado a universidade não o impediu de conseguir uma colocação profissional de nível compatível com as ocupações masculinas recorrentes em seu grupo social. Considerando-se as características da profissionalização dos jovens de sua geração, ou seja, jovens que estavam iniciando suas carreiras na década de 60, compreendemos que nesse momento, mesmo para os descendentes de famílias da elite econômica do Estado, a passagem pela universidade não se constituía como uma trajetória muito comum. Havia mesmo, no seio de tais famílias, muitos jovens que não se davam ao trabalho de empreender tal estratégia, por acreditarem que não possuíam inclinação para os estudos, ou mesmo porque não sentiam necessidade de fazê-los, uma vez que existiam outros caminhos para se ter acesso a uma profissão. Desse modo, podemos dizer que há três décadas atrás, e para o nível social considerado aqui tendo-se em mente a condição de suas famílias de origem, a formação superior não era a única forma de se conseguir uma colocação em termos de profissões liberais, tal como ocorre hoje. (3) Podemos dizer ainda que o

---

(3) É importante acrescentar que a descendência de famílias da elite pode funcionar, ainda hoje, como um passaporte seguro de acesso a certo nível de profissões mais qualificadas e melhor remuneradas no mercado de trabalho, mas a formação superior tornou-se mais recorrente à partir da década de 60, de modo que atualmente parece mais difícil o exercício da maioria das ocupações liberais para um indivíduo que não possua uma formação universitária mínima.

projeto profissional do informante foi perfeitamente bem sucedido dentro das aspirações de seu grupo de origem, e que o mesmo conta com uma formação técnica e uma condição econômica semelhante aos demais entrevistados deste grupo ~~do mesmo~~.

A trajetória profissional desse informante é um bom exemplo de como se transferia, há trinta anos atrás, prestígio e acesso a certo rol de profissões liberais para indivíduos ou grupos, através da família de origem.

"Eu sempre tive a vida como corretor da bolsa de valores, não é? (...) E até aqui, quando o mercado piorou muito, eu tive oferta para trabalhar na FININVEST, uma financeira... E aí aceitei, né? Estou lá há 15 anos, está certo? ... Agora constatei também, com isso, que como empregado você realmente não faz nada. Alguma coisa que eu fiz na vida foi quando ainda era corretor."

... "a bolsa era um negócio assim que passava de pai pra filho, não é? Feito cartório. Então meu pai foi corretor, e talvez influenciado por isso continuei na mesma atividade (...) é, porque pra ser corretor da bolsa, você antigamente era nomeado pelo secretário da fazenda, aqui, vamos dizer, de Pernambuco. E esse título passava de pai para filho. Então você ficava como "preposto do corretor", entendeu? Depois preposto sucessor. E quando morria um, o outro assumia, certo? Automaticamente."

(Luiz)

Dois outros entrevistados apresentaram também trajetórias profissionais aparentemente distoantes do padrão mais comum encontrado nos depoimentos. Ambos não pertenciam originalmente a famílias de elite. Um deles descendia de um grupo da camada média baixas do Recife, e o outro de uma família pobre do sertão de Pernambuco. Ambos estudaram em seminários católicos desde meninos,

e pensavam em seguir a "vocaçãõ religiosa" (como eles mesmos se referiram), até o momento em que se afastaram do sacerdócio, casaram-se e constituíram famílias. Deste conjunto de fatos, vale frisar que ambos obtiveram, nos seminários, uma formação geral e profissional bem mais qualificada do que as que poderiam ter acesso dentro da sua condição social, não fosse a peculiaridade de suas passagens por tais instituições religiosas.

Ambos estudaram nas melhores universidades e chegaram a realizar cursos de pós-graduação em instituições de ensino do primeiro mundo, o que facilitou enormemente a transição entre o projeto de uma vida religiosa e o posterior projeto de vida enquanto profissionais liberais e membros de famílias das altas camadas médias. E finalmente, ambos adotaram a profissão do magistério superior, para o qual estavam devidamente instrumentados. O depoimento de um deles, abaixo transcrito, ilustra alguns aspectos dessa trajetória de vida.

"Minha família tinha uma propriedade, mas uma propriedade média, não é? No Sertão. Então para esse tipo de gente, a saída - na década de cinquenta - a saída que tinha para educar os filhos era o seminário. Então me botaram lá, para eu ser padre. Eu acho até que naquele tempo eu pretendia ser padre, então eu saí de Sertânia e fui estudar em Pesqueira. De lá me mandaram para João Pessoa para fazer o científico e depois fui fazer, no Rio Grande do Sul, a filosofia, que era, obrigatório para os estudos de humanidades, pra quem queria fazer o seminário e se ordenar padre. (...)

Daí o bispo de Pesqueira achou por bem me mandar pra Europa, para fazer o curso na Europa, porque achava que eu era uma vocação muito destacada. E as melhores cabeças ele mandava estudar fora. (...)

Na Suíça eu fiquei de 64 a 68 fazendo Teologia. São quatro anos de Teologia Tomista, e em 68 eu deixei o seminário. Eu disse ao bispo que não queria mais ser

padre, não tinha recebido a ordenação, coisa nenhuma. Era um final de concílio, eu resolvi deixar tudo aquilo e então me desencantei com essas coisas. Eu fui então pra França, para Paris. Em Paris eu comecei a fazer ciências sociais já numa fase intermediária entre a graduação e a pós-graduação... Então me aceitaram como aluno de Ciências Sociais, e aí eu comecei minha vocação sociológica. Em Paris, estudando lá, eu conheci uma pernambucana com quem eu me casei e estou casado até hoje.

(Jair)

Os dois informantes casaram-se com mulheres descendentes de grupos médios tradicionais do Estado, e a importância do apoio das famílias de suas esposas foi, de alguma forma, registrada em suas histórias de vida. O depoimento da esposa de Jair, abaixo transcrito, evidencia esse fato:

E daí ele veio pra cá, numa cidade estranha, sem conhecer ninguém, num tipo de vida também novo, não é? No começo deve ter sido duro para se adaptar a tudo isso. Ficou na casa da minha mãe, minha mãe era viúva a essa altura, meu pai morreu muito cedo, morreu com 54 anos, de coração, e ele ficou na casa de mamãe até a gente se casar. E a gente se casou em setenta. Ficamos na casa de mamãe, só tinha uma irmã casada, enquanto a gente lutava pra arrumar trabalho pra ele... bate aqui, bate acolá, deu aula de tudo, até de religião, de ética, do diabo... Então aí a gente casou; quando a gente tinha o mínimo para viver casamos assim: mamão deu o fogão, minha irmã deu o liquidificador, meu irmão deu o ventilador, ele deu um curso na Fundação Joaquim Nabuco, com o dinheiro desse curso comprou a geladeira e a gente foi comprando o básico, o básico mesmo.

(Josélia)

Como nos mostram esses depoimentos, a passagem pelo seminário e o casamento com pessoa de família de situação econômica mais elevada, dentro da história particular do entrevistado, convergiram enquanto esforços no sentido de driblar sua condição social de

origem, auxiliando-o na transição para um nível sócio-econômico superior.

Diante dessa análise, podemos dizer agora que as trajetórias profissionais desses dois últimos informantes, apesar de trilharem caminhos diferentes das trajetórias dos demais informantes do grupo em questão, possuem muitos aspectos em comum com essas últimas.

Finalizando, as histórias de vida dos informantes masculinos com que lidamos aqui, especificamente no tocante às suas trajetórias profissionais, embora apresentem divergências entre si em termos do nível da formação acadêmica dos indivíduos, bem como em termos do nível social das famílias de origem, possuem em comum três aspectos principais: em primeiro lugar está o tipo de ocupação que conseguiram, ou seja o fato de terem, esses indivíduos, conseguido nas empresas públicas ou privadas os níveis mais elevados de remuneração e prestígio. Em segundo lugar vem a visão que têm a respeito da esfera dos acontecimentos políticos, que os permite fazer certa relação entre tal esfera e suas realidades de trabalho. Em terceiro lugar, temos ainda a forma como falam de suas perspectivas profissionais, dando a entender que se percebem como pessoas que têm controle sobre suas possibilidades de trabalho, apoiados numa capacidade intelectual adquirida com a formação profissional, somada à sensação, ou melhor à convicção, de que estão na esfera de gerir. Ao nosso ver, certa parcela da responsabilidade por este sentimento pode ser creditada à condição de integrantes de famílias tradicionais, quer por parte de um parentesco próprio de origem desses indivíduos, quer por parte dos

laços conjugais que constituíram.

Podemos dizer, então, que a idéia do profissional que faz convergir sua competência técnica e sua inserção política para o desempenho de seu trabalho é um forte elemento que compõe as representações desses indivíduos, tanto no âmbito das atividades profissionais, quanto em outros aspectos de suas vidas.

#### **4.1.3. Trajetórias Profissionais das Mulheres**

Quanto às trajetórias profissionais das mulheres, seus depoimentos indicam também uma certa regularidade em termos de fatos ou passagens recorrentes, bem como em termos de representações sobre essas passagens.

Observamos que a maioria delas recebeu da família, até o momento anterior ao casamento, uma educação cujo objetivo era capacitá-las à uma vida profissional, mais especificamente, ao exercício de profissões liberais. Pelo menos ao nível da educação formal, não se nota até aquela etapa da vida dos indivíduos grandes diferenças entre a formação dessas mulheres e a formação de seus cônjuges. Essa trajetória, que até o referido momento vai se desenvolvendo de modo satisfatório para um indivíduo pertencente ao estrato social considerado, guardando sua especificidade sexual, mas não necessariamente apontando para uma hierarquização baseada nesse aspecto, vai ser modificada a partir da presença das problemáticas relativas aos cuidados com a vida doméstica, mais especificamente aos cuidados com os filhos.

Diante da maternidade, algumas dessas mulheres relataram um afastamento parcial ou total da vida profissional, variando entre 4 a 10 anos, nos casos mais extremos. Os depoimentos indicam também que, decorridos os primeiros anos de vida das crianças, elas voltam a investir no trabalho fora de casa, logicamente, arcando com as consequências negativas desse afastamento. Desse momento em diante, elas tentam recuperar as perdas suscitadas no processo, fazendo um esforço concentrado demandado pela divisão entre os cuidados com a família, as atividades de retomada dos estudos e o exercício de atividades profissionais mal remuneradas. No final de tal trajeto, algumas conseguem recuperar parte de suas aspirações profissionais anteriores. O depoimento abaixo elucida de forma expressiva o encadeamento e a importância desses fatos na trajetória particular da informante. Tais elementos aparecem de modo recorrente entre a maioria das entrevistadas desse grupo.

"Eu fiz curso de Letras. No tempo tinha letras clássicas e línguas neolatinas. Eu fiz neolatinas... Gostava muito de francês, então eu estudei francês da Aliança Francesa também...E depois ensinei ainda uns três anos, quando eu era estudante, ainda na faculdade. Ensinei num cursinho pré-vestibular, ensinei num colégio. Mas depois casei com Alexandre e aí fiquei um bocadinho fora da profissão. Fiquei logo esperando Carla, e me afastei do meu trabalho, dos meus estudos. Ainda consegui fazer alguma coisa, um curso de literatura. Fiz na Aliança, com Carla novinha. Mas, fiquei, foi dos vinte e três até os vinte e nove anos... foram seis anos, que eu fiquei em casa, né? Mas no tempo era o que dava mesmo. Uma luta.

(Adriana)

Esse conjunto de dados é muito característico na história da geração de mulheres brasileira pertencentes ao nível social aqui tratado, e que foram jovens, casaram-se e constituíram famílias no final dos anos 60. Podemos observar no depoimento abaixo um encadeamento de fatos muito semelhante ao referido no depoimento

anterior.

"Eu vou começar do comezinho. Eu comecei a trabalhar com 18 anos. Fiz vestibular pra Economia, e comecei a trabalhar em empresa de abastecimento de água, como secretária. Depois foi criada uma companhia de desenvolvimento de Alagoas que tinha muito a ver com a área de economia, que eu pretendia, né?... Então eu fiz teste e comecei a trabalhar nessa companhia.. Pronto, foi quando eu me casei, tive a minha primeira filha e tava grávida da segunda quando meu marido foi trabalhar com estradas. Aí pronto, ele tinha que viver no interior, longe, e eu não podia trabalhar... Eu não era formada, e nessa época eu fazia o segundo ano de economia. Aí pronto, suspendi o curso quando tive a minha primeira filha, durante seis meses, aí engravidei novamente, e aí terminei suspendendo o curso de uma vez porque fui morar fora.

(Rosângela)

Trata-se de uma geração de mulheres que elaborou uma forte ruptura para com alguns dos valores mais importantes das famílias tradicionais da elite brasileira, através da reivindicação do direito de trabalhar fora de casa. Essas mulheres foram influenciadas pelo movimento de contestação ao regime político militar em 68, pela via do movimento estudantil, do qual algumas fizeram parte. Sofreram também a influência dos cânones do movimento de emancipação da mulher, e viveram intensamente os debates gerados pela introdução da pílula no Brasil. Pode-se dizer ainda, que elas intensificaram, ou implementaram de modo mais efetivo, a prática do trabalho feminino extra doméstico em seu nível social, e imprimiram, dessa forma, um novo ritmo e uma nova configuração à dinâmica interna das famílias desse segmento.

Com relação à importância da popularização dos métodos anticoncepcionais de maior confiabilidade, ocorrida no período da

juventude dessas mulheres, podemos observar nos depoimentos algumas referências ao fato de que, a partir de certo momento, elas puderam ter algum controle sobre seus corpos e suas vidas (principalmente no tocante à questão profissional). O uso dos métodos anticoncepcionais conferiu a essas mulheres a possibilidade de decidir sobre o fato de terem ou não outros filhos, e dessa forma a possibilidade de redirecionar seus esforços para outras ocupações. No discurso de Rosângela fica bastante realçada a importância desse controle no seu processo de retomada do trabalho.

"Descansava e engravidava. Da primeira vez eu engravidei com seis meses. Engravidei da segunda né. Foi sempre assim, a diferença de uma para outra é de três meses, ou melhor, um ano e três meses. Aí, quando eu parei, depois... aí tomei anticoncepcional um bocado de tempo,... aí engravidei de novo. E depois também eu quizei ter outro. Mas aí foi um tempo mais prolongado. Também, foi a época da pílula... minhas meninas não estão se dando com pílula. Não passam bem. Eu nunca tive maiores problemas não... Eu tive mais sorte".

"Quando voltamos pra Recife foi quando eu resolvi, realmente, parar de ter menino. Nessa época eu tive meu último filho com 26 ou 27 anos. E aí quando foi com 29 eu liguei as trompas e fui fazer cursinho de novo, pra fazer vestibular. Na época que eu fiz vestibular era sistema seriado. Não sei se você pegou...

Aí eu voltei pra fazer psicologia, que nessa época eu queria. No meio do curso eu voltei ao cursinho e comecei a estudar pra fazer de novo economia. Aí fiz economia na Federal. Terminei em quatro anos. Pronto, quando eu terminei o curso já tava com trinta e quatro anos. Aí eu tive que recomeçar a vida trabalhando... Trabalhei na Universidade, mas em pesquisa. E enquanto isso os meninos foram crescendo, né? Quando meus meninos já estavam no colégio, grandinhos, nessa época ele já tinha sete anos, aí foi quando eu voltei realmente a trabalhar.

(Rosângela)

Os discursos dessa mulheres sobre seus trabalhos trazem sempre

dois elementos significativos. É enfatizada a questão de terem conseguido voltar à vida profissional, apesar do afastamento decorrente da necessidade de dedicação aos filhos. Mas fica patente a idéia de que, sem o transtorno desse afastamento, situações profissionais melhores poderiam ser cogitadas. Seus depoimentos expressam a consciência de um certo prejuízo profissional e uma determinada forma de acusação velada aos seus cônjuges pelo fato de serem levadas a acompanhá-los em suas trajetórias de vida e suas concepções acerca da impropriedade (ou inviabilidade) do trabalho feminino, assumindo por outro lado os filhos, e relegando a segundo plano suas próprias perspectivas. Os depoimentos que se seguem ilustram as dificuldades com que essas mulheres contaram no momento da retomada de suas atividades de trabalho. No primeiro, a informante fala inicialmente de sua formação e em seguida refere-se às divergências entre suas idéias e as idéias do marido a respeito da possibilidade de trabalhar fora de casa. No segundo depoimento, a informante enfatiza o risco de sucumbir profissionalmente, vivido por ela e por outras mulheres de sua geração.

"Apesar de não ter feito um curso superior, quando me decidi a trabalhar fora de casa eu tinha feito um curso completo de língua na Aliança Francesa e fiz inclusive uma formação especial que preparava para o ensino. Era um curso chamado Nancy. Além disso, eu tinha uma bagagem intelectual razoável. Com 15 anos já tinha lido Dostoievski, Tolstoi, muitos escritores franceses e muita literatura brasileira. Isso me ajudou imensamente quando fui trabalhar com ensino e também depois, nas agências de turismo."

"Nunca me conformei com a vida exclusivamente doméstica apresentada às mulheres da minha época. Tinha amigas e primas que achavam uma maravilha não trabalhar fora... Se eu só comecei a ter uma atividade profissional por volta dos 35 anos, foi devido à própria visão de mundo daquele tempo e

também por causa da família. Luiz não era realmente machista, mas seguia a ideologia do seu grupo, dos seus familiares. Depois ele compreendeu que estava errado, que não era bom pra família eu não trabalhar. E aí começou a me dar uma força, me ajudou a arranjar emprego."

(Luciana)

"Acho que ter voltado ao trabalho foi um negócio, assim, muito bom para mim... porque eu tive oportunidade, naquela época, eu hoje tava até comentando com uma amiga minha, que não se tem hoje, né? Eu trabalho no SERPRO, que é um serviço federal de processamento de dados. Tá fazendo nove anos que eu entrei lá, e fazem oito anos que ninguém de fora entra... se eu tivesse demorado mais a me decidir, talvez nem tivesse conseguido."

(Rosângela)

Mais que qualquer outro aspecto, os depoimentos sobre as trajetórias profissionais dessas mulheres evidenciam a vivência de um conflito gerado, por um lado, pelo domínio de uma formação para o trabalho, e por outro, pela persistência de valores tradicionais no modelo de família característico da época, que embora não conseguissem condenar inteiramente o trabalho feminino, guardavam fortes preconceitos em relação a essa prática. Alguns discursos evidenciam o sentimento de receio diante da idéia de que essa nova situação pudesse ser prejudicial à vida das famílias.

Além disso, apesar da existência de um discurso de "paternidade co-responsável" por parte dos cônjuges masculinos, o confinamento dessas mulheres ao âmbito doméstico durante a infância dos filhos parece indicar que as tarefas de orientação e cuidados com as crianças ainda eram, nesse momento, tarefas de responsabilidade maior das mães. Esse, aliás, não é um dado restrito ao segmento social considerado, como atestam os inúmeros

estudos sobre família e condição feminina no Brasil em tempos passados e recentes. (cf. SAFIOTTI, 1976, JUNE, 1978, WHITAKER, 1987 : 13, etc...)

As entrevistas, porém, deixaram claro que o sacrifício de relegar a segundo plano suas vidas públicas e o empenho exclusivo na formação da família, foi admissível para essas mulheres por um período de tempo determinado. O simbolismo contido nos discursos sobre a interrupção de seus projetos profissionais expressa o momento de emergência de novas práticas no desempenho feminino, e a natural insegurança do experimento. Revela também que esse sucumbir, ainda que a nível temporário, para uma reclusão à vida privada, não foi interpretado de forma positiva pelas mesmas, e demonstra, igualmente, o quanto foram radicais suas atitudes nesse momento de transformação dos costumes familiares.

Comentando os efeitos, diferenciados entre as classes sociais, da transformação do mercado de trabalho e da introdução de métodos eficazes de controle da natalidade no Brasil, Eunice Durham afirma que:

"... a transformação do mercado de trabalho com a industrialização, não parece ter afetado os padrões funcionais de divisão sexual do trabalho nas famílias dos trabalhadores, embora provavelmente venham a fazê-lo mais a longo prazo. O que deve influir decisivamente numa transformação desse tipo é o acesso a técnicas do controle da natalidade e a conseqüente possibilidade de divorciar a sexualidade da reprodução, como ocorre nitidamente nas classes médias urbanas. (DURHAM: 1982 : 47)

Com efeito, entre os níveis mais altos dos assalariados não manuais que integram as camadas médias, a transformação do mercado

de trabalho parece estar afetando de modo mais imediato os padrões de divisão sexual do trabalho, as relações de dominação e o próprio modelo de família legalmente constituída. Segundo DURHAM, é nessas populações que se manifestam, de modo mais imediato e mais claro, as tendências ao desenvolvimento de um igualitarismo conjugal e familiar, de base individualista próprio da sociedade industrial. Essas transformações promovem a contestação das relações de dominação-subordinação entre homem e mulher, a contestação ao controle masculino sobre a sexualidade feminina, e portanto, a própria forma do vínculo conjugal. Dentro deste contexto, a libertação sexual e a aceitação pelas mulheres de camadas médias, de uniões consensuais esporádicas ou permanentes, além da exigência de uma relação conjugal mais igualitária, parecem estar condicionadas por dois fatores principais: pela possibilidade de independência econômica com que passaram a contar (através de um exercício profissional em posições relativamente bem remuneradas), e pelo acesso a técnicas eficazes de controle da natalidade.

A introdução da pílula na sociedade brasileira do final dos anos 60 (3) foi um elemento muito importante no processo de transformação dos costumes e dos valores em relação às famílias oriundas de grupos de elite, afetando os casamentos no sentido de possibilitar o retardamento do nascimento dos filhos e ainda a delimitação do tamanho das famílias, facultando às mulheres de algumas faixas sociais específicas a realização de trajetórias profissionais diferenciadas.

O depoimento abaixo transcrito elucida a trajetória de uma mulher cujo casamento se deu numa idade mais avançada, em relação

ao padrão comumente encontrado entre as informantes do grupo (em geral, casadas entre os 20 e 25 anos), o que parece ter influenciado fortemente sua visão em relação ao trabalho e à própria relação conjugal.

"Isso foi em 1956, por aí. Não tinha psicologia não. Aí eu fiz Geografia e História. Eu gostava muito de história, mas depois que eu terminei, eu vi que não era o que eu queria. Aí fui trabalhar na Universidade e foi quando eu descobri - porque eu fui trabalhar em psiquiatria - e descobri a psicologia, não é? Também não tinha curso. Quem estudava psicologia naquela época teria que fazer pedagogia. Aí fiz novo vestibular e fiz pedagogia. Quando eu estava terminando pedagogia, surgiu o curso de psicologia na Católica. Foi o primeiro daqui. Mas aí eu disse: Tá danado, fazer outro curso aqui? Não dava mais, não dava mais de jeito nenhum. Depois, a essa altura eu já estava trabalhando como auxiliar de psicóloga no hospital, etc e tal, e estava de fato, toda interessada. Aí surgiu a oportunidade de eu ir pra Bélgica e eu fui. Lá eu fiz psicologia e aí passei mais quatro anos estudando psicologia e iniciei minha formação analítica, iniciei minha análise pessoal... lá também eu descobri a psicanálise que também não existia. Mesmo em 1965, o ano que eu fiz, não tinha nada de psicanálise aqui, nada. Algumas pessoas mais letradas, mais interessadas, sabiam, liam. Tinha psiquiatra, havia... mas essencialmente ensino. Escola psicanalítica aqui não existia nada, nenhum analista, nada. Existiam pessoas, sabe? Como é que se diz? Psiquiatras assim que liam, que falavam, mas uma coisa assim muito, não é? por ouvir dizer..."

(Josélia)

No discurso de Josélia (que casou-se aos trinta e um anos), observa-se que a informante se percebia, desde o início de sua

---

(3) Cf. COSTA, (1980 : 1), as atividades de planejamento familiar em Pernambuco tiveram início desde 1966, como iniciativa do Governo do Estado em convênio com a BEMFAM (Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil).

vida profissional, como um sujeito intelectualmente capacitado a competir no mercado de trabalho. Na continuação do depoimento, percebe-se ainda que o trabalho, e não o casamento, se apresenta como prioridade principal de sua vida.

Olhe, meu casamento foi uma consequência, decorrência da minha relação com Jair, não é? Nós nos conhecemos em Paris. Ele tinha ido estudar na Suíça, e enquanto eu estava na Bélgica, ele estava na Suíça, que eu fui fazer psicologia na Bélgica. O curso existia a nível de estágio, e eu tinha muitos amigos em Paris, amigos do Recife que tinham ido estudar em Paris. E aí eu ia muito em Paris, todo fim de semana que eu tinha possibilidade eu ia lá, é claro. Quando chegou a época de eu fazer o estágio, era permitido fazer o estágio no exterior, eu digo "pronto, é a hora, Paris é o exterior da Bélgica". Lá fui eu. Aí consegui uma bolsa em Paris, através desses meus amigos, e terminei o curso e fui para Paris, onde passei um ano e dois meses fazendo estágios que eram necessários e continuando as coisas que eu queria de psicanálise. Continuei fazendo a minha análise, entrei no Instituto de Psicanálise, fazia grupo de estudo, para fazer supervisão, para fazer o que fosse. E lá, fui morar na Cidade Universitária. Aí pronto, nós fomos ficando muito amigos, muito amigos, muito amigos. Daí surgiu o namoro... Depois eu voltei para o Brasil, estava terminando o meu tempo de voltar, eu era funcionária da Universidade. Também Jair estava terminando o estágio, o mestrado dele, eu voltei em Dezembro, ele voltou em fevereiro. Foi pequena a diferença. Ficamos o ano de setenta aqui, equilibrando financeiramente. Ele... eu tinha o meu trabalho, continuei. Fui dando assim a continuidade. Aí iniciei no consultório e ele começou vagando para ver onde é que era que ele iria trabalhar. Até que graças a Deus fez o concurso da Universidade. Ele entrou e no fim do ano nós casamos. Quer dizer, o casamento foi o ponto final da frase, uma sequência de uma vivência anterior, assim, que se foi construindo à partir de uma amizade. A gente foi primeiro amigos. Não foi assim "eu vi, namorou", de jeito nenhum. Naquela época era assim, mas não foi conosco. Não foi, entendeu? Nós éramos amigos, conversávamos, discutíamos sobre cinema, discutíamos sobre não sei o que..., inclusive tem uma coisa engraçada, eu namorei com um rapaz antes dele, que era muito amigo dele, um gaúcho. E às vezes nós saíamos os três, não sei o que...

(Josélia)

O depoimento evidencia também uma concepção de relação conjugal e estruturação familiar cujas bases de construção se pretendiam igualitárias. Uma igualdade fundamentada no fato de que ambos os cônjuges possuem capacitação profissional e têm a possibilidade de investir em seus trabalhos, ou seja, onde os indivíduos em questão se relacionam enquanto pessoas que gozam de condições econômicas e intelectuais semelhantes e igualmente competitivas dentro da sociedade. Nesse contexto, o elemento que se apresenta como fundamento principal da motivação do casamento é a idéia de que à partir dessa situação igualitária, é natural que exista espaço para o afeto, para os sentimentos, para o amor, enfim, para a dimensão da subjetividade das pessoas em questão. (4)

Finalmente, é importante salientar, que as considerações acerca das trajetórias profissionais femininas se apresentaram, nos discursos, geralmente relacionadas às preocupações com a casa e os filhos. Podemos observar, ademais, que esses elementos estão organizados de modo a expressar que apesar das necessidades demandadas pela relação conjugal, pelas tarefas domésticas e pela

---

(4) Nossas observações guardam certo nível de sintonia com as considerações de ALMEIDA (1987), em relação às representações que os homens e as mulheres, integrantes da geração de 60 e do grupo social em questão, fazem sobre o trabalho; principalmente com relação aos dados, levantados pela autora, referentes aos indivíduos descendentes de grupos de elite.

Todavia, diferentemente do esquema analítico aqui proposto, o aspecto da situação social das famílias de origem dos informantes não é especificamente tematizado em tal estudo, de modo que as coincidências só podem ser encontradas quando se considera detalhadamente os dados levantados na pesquisa.

*Criação dos filhos, essas informantes imaginavam priorizar em suas*  
vidas a esfera da profissionalização. Em alguns casos, o discurso  
~~criação dos filhos, essas informantes imaginavam priorizar em suas~~  
dá a entender que isso <sup>x</sup> de fato ocorreu. Em outros a tentativa  
parece mais forte que o resultado. De todo modo, todas as  
entrevistadas parecem marcadas pela ideologia do "casamento  
igualitário", onde ambos os cônjuges têm o direito de exercer  
suas atividades públicas, bem como têm obrigações para com a vida  
doméstica.

## 4.2. FAMILIAS EMERGENTES NO NIVEL DOS PROFISSIONAIS LIBERAIS

### 4.2.1. Situação Social das Famílias de Origem

Tratemos agora das famílias que, apesar de gozarem de uma situação social em termos de profissão e de poder aquisitivo muito semelhante à situação do grupo anterior, não levam, porém, a "marca" dos grupos médios tradicionais do Estado. Ou seja, lidamos aqui com famílias que emergiram no mundo da "classe média intelectualizada de profissionais liberais em momento mais recente, dentro da própria geração investigada.

Pensemos então nos aspectos que diferenciam os grupos familiares originários de famílias tradicionais, dos grupos emergentes dos quais trataremos agora, ambos integrantes de um mesmo nível econômico, porém detentores de distintos níveis de capital cultural, e cujas histórias de vida e histórias familiares guardam suas especificidades.

Lidamos aqui com um conjunto de famílias cujos ascendentes gozam de uma situação de classe e status bastante inferior quando comparada aos ascendentes das famílias anteriormente investigadas. Enquanto aqueles são descendentes de uma elite intelectual e econômica, definida em termos de poder aquisitivo, prestígio político, e tradição no meio intelectual, esses descendem de grupos que não possuem grandes propriedades econômicas e, geralmente, sem inserção na vida intelectual, pertencentes às baixas camadas médias, à maioria originária do interior de Pernambuco.

Em termos de situação profissional, as ocupações mais frequentemente encontradas dentre os integrantes das famílias de origem são os trabalhos que cabem ao baixo funcionalismo público e privado (os trabalhos rotineiros e menos qualificados de escritório), e a propriedade de pequenos negócios (geralmente pequeno comércio). Alguns poucos fizeram referência ao exercício de atividades administrativas em empresas grandes no interior, mas os relatos indicam que foram em geral situações passageiras.

Enfim, lidamos aqui com famílias que, apesar de enquadradas no nível de uma camada média alta que exerce profissões liberais e compartilha uma faixa de rendimentos próxima às camadas médias tradicionais, diferem dessas primeiras pelo fato de sua entrada para o nível sócio-econômico investigado ter-se dado recentemente, na própria geração tratada.

Seus ascendentes são pessoas e famílias sem prestígio em termos de profissões de nível superior, e que contam com pouco ou nenhum acesso às instâncias de poder do Estado e da vida política da sociedade. Passemos a apreciar alguns discursos expressivos em relação à situação social dessas famílias de origem:

"Meus pais eram pessoas humildes. Meu pai não sabia ler nem escrever, mas sabia falar. Os dois trabalhavam em comércio no interior."

(Dione)

"Meu pai foi gerente da Brahma muito tempo, não é? E depois ele conseguiu montar o seu próprio negócio, a sua estrutura. Nós tivemos uma fábrica de sandálias no interior, uma loja de discos, essas coisas... oficina mecânica, que ele mexia com tudo, não é?"

Depois que ele saiu do emprego, ele realmente não quis mais voltar. E minha mãe sempre foi doméstica, mas aquela doméstica assim, costurava muito e vendia roupas, ela mesmo confeccionava e costurava. Não gostava muito de fazer assim, se você chegasse com o tecido ela fazia... Ela gostava de ter, como hoje existe, uma pronta entrega, que você chega e você encontra. Ela já fazia isso naquela época. Até hoje. Ainda hoje, ainda faz."

(Flávia)

"Meu pai trabalhava no comércio em Caruaru. Hoje trabalha com um dos meus irmãos. Ele antes tinha sua própria atividade como representante de pequenas fábricas, mas há seis anos que se aposentou e vem trabalhando com esse irmão. Ele já tem 82 anos, mas ainda dá uma ajuda no negócio."

(Dorival)

"Eu venho de uma típica família nordestina. Tenho 11 irmãos. Meu pai e minha mãe eram telegrafistas. Criaram os filhos e hoje todos têm sua profissão. Muitos fizeram o curso superior, todos os homens e duas das mulheres... as outras fizeram o curso médio e casaram."

(Marcílio)

"Meus pais, eles são proprietários de ... naquela época era posto de gasolina e casa de peças de automóvel. Em Araripina. Ainda hoje eles mantêm o comércio de casa de peças, só que combustível não tem mais, já vendeu. E também algumas pequenas incursões também com pecuária, agricultura... mas já deixaram. É classe média de interior."

(Felipe)

Neste último depoimento o informante faz referência ao fato de que sua família de origem chegou a possuir um certo nível de propriedade econômica mais significativa, mas assinala que a mesma encontra em franca decadência em relação ao projeto de se fixar empresarialmente. As referências à perda do posto de gasolina, ao

insucesso na experiência com agricultura e pecuária, e finalmente à busca de um caminho profissional para os filhos distinto dos negócios familiares, expressa o processo de achatamento social sofrido pelo grupo ao longo das duas gerações tratadas.

O fato de nossos informantes<sup>x</sup> terem se deslocado do interior para a capital, visando conseguir emprego em atividade diferente das atividades das famílias de origem<sup>x</sup> é um dado revelador para o nosso estudo, pois demonstra que os mesmos tiveram que fazer, "por si sós", grandes esforços para ampliar o nível econômico e de status individual e de suas famílias.

Com relação à vivência política das famílias de origem, os entrevistados deram informações escassas e vagas. Na maioria das vezes não fizeram nenhuma menção a qualquer tipo de envolvimento por parte de seus pais, ou outros quaisquer parentes, com o meio político nacional ou local, apesar de haverem sido feitas perguntas provocativas a esse respeito. O silêncio em relação a esse assunto foi todavia, bastante expressivo no contexto dos discursos.

A escassez de informações, e a recusa em fazer referências à questão do envolvimento político na família de origem, bem como a natureza mesma dos poucos depoimentos colhidos sobre o assunto, levaram-nos a pensar que tais pessoas se sentem inseguras ao lidar com essa esfera de atividades. Esse dado parece coincidir com o fato de que seus antecedentes, por força mesmo do pouco prestígio de sua condição de trabalho e de sua situação econômica, não mantiveram maiores relações de envolvimento com a política.

Mesmo nos poucos casos em que fizeram referência à participação política por parte das famílias de origem, o assunto foi tratado de forma vaga e mesmo ambígua, dando a entender que as representações dos informantes sobre esse aspecto são marcadas pelos sentimentos de insegurança, impotência e descrédito, próprios de pessoas que não se acham capacitadas a tratar com uma dimensão das relações sociais que lhes foge ao controle.

Uma única entrevistada fez referência à sua participação em atividade política na infância, motivada por razões de parentesco. Mas seu depoimento deixa transparecer que essa participação não lhe propiciou uma maior capacidade de compreensão e inserção no mundo da política. O discurso finaliza com o reforço da idéia de desconhecimento e insegurança em relação a essa esfera da vida pública.

"Meu primo foi prefeito de Sousa, e na época da eleição houve uma renovação política. Derrotou um candidato que estava no poder há muito tempo. E eu participei muito na campanha. Foi na minha adolescência. (...)

Ele era da ARENA. E era isso mesmo que eu ia dizer: eu não me importo que o candidato seja de direita ou de esquerda. Se for um candidato bom, eu não me importo nem com o partido... Como todos os brasileiros, eu também estou decepcionada com a política, com os partidos. Eu prefiro escolher pelas pessoas. Votar pelo candidato."

(Marília)

Um outro entrevistado também fez menção à participação do pai na cúpula do poder do Estado. Todavia, não deixou de frisar que sua inserção na política não se deu por questão de tradição familiar ou por relações de amizade com o mundo dos políticos, mas através de

sua competência na atividade técnica. E embora exista um fator de diferenciação entre a vivência política da família de origem desse entrevistado, e a vivência política das famílias dos demais entrevistados (pelo fato de seu pai ter integrado os quadros da política local), seu discurso traz a mesma marca de receio e insegurança e principalmente o sentido de instabilidade, recorrentes nos depoimentos colhidos entre os demais informantes aqui tratados.

" Meus pais eram daqui, a família dele era de Escada, de origem baiana. Mas meu avô era médico do Exército, e aí veio transferido para Escada (interior de PE)... Militar na época não ganhava quase nada, e médico, pior ainda. Ele era médico do Exército, meu avô. Então teve muita dificuldade de criar os filhos. (...) Meu pai era engenheiro civil. Trabalhou a vida toda como funcionário público municipal. Não era homem de expressão política nem nada. Era um técnico. Foi diretor de obras da cidade durante muito tempo, várias vezes. Se revezava ele e o Pelópidas da Silveira. Foi prefeito da cidade um período... Em 46... na época era intervenção federal no Estado. Ele foi prefeito nomeado. Não era político. E enfim... morreu pobre. Nunca teve um terreno ou uma casa em Recife. Morava de favor na casa da sogra".

(Givaldo)

Com relação à organização doméstica e ao modelo familiar sob o qual estavam estruturadas as famílias de origem dos entrevistados, alguns depoimentos deixaram transparecer a idéia de uma amarração de família bastante ortodoxa em relação ao padrão de divisão sexual do trabalho. Os pais eram de fato os provedores da família, enquanto que as mães ficavam encarregadas da (e confinadas à) vida doméstica. Segundo os relatos, essas mulheres raramente cogitavam a possibilidade de ter alguma atividade profissional extra-doméstica.

As poucas atividades mencionadas, através das quais conseguiam algum dinheiro, eram sempre passíveis de realização no próprio lar (costura para fora por exemplo). Alguns também fizeram menção à introdução do trabalho das mães nos empreendimentos familiares, mas essa participação foi referida sempre em termos de "ajuda", dando a entender que as tarefas domésticas representavam as verdadeiras tarefas às quais essas mulheres deveriam se dedicar.

Enquanto os discursos dos descendentes de elite colocam, de certa forma, a inserção das mulheres da família de origem na esfera profissional, através da idéia de que eram mulheres possuidoras de bagagem intelectual, mulheres cultas, habituadas à leitura, e algumas dedicadas ao magistério, os discursos dos cônjuges das famílias emergentes carecem de maiores referências ao trabalho feminino na geração dos pais. O papel e o poder masculinos são enfatizados, e frequentemente invadem o campo da atuação feminina, como no caso do depoimento abaixo, onde o entrevistado fala da índole de seu pai.

"É uma pessoa muito boa. Conhecido em Caruaru como uma espécie em extinção. A casa sempre foi uma hospedaria para os familiares. Se preocupa muito com os outros. Criou os netos, filhos do meu irmão que se separou da mulher. Ainda hoje o pessoal mora com ele."

(Dorival)

Neste depoimento, o informante enfatiza que seu pai, e não sua mãe, como seria de se esperar, "criou os netos". É importante salientar que dentre as poucas menções que o informante fez à sua mãe, nenhuma a coloca num patamar de importância compatível com a importância atribuída ao pai na dinâmica familiar.

A tônica de todos os discursos sobre as famílias de origem recai numa visão de organização familiar onde os papéis de marido e mulher são fortemente segmentados. Esse modelo parece ser a base a partir da qual vão ser repassados os mais preciosos valores da família. O depoimento abaixo evidencia a percepção do entrevistado sobre a diferença entre o modelo familiar vivido em sua própria família e o modelo vivenciado por sua família de origem.

"É muito difícil, porque você estruturar uma família hoje está mais difícil do que antes. Hoje é um desafio de gigante... é terrível. Eu tenho uma pena incrível dos jovens... está se exigindo demais deles. É praticamente uma loteria esportiva para se acertar, é muito difícil. Na época da gente não foi tanto assim, existiam mais caminhos abertos...  
...Agora nós fomos muito ajudados pela família, pela minha família e pela da Glaucia também, porque o modo de viver das duas famílias eram muito parecidos, entende? Então isso facilitava na conformação de uma nova família. A referência era quase comum."

(Givaldo)

A problemática apresentada pelo informante situa-se em torno da dificuldade de prosseguir vivenciando o modelo familiar que conheceu na infância, e sugere o quanto sua visão de mundo foi permeada por este modelo. Esse depoimento sugere, ainda, a grande importância da referência familiar na perspectiva desses indivíduos, apesar de suas próprias trajetórias de vida incluírem perspectivas de mudança social bastante radicais, se considerarmos o afastamento em termos de deslocamento geográfico e ascensão social que realizaram.

#### 4.2.2. Trajetórias Profissionais dos Homens

Através dos discursos que elucidam as trajetórias profissionais, observamos que esses informantes apesar de terem uma formação direcionada ao curso superior, viveram trajetórias de formação e profissão geralmente tortuosas. Seus depoimentos revelaram passagens da vida onde tiveram que se empenhar em outras ocupações durante o curso universitário, em atividades frequentemente muito distintas da formação em andamento, uma vez que as famílias de origem não tiveram condições de arcar integralmente com os custos dessa formação.

Durante o período em que estudavam, ou mesmo quando recém formados, seus estágios nem sempre se destinavam a formar ou enriquecer a experiência profissional, funcionando à maioria das vezes como "bicos" e atividades para a sobrevivência, enquanto conseguiam ocupações mais oportunas.

"Fiz meu curso secundário em Caruaru, ou melhor iniciei, porque no segundo ano o curso foi cancelado, e meu pai resolveu me mandar pra casa de uns tios em Recife pra terminar o curso e fazer vestibular.

"Meu objetivo era fazer logo o vestibular, mas como era jovem e queria ganhar dinheiro, resolvi arranjar um emprego. Trabalhei na SHELL por um ano, e nesse ano não fiz nada com relação aos estudos. Depois de um ano, a SHELL realizou uma demissão em massa e eu fui nessa leva. E aí voltei a estudar e entrei na POLITÉCNICA, que na época era particular. Fui fazer engenharia civil. Acho que só voltei a estudar por causa disso. Depois tive a informação, através de um colega, que estavam fazendo teste na COMPESA, para ser estagiário... mas era um estágio permanente. Passei três anos e depois fui contratado. Durante o tempo de faculdade ganhava pouco na

COMPESA, e sempre ia pra Caruaru dar uma aulas particulares."

(Dorival)

Chamou-nos fortemente a atenção o fato de todos os entrevistados haverem relatado que começaram a trabalhar desde a adolescência (ou o fim da adolescência), o que faz diferenciar bastante suas trajetórias profissionais das trajetórias dos cônjuges masculinos descendentes de famílias tradicionais. Esses segundos fizeram frequentemente referência a uma intensa vivência do lazer e da vida estudantil, sendo raras as referências ao trabalho nesse período. Reforçando esse contraste, alguns dos entrevistados desse segundo grupo relataram também a passagem pelo serviço militar antes da formação superior, o que é considerado uma vivência obrigatória para as camadas de baixa renda, sem perspectivas de acesso a profissões mais qualificadas. Entretanto, para as camadas médias tradicionais, a passagem pelo serviço militar é considerado um estigma, uma experiência que pode e deve ser evitada, e que ademais não tem nada a oferecer a pessoas de um certo nível social, cujas famílias não estão dispostas a ver seus filhos exercendo tal sorte de atividades braçais.

Os relatos dos informantes do grupo em questão mencionaram também, com certa naturalidade, a passagem pelo serviço militar nas condições acima descritas, ou seja, num nível básico anterior à formação universitária. Essa passagem foi, algumas vezes, referida como um momento muito importante da formação pessoal dos indivíduos, tal como está expresso no discurso de Marcílio:

"Com 18 anos servi ao exército, e aprendi a lutar pela vida logo cedo."

(Marcílio)

Alguns dos entrevistados fizeram referência ao fato de serem seus antecedentes, pessoas que ainda residem no interior de Pernambuco e de outros Estados do NE. Esse dado parece indicar que eles (os informantes) realizaram um percurso migratório coincidente com a busca de uma mudança social. Diferentemente de seus pais, que nasceram, geraram suas famílias, trabalharam e sobreviveram até o fim de suas vidas em cidades que não ofereciam, por exemplo, instituições universitárias onde pudessem estudar, ou campo de trabalho qualificado onde pudessem crescer profissionalmente, os filhos (nossos informantes), saíram dessas cidades para estudar em universidades na capital. No final dos anos 60 já iniciaram o processo de fixação em profissões qualificadas em Recife, ocupando-se em empregos com os quais não poderiam contar nas cidades do interior.

"A família continuava morando em Araripina, não é? E eu era estudante e morava aqui. Era muito comum os estudantes virem. Até hoje, não é? Hoje já moram em apartamento, não é? Mas eu morava em pensão, eram grupos de estudantes do interior..."

(Felipe)

Esse e outros depoimentos revelam que a formação superior desses entrevistados foi conseguida através de muito esforço pessoal e familiar. Suas famílias fizeram todo o esforços possível no sentido de investir em seus estudos, certamente motivadas pelo fato de tratarem-se de pessoas do sexo masculino, ou melhor, dos

homens que poderiam melhorar, através de sua profissionalização, o nível social do grupo como um todo.

Os depoimentos mostram com clareza a diferença de perspectivas entre a formação dada aos homens e a formação dada às mulheres da geração investigada. Enquanto a formação dos homens foi sempre encaminhada no sentido de transformá-los nos vetores da ascensão social do grupo familiar, as mulheres receberam uma formação mais voltada à vida doméstica, como veremos mais adiante.

É importante ainda frisar que essa forte distinção em termos de papéis e perspectivas masculinas e femininas, esboçada desde o início da socialização e educação dos indivíduos dessa camada específica, não é observada na formação dos entrevistados descendentes dos grupos de elite, para os quais pouca diferença pode ser observada em termos de educação formal e profissional entre homens e mulheres até o momento anterior ao casamento, como já havíamos mencionado.

Para ilustrar essa distinção, temos como dado recorrente em todas as famílias de origem interiorana entrevistadas, o fato de que os homens vieram estudar na capital (apesar de todas as dificuldades referidas) desde solteiros, enquanto que suas esposas só puderam cogitar o estudo na capital por conta dos respectivos casamentos, através dos quais foram levadas a sair do interior. Mesmo assim, vieram na condição de mulheres casadas e logo engravidaram, tendo, conseqüentemente, que interromper seus estudos. Pode-se deduzir, nesses casos, que os estudos e a

profissionalização não eram, de fato, a prioridade da vida dessas mulheres.

Voltando às trajetórias masculinas, os informantes revelaram que suas especializações profissionais deram-se, na prática, geralmente dentro das instituições que os empregaram; em sua maioria, empresas públicas, dentro das quais nossos informantes permaneceram como funcionários de carreira, galgando paulatinamente níveis mais elevados, até o momento da aposentadoria.

"Olha, eu entrei na Universidade no início da carreira docente, como eu falei pra você, como professor auxiliar. Depois, com o mestrado, eu passei pra professor-assistente, depois professor adjunto. Hoje atingi o final da carreira de professor adjunto, sou professor adjunto nível quatro. (...)

Mas não fiz o doutorado. Lá, há esse possibilidade de você passar pra professor adjunto sem doutoramento. E depois, lá na Universidade Rural eu assumi certos cargos administrativos, fui diretor do meu departamento, Depto. de Física e Matemática, depois fui coordenador geral de cursos de graduação, participei durante quatro anos da coordenação da Comissão de Vestibular das duas universidades federais e depois abandonei a carreira administrativa. Hoje apenas leciono."

(Felipe)

Para esses informantes, o nível máximo de suas carreiras profissionais foi alcançado dentro mesmo das empresas onde trabalham como assalariados. Os discursos parecem revelar que suas perspectivas, ou suas aspirações profissionais, dificilmente vão além do exercício técnico nos espaços empresariais conquistados. Nesse sentido, suas trajetórias apresentam novamente uma forte distinção para com as trajetórias dos descendentes das famílias de

elite, cuja maioria das histórias compreendem a passagem pelo assalariamento em empresas no início das carreiras, mas à medida em que se esgotam as perspectivas de ascensão e obtenção de maiores rendimentos, esses passam a se lançar para a iniciativa privada, - muitos abrindo suas próprias empresas de consultoria e outras formas empresariais. A passagem pelo serviço público figura como um momento em que puderam desenvolver estudos e incorporar experiência para os empreendimentos posteriores.

No caso dos informantes do grupo de classe média emergente, do qual nos ocupamos agora, seus discursos revelam que, as estratégias empreendidas para a mudança de nível sócio-econômico mobilizaram-lhes enormes quantidades de esforços, de modo que ao chegarem aos 40/50 anos, os indivíduos só desejam concluir os tempos de serviços que os levarão às aposentadorias. Da mesma forma, raramente é cogitada a possibilidade de realização de outros empreendimentos profissionais, principalmente os de natureza autônoma, que exigiriam a aplicação de recursos econômicos próprios, muitas vezes altos, dos quais esses indivíduos não dispõem. Por outro lado, mesmo para os que fizeram referência à realização de cursos de especialização e pós-graduação (o que é um dado pouco recorrente nos relatos), suas experiências profissionais parecem menos competitivas quando comparadas às experiências dos descendentes de famílias de elite, que incluem sempre formações acadêmicas mais completas e trajetórias mais tranquilas e recomendáveis do ponto de vista do aprendizado. Assim sendo, em termos de bagagem profissional, suas experiências se apresentam em posição inferior

aos olhos dos departamentos de recursos humanos de empresas que necessitam de profissionais mais qualificados, e em troca oferecem melhores perspectivas de crescimento aos seus funcionários embora com níveis semelhantes de exploração. Em síntese, os depoimentos sugerem-nos que o horizonte profissional desses indivíduos parece limitar-se mesmo à aposentadoria nas empresas públicas, mais precisamente em setores onde a probabilidade de maiores recompensas econômicas é mínima, dada a distância de tais espaços para com a gerência política da sociedade.

No tocante à relação que esses indivíduos fazem entre a esfera do exercício profissional e a atuação política, duas idéias centrais se colocam em seus discursos. A primeira é o sentimento de que não receberam (ou herdaram) das famílias de origem nenhum aporte material ou ideológico que os facilitasse a inserção nessa esfera de acontecimentos, ou melhor, a idéia de que lhes falta alguma coisa para penetrar nesse universo. Seus depoimentos revelaram-se desprovidos de referências a atuação política em relação às famílias de origem, e limitaram-se a fazer menção à suas próprias visões e vinculações de forma bastante diluída. No geral, tais discursos possuem em comum a idéia de que a política é um universo no qual não se deve confiar. Quase todos os entrevistados afirmaram que não confiam em partidos, e que votam nos candidatos muito mais por uma questão de simpatia e confiança pessoais do que pelas suas vinculações partidárias.

A segunda idéia central que compõe o repertório simbólico de todos os depoimentos é construída em torno do temor de que o

envolvimento político possa atingir seus crescimentos profissionais. Os depoimentos enfatizam a idéia de que procuram fazer com que seu desempenhos no trabalho não sejam prejudicados pelo envolvimento político. Para tanto, se utilizam da estratégia de uma posição de neutralidade. A passagem do depoimento de Marcílio, abaixo transcrita, ilustra esse raciocínio:

"Não faço muito alarde. Tem campanhas em que me envolvo mais. Mas procuro sempre não ficar muito exposto."

(Marcílio)

Na maioria das falas, fica também evidente o fato de que esses informantes podem se vincular esporadicamente a qualquer grupo político que coopte sua "simpatia", ou que lhes seja socialmente mais oportuno. Dessa forma, não costumam assumir publicamente suas posições políticas, ao nosso ver, por não terem uma certeza exata do acerto de sua opção, bem como para evitar o desgaste de grandes explicações nas mudanças de posicionamento, tal como está expresso nesta outra passagem do depoimento de Marcílio:

"Assim como os políticos mudam de projeto, de orientação e de partido, o eleitor também tem a liberdade de mudar de opção."

(Marcílio)

Apesar de viverem na prática atividades profissionais fortemente imbricadas com a esfera dos acontecimentos políticos, suas análises revelam uma visão dicotômica entre o campo das atividades políticas e a idéia mais ampla de sociedade (economia, trabalho, valores etc). Esses informantes não conseguem perceber

que seus trabalhos, ou o resultado deles, são utilizados como instrumentos do fazer político. Seus depoimentos expressam o sentimento de que estão à mercê da esfera de poder político, sob a qual não conseguem exercer nenhum tipo de controle. E quando, de alguma forma, expressam a idéia de que têm liberdade para escolher livremente entre os diversos candidatos a pleitos eleitorais, suas escolhas são sempre justificadas por razões instrumentais imediatas, tal como está expresso no depoimento abaixo.

"Minha opção é sempre pelo candidato que tiver mais condições de atrair recursos e realizar benefícios para região."

(Dorival)

Essa justificativa pode variar no sentido de que a escolha deve recair no candidato mais oportuno do ponto de vista pessoal (da sua situação profissional por exemplo, tal como no caso dos informantes que afirmaram ter votado em candidatos da situação devido ao fato de serem funcionários do Estado). É interessante notar que raras vezes são feitas referências à idéia de democracia, ou à defesa das instituições civis e democráticas da sociedade, tal como ocorre no discurso das camadas médias tradicionais.

#### **4.2.3. Trajetórias Profissionais das Mulheres**

No tocante as características das trajetórias profissionais das mulheres, observamos que, diferentemente da perspectiva igualitária com que foram referidas as formações intelectuais e profissionais de homens e mulheres no grupo de informantes oriundos da elite, a formação dessas mulheres parece guardar algumas

diferenças fundamentais em relação à formação de seus cônjuges (ou em relação a outros homens da mesma geração e do mesmo nível social e origem familiar). Observe-se que, se os homens tiveram, apesar das dificuldades financeiras e intelectuais de seus ascendentes, um intenso apoio familiar, tendo dessa forma acesso a um certo nível de formação que os possibilitou o exercício de profissões liberais de forma competitiva; a formação dessas mulheres se apresenta geralmente menos voltada à dimensão profissional e mais direcionada à vida doméstica, ou seja, à preparação para o casamento e à maternidade.

Resgatando a trajetória profissional de uma das informantes, que traz elementos comuns às demais histórias levantadas, nos deparamos com o fato inicial de que a entrevistada (Dione) começou o curso superior somente após o casamento, ou melhor, depois dos filhos criados. Coursou psicologia e trabalha hoje como psicóloga clínica por apenas meio expediente, em consultório particular. Observamos ainda que a informante só fez estágios obrigatórios, não chegando a trabalhar em nenhuma instituição pública, nem de pesquisa, o que seria uma experiência esperada para o tipo de profissão. Igualmente não chegou a fazer cursos de especialização, e apesar de falar de sua formação e de seu trabalho com um certo entusiasmo, ela própria revelou que sua renda, em relação ao rendimento doméstico, "representa uma quantia insignificante" (10 ou 15% de que recebe seu marido). Por outro lado, observamos que esta informante estabelece em seu discurso uma certa relação entre o seu desempenho profissional e a formação que recebeu na infância e juventude, assinalando sempre as dificuldades com que contou para

realizar seus estudos. Por exemplo, fez referências ao fato de não contar com boas escolas onde pudesse fazer o 2o. grau, no interior, e à impossibilidade de pagar por essas escolas, mesmo quando na capital.

Analisando os dados relativos à percepção e vivência do trabalho feminino nas famílias de origem dessas informantes, observamos uma carência de referências ao trabalho extra-doméstico entre as mulheres da geração ascendente.

Dois aspectos frequentemente mencionados nos depoimentos parecem justificar esse fato. Em primeiro lugar, tais mulheres não dispunham de um instrumental intelectual ou profissional que as possibilitasse desenvolver uma atividade extra doméstica condizente com o nível de aspiração do grupo (ou com a "consciência média", fortemente presente em todas as expressões das camadas médias brasileiras, tal como nos fala Décio SAES, (1985 : 15). Em segundo lugar, as raras referências feitas ao trabalho feminino extra doméstico no âmbito das famílias de origem revelaram que as poucas mulheres que trabalhavam fora de casa exerciam sempre funções menores, quando comparadas com as funções masculinas (5). Por exemplo, um informante revelou que seus pais foram ambos

---

(5) No caso dos descendentes de grupos de elite, existem referências mais fortes sobre o exercício de profissões entre as mulheres da geração ascendente; que certamente não rendiam tanto, em termos econômicos, quanto as atividades dos homens, mas que consistiam em atividades socialmente prestigiadas, tal como a profissão de professora e outras. Observamos, também, que essas mulheres são frequentemente referidas como pessoas "inteligentes", que dispunham de uma interessante bagagem literária, e que exerciam forte influência sobre a formação dos filhos, o que parece menos evidente para os descendentes das baixas camadas médias.

telegrafistas, porém, acrescentou que seu pai sempre foi o chefe de sua mãe no trabalho. Algumas vezes, o trabalho feminino extra-doméstico foi também referido como um apêndice do trabalho do cônjuge masculino - "meus pais tinham alguns pequenos negócios em Araripina, minha mãe ajudava ele" (Felipe), o que reforça para nós a idéia de que o trabalho feminino extra doméstico não era muito prestigiado nem visto como uma atividade que poderia elevar o nível de status da família.

Por outro lado, não era condizente com as representações e valores do grupo, que tais mulheres fossem se ocupar em funções operárias ou outros serviços manuais fora de casa, equiparando-se com pessoas, principalmente com homens, de situação social inferior a elas. No máximo, poderiam realizá-los na própria casa, associando a maternidade e os cuidados com a família aos eventuais bicos em costura, cozinha para festas, fornecimento de marmitas, etc, onde poderiam continuar a ser tratadas como "rainhas do lar", uma imagem fortemente pregnante entre as famílias em questão. (6)

Por essas e outras razões, essas informantes vivenciaram em

(6) SIMÕES (1985 : 67), resgata a expressão "rainhas do lar" referindo-se às mulheres que participaram da organização das "Marchas da família com Deus pela liberdade" em 1964, que se auto-apresentavam como mães e esposas dispostas a salvar o país e defender seus filhos da "infiltração vermelha". A autora coloca que tratavam-se, na verdade, de mulheres vinculadas por laços consanguíneos à elite de empresários, políticos, e principalmente militares, que procuravam seduzir o conjunto da "classe média" para sua causa, instrumentalizando uma imagem idealizada da mulher que atua principalmente no lar, desempenhando, porém, tarefas de relevância pública, ou seja, mulheres cuja contribuição política consiste na dedicação à família.

suas famílias de origem um modelo familiar caracterizado por uma forte divisão sexual do trabalho, onde os papéis de "marido" atuando no espaço extra doméstico e "esposa" atuando no espaço doméstico eram fortemente demarcados. Em síntese, entre as mães dos cônjuges em questão, muito poucas trabalhavam fora de casa. E em consequência, nossas informantes não contaram com grandes referências à idéia de um trabalho feminino extra-doméstico digno na família de origem, além de não contarem, elas mesmas, com uma formação profissional competitiva.

Explorando o aspecto da formação profissional dessas informantes, os depoimentos indicam, além da visão de que a mulher deve se preparar prioritariamente para o casamento, constantes referências ao fato de que após o casamento e o nascimento dos filhos é que essas mulheres foram conceber, ou implementar de fato um vida profissional. Não se trata, portanto, da interrupção da trajetória profissional pelo advento do casamento, tal como ocorre nas histórias de vida das mulheres do grupo anteriormente tratado. Trata-se, mais propriamente, do fato de que o início de uma perspectiva profissional começa, para essas mulheres, à partir do casamento, contando elas, necessariamente, com o apoio de seus cônjuges, ou de sua nova situação, tal como nos revela o depoimento abaixo:

"Sempre gostei de artes. Mas eu morava no interior e lá era muito difícil para os estudos. Mas eu sempre fui muito curiosa. Fiz meu primeiro curso de pintura em João Pessoa e vim trabalhar com "arte mesmo" depois que casei. João Pessoa não tinha curso superior de artes plásticas e eu acabei fazendo licenciatura em Letras na Escola de Filosofia da Paraíba, e fui terminar o curso em Natal. Durante o

curso fiquei em dúvida entre Inglês e Português. Hoje não exerço nada nessa área, mas adquiri uma boa bagagem."

(Marília)

Muitas das mulheres se referiram aos seus maridos como as pessoas que mais incentivaram-nas a cursar universidade e assumirem trabalhos fora de casa.

"Quando eu terminei o curso pedagógico, fiz o curso pedagógico no interior, meu sonho era fazer medicina. Realmente eu sonhava em fazer medicina e vim para o Recife para fazer o curso de medicina. Quatro meses depois que eu estava fazendo o cursinho para fazer as matérias química, física, biologia, essas coisas que não se via para o curso pedagógico, aí meu pai adoeceu. Aí então eu retornei ao interior... e como na terra de cego quem tem um olho é rei, eu fui ensinar. (...)"

"Então eu comecei a ensinar no curso que eu mesma tinha feito, o pedagógico. Eu comecei e ensinava tudo, ensinava artes, didática geral, era muita coisa que eu ensinava. E já conhecia Felipe, já namorava com ele. E fui me acomodando como professora. Casamos, e depois de casada eu já desisti de fazer medicina. E como tinha me voltado durante uma fase da minha vida para o ensino, eu me reorganizei e só voltei a estudar por causa dele. Ele foi, assim, a força maior - volta a estudar -, e fez minha inscrição no vestibular, eu nem sabia que ele ia fazer. Aí fez... Eu sei que ele me perguntou - você se fosse estudar hoje, você ia fazer medicina? - eu disse - eu acho que eu faria Letras, porque eu gosto muito de ler - o meu tempo de folga em casa também era lendo -, ou fazia direito - porque gosto de "falar muito". E ele fez minha inscrição em Letras e eu fiz vestibular de letras e passei."

(Flávia)

Um outro aspecto interessante, encontrado em dois dos relatos colhidos, diz respeito ao fato de que os maridos, além de principais incentivadores da retomada profissional dessas mulheres, são referidos também como pessoas que estão investindo dinheiro e

esforço pessoal nos empreendimentos profissionais das mesmas. Esse é o caso de Marília, cujo cônjuge está fazendo um investimento no sentido de construir um ateliê em Boa Viagem (um bairro também bastante elitizado da cidade do Recife), para que ela possa desenvolver seus trabalhos de artista plástica sem o ônus do pagamento de um aluguel. O fato de não trabalhar em um espaço próprio é apontado pela informante como justificativa à questão de que sua atividade ainda não tenha prosperado, bem como para sua não contribuição econômica em relação às despesas domésticas.

"Por enquanto, o apurado no ateliê é consumido nas despesas do aluguel e da luz, por causa do forno que consome muita energia. Quando eu pago os encargos, não sobra quase nada. Por isso não posso ter um compromisso econômico constante com a casa. Marcílio é quem arca com todas as contas."

(Marília)

Segundo as informações de ambos os cônjuges, a construção desse espaço tem consumido boa parte da renda familiar, e figura nos discursos como uma estratégia que vai futuramente potencializar o patrimônio da família, além de propiciar à esposa uma condição de trabalho mais adequada.

Esses e outros dados nos fazem pensar que o empreendimento de levar essas mulheres ao trabalho extra-doméstico é, de certo modo, visto como uma necessidade, ou uma responsabilidade do casal. Esses dados parecem, igualmente, indicar a existência de pressões sociais no sentido do aproveitamento profissional dessas mulheres. Pressões que decorrem não apenas das necessidades econômicas das famílias, mas também da necessidade de compor uma imagem familiar mais aproximada à imagem das famílias da elite, onde as mulheres devem

cuidar da vida doméstica, mas devem também demonstrar capacidade para atuar na vida pública.

Os depoimentos masculinos evidenciam, do ponto de vista do papel de marido, a percepção das dificuldades profissionais vividas pelas esposas. E expressam ainda uma certa consciência dos dilemas a que essas mulheres são submetidas, diante das pressões sociais para que trabalhem fora de casa e, por outro lado diante das consequências do seu pouco preparo profissional, como nos indica o discurso abaixo:

"Eu acho que eu falei muito pouco, talvez, foi sobre o dona da casa, não é? De Flávia. Ela é uma pessoa que... muito preocupada com a casa, com o trabalho, ela não teve muita sorte com a vida profissional dela, não é? Hoje ela é professora do Estado, está a

disposição da Universidade Federal, e hoje o professor como um todo é muito desprestigiado, não é? Você vê um motorista de ônibus ganhando mais do que um professor... quer dizer, não existe aquela valorização do profissional... E eu acredito que ela é que tem sido um dos grandes pilares da família. Ela consegue administrar a casa, trabalhar fora e ter sua vida particular, não é? E as suas atividades pessoais, o que não é fácil. Para um homem, eu acho que é muito difícil, mas a mulher ainda hoje, a mulher consegue hoje em dia satisfazer a todas essas necessidades (...) Eu não sei como dá conta, mas que dá, dá!"

(Felipe)

Outro aspecto que merece menção é a forma pela qual a dimensão do trabalho foi referida por essas mulheres, que enfatizaram sempre os aspectos mais subjetivos da experiência de trabalhar fora. O trabalho é colocado como uma dimensão libertadora de suas vidas, uma atividade que as completa enquanto pessoas, funcionando como um

espaço onde podem resgatar parte de toda a opressão que sofreram durante a vida, principalmente, a opressão decorrente da situação material e social que viveram nas pequenas cidades de interior de onde vieram, e a opressão decorrente de sua situação anterior à vida profissional, absolutamente doméstica.

"Meu trabalho faz com que eu me sinta bem comigo mesma. Depois que comecei a trabalhar, descobri que em tudo existe um trabalho a percorrer. Que as pessoas são comuns. E que existe um ponto no universo que eu ocupo."

(Flávia)

Paradoxalmente, à medida em que o casamento torna mais viável, para essas mulheres, a aspiração de ter uma profissão e ganhar um certo espaço no mundo da rua, este não é visto pelas mesmas como um passo que possa atrapalhar suas trajetórias profissionais. Bem ao contrário, a leitura das entrelinhas das falas nos sugere que o casamento representa uma das poucas possibilidades que têm para viabilizar suas carreiras e suas mudanças de vida como um todo.

## 5. SOCIALIZAÇÃO, CONFLITO E "MARCAS DISTINTIVAS"

Nesse capítulo, objetivamos analisar os dados das entrevistas referentes às principais problemáticas concernentes à orientação dos filhos. Tencionamos, portanto, discutir tanto as atitudes quanto os sentimentos dos informantes (dos pais), face a essa dimensão da vida familiar. Uma vez que os dados que colhemos se concentrassem, à maior parte, em torno das questões ligadas à adolescência e juventude, nossa análise adquire um maior peso no tocante às vivências desses momentos. Todavia, utilizamos também as considerações tecidas a respeito das vivências da infância, dos filhos que embora tenham sido mencionados com menor frequência, encerram um grande potencial expressivo.

Essa análise será empreendida tendo-se por base alguns elementos da Teoria de P. Bourdieu, especificamente os aspectos concernentes aos conceitos de "campo de poder simbólico" e "habitus". Dentro desta linha de raciocínio, torna-se essencial considerar a ideia de "estrutura social", tal como concebida pelo autor, que equaciona em sua definição as dimensões intrinsecamente imbricadas da "posição de classe" e da "condição de classe". A primeira dessas dimensões diz respeito à ordem econômica da sociedade, e tem como fundamento o antagonismo da propriedade/não-propriedade. A segunda dessas dimensões diz respeito à ordem social propriamente dita, para o autor, uma ordem simbólica, cuja referência principal se encontra no conceito de "status" weberiano (BOURDIEU, 1987 : 14).

Na síntese teórica empreendida por Bourdieu, a idéia de campo de poder simbólico tem como referência principal a dimensão da condição de classe, dentro da qual os grupos de status se definem "menos por um ter que por um ser, irredutível a seu ter". Ou seja, "menos pela posse pura e simples de bens do que por uma certa maneira de usar estes bens" (BOURDIEU, 1987 : 15).

O autor coloca, também, que o "campo de poder simbólico" é constituído por um sistema de atos e procedimentos expressivos, ordenados dentro de uma lógica de inclusão e de exclusão, cuja função principal consiste em significar a "comunidade" e a "distinção"; ou seja, expressar o que há de comum e o que há de particular na atitude e na conduta dos membros dos grupos sociais, operacionalizando a transformação de bens econômicos (ou seu uso) em marcas distintivas. (BOURDIEU, 1987 : 17).

Bourdieu chama nossa atenção, ainda, para a questão das diferentes formas de participação das classes sociais nos jogos simbólicos da sociedade, realçando o maior ou menor poder com que contam os grupos, ou os indivíduos, para lançar símbolos hegemônicos no sistema de relações simbólicas socialmente praticado. Enfatiza, desse modo, a "maior ou menor disponibilidade" que possam ter para participar do "jogo da duplicação expressiva" (ou seja, o jogo que transforma relações de força em relações de sentido) (BOURDIEU, 1987 : 25; 1989 : 14).

Dentro dessa ótica, o autor vê as relações de poder no campo simbólico, como instrumentos de imposição ou legitimação da

dominação, que contribuem para assegurar a "violência simbólica"; melhor dizendo, tais relações são interpretadas enquanto estratégias definidas no plano simbólico, e implicadas com a dominação de uma classe sobre a outra. (BOURDIEU, 1987 : 11)

Em relação ao "habitus", tal conceito nos ajuda a responder à questão de como se processa concretamente (e particularmente), a reprodução dos diversos grupos em sociedade.

A noção de "habitus" contempla, portanto, a tentativa de compreensão de uma série de inclinações à realização de determinadas práticas (atitudes, disposições ou gostos), bem como a determinadas perspectivas éticas (ethos), por parte dos grupos sociais. Nesta definição, grupos sociais seriam meios simbolicamente estruturados, dentro dos quais o "habitus" funciona como matriz operativa para a reprodução de valores, atuando através da vivência de determinadas "condições materiais de existência" no âmbito da família e de outros espaços de socialização, bem como através de uma ação pedagógica, que se processa tanto no âmbito da educação formal quanto na educação difusa. (cf. ROMANO, 1987).

Tentaremos, aqui, observar o nível e a forma de interação entre família e outras instituições sociais, melhor dizendo, o reflexo da influência de algumas instituições que se relacionam com a família, em diversos aspectos do desenrolar da educação dos filhos, com o objetivo de mensurar a dimensão do "habitus" na reprodução dessas famílias.

Desse modo, tomamos com bastante atenção as informações relativas à escola e a outras instituições complementares de ensino, às percepções dos pais a respeito dos serviços de saúde (especificamente os de assistência psicológica), suas representações acerca da vivência política, bem como suas representações acerca da vivência religiosa dos mais jovens. Tencionamos, assim, apreender as distintas formas com que os dois conjuntos de famílias em questão lidam com tais instituições, e consomem os serviços por elas prestados, bem como os sentimentos particularmente vividos em relação a certas passagens críticas da vida dos filhos; questões fundamentais para a reprodução dos grupos sociais.

## 5.1. A FORÇA DO "HABITUS" ENTRE OS DESCENDENTES DA ELITE

Iniciemos pela análise dos dados levantados na investigação com famílias originárias dos grupos de elite.

A título de introdução <sup>à questão</sup> da formação dos filhos, lembremos das considerações anteriormente tecidas acerca de alguns aspectos fundamentais da organização das famílias aqui tratadas.

Em relação às relações de poder experimentadas entre os cônjuges, observamos a evidenciação de um conflito gerado, de um lado, pelo domínio de uma formação profissional competitiva por parte das mulheres, e de outro, pela vigência de representações e práticas que remetem à existência de valores tradicionais no modelo de família vivenciado, que prega uma forte segmentação dos papéis masculinos e femininos.

Com relação à fase da infância dos filhos, os dados levantados indicam que uma problemática central se encontra no aspecto do acréscimo de trabalho à família, acarretado pelo nascimento dos mesmos. Esse aspecto foi largamente problematizado na fala dos informantes.

Os depoimentos colhidos sobre esse o assunto revelam que os cônjuges já se encontravam, nos momentos iniciais da formação da família, bastante influenciadas pela "ideologia do casamento igualitário", onde todas as tarefas "devem" ser divididas, e portanto os homens "devem" assumir sua parte no ônus de cuidar e educar as crianças, como fica ilustrado no depoimento de Jair.

"Josélia pediu licença de seis meses na universidade, que ela tinha direito, e passou 6 meses onde ela se dedicava integralmente a ele, ou seja, era ela quem dava banho, quem botava pra dormir, quer dizer, um cuidado permanente. A babá se encarregava exclusivamente de lavar as panelas, de ferver panos, de lavar os panos, essa coisa toda, não é? (...) Nós contratamos uma babá, não para fazer o serviço que muitas babás fazem por aí, que é praticamente assumir o papel de mãe. (...) Da minha parte eu fazia o trabalho de ajudante, que era um ajudante qualificado. O exercício da paternidade começava por uma ajuda qualificada, por que ela fez cesariana. As primeiras semanas foram muito difíceis porque ela não podia fazer tudo... então era uma paternidade có-responsável, entende?"

(Jair)

A idéia de que os homens têm o seu papel na vida doméstica e na orientação dos filhos, que no Brasil passa a se expressar melhor a partir da geração da juventude de 60, (cf. ROMANELLI, 1991) aparece no relato acima de maneira bastante enfática, quando o informante usa as expressões "exercício da paternidade" e "paternidade có-responsável". Mas fica também patente a idéia de que a mãe é, "pela própria representação da situação de maternidade" recorrente no grupo em questão, a maior responsável pelos cuidados com os filhos, em detrimento das atividades da empregada ou de outras pessoas. Esse raciocínio se expressa com clareza na medida em que o informante define seu papel como o de alguém que presta uma "ajuda", e ainda mais, uma "ajuda qualificada", isto é, uma ajuda que se direciona para certos aspectos específicos do fazer paterno, os quais não são explicitados.

Outros depoimentos que versam sobre o período em que as crianças frequentavam a escola, tais como o trecho da entrevista de Luiz, abaixo transcrito, confirmam esse raciocínio.

"Do trabalho eu levava eles e apanhava no colégio, naquela época. Agora, educação mesmo ficava mais com ela que comigo. Inclusive ela foi mais de conversar do que eu, né? ...Ela tinha mais facilidade de conversar com os meninos até na fase de adolescência, e tal..."

(Luiz)

Essa responsabilidade maior por parte da mãe, que neste momento é justificada por uma suposta "maior ligação entre mãe e filho" (numa alusão à relação biológica), amplia-se para o âmbito de uma maior responsabilidade na orientação educacional, no contato com a escola, nas obrigações de transportar as crianças ao colégio, dentre outras coisas, como demonstra o depoimento de Rosângela.

"Nessa fase da escola, era uma fase em que eu vivia em casa. Eu fazia isso. Quando entrei na faculdade e os meninos entraram no colégio, eu levava pro colégio na hora em que eu ia pra faculdade. Na hora em que eu voltava da faculdade eu apanhava eles. Então foi muito assim. Esse problema deles está muito encaixado com a minha vida, porque eu vivia em casa e depois estudando, né? Mas na hora que precisava dele, pra resolver qualquer coisa assim, ele entrava no circuito."

(Rosângela)

Um outro aspecto muito importante dos depoimentos relativos ao período da infância dos filhos reside na ênfase dada pelos informantes à idéia de que os filhos devem ser orientados no sentido da tomada de decisões. Os pais orientam as crianças para que possam optar desde cedo, fazendo-os exercitar tal capacidade mesmo nos assuntos mais triviais.

"Me lembro dele na maior dúvida, que ele era pequenininho e ele dizia - mamãe, qual é o time que eu vou ser, eu dizia - você é que sabe. A gente nunca... em relação a educação, nunca a gente decidiu

nada por ele, a não ser coisa necessária, assim... que ele não podia decidir, mas coisas que ele podia decidir, ele é que decidia. A primeira comunhão foi ele que decidiu, o time de futebol foi ele que decidiu. Ele decidia o que podia decidir. A gente dava a chance dele... a comida, eu nunca fiz prato feito pra ele, nunca, a não ser a mamadeira, coisa que ele não podia decidir, não é? Eu dizia: olhe Roberto, tem banana, tem laranja, tem... o que é que você quer?"

(Josélia)

A idéia de que a criança deve, dentro dos seus limites, tomar suas próprias decisões, vem frequentemente associada à idéia de que a prioridade da educação é também promover uma formação para a integridade do caráter, isto é, para que as crianças se tornem pessoas socialmente íntegras. E os depoimentos dão a entender que essa integridade é conseguida através de uma formação para a independência. Ou seja, busca-se uma formação que os capacite a enfrentar o mundo lá fora, cheio de situações inusitadas às quais a família não pode nem cogitar, tomando suas próprias decisões, e tendo condições para se posicionar diante dos dilemas. Os depoimentos insinuam, igualmente, que a experiência das crianças junto a outras instituições fora da família, são de grande importância nesse processo. Observemos as passagens abaixo transcritas:

"A gente pensava que a coisa mais importante era que nessa estruturação da personalidade, ele fosse uma pessoa ajustada aos padrões éticos-morais que nós adotamos. Então, que ele tivesse uma relação de transparência, que não aprendesse a mentir, que procurasse levar o relacionamento o melhor possível com as pessoas. Logo, a gente pode botar mais cedo na escola, antes mesmo dos dois anos. Antes mesmo de ele completar dois anos, foi para uma escola maternal. E até hoje, não é?"

(Jair)

"A primeira coisa é que eles fossem gente de caráter. Agora, claro que eu queria também que eles fossem gente auto sustentável, úteis, formação boa. Sempre me preocupei com isso. E alguns meninos meus corresponderam. Outros não, me preocupavam mais... E eu fiz de tudo, menos a violência, pra eles estudarem, pra serem aplicados. Deu certo nuns, não deu certo igualmente em outros. Eu levei assim mesmo. E cada um tem que ser o que for."

(Vladimir)

Os depoimentos acima nos fazem pensar que, imbricada com a questão da "formação para tomar decisões" e com a "formação do caráter", está a problemática da profissionalização. O uso recorrente das expressões "ética" e "moral", dentro dos discursos que tratam do desempenho escolar, parecem indicar que o ajustamento à escola é um elemento que serve como parâmetro para avaliar o sucesso dessa formação, bem como a própria perspectiva do caráter dos filhos.

Um outro elemento emergente no discurso sobre a formação dos filhos, e que se apresenta como um dado bastante revelador das preocupações que permeiam o imaginário dos casais dessa geração, foi a questão de dar-lhes uma educação para a competitividade. Isto é, prepará-los para serem pessoas que saibam competir. Essa preocupação apareceu fortemente no depoimento de uma informante a respeito da sua vivência na educação do filho único.

"Ele foi criado assim, com essa dificuldade de ser filho único não é? Porque para certas coisas é muito ruim. Quando ele era criança reclamava muito porque não tinha irmão: ele tem irmão e eu não tenho, eu não tenho com quem brincar. Isso eu acho que é ruim, há coisas que você não pode suprir, a ausência do irmão eu acho que é uma coisa muito séria. Eu não aconselho ninguém a ter um filho só. Eu tive por circunstâncias, mas não foi por opção. (...) Eu não

consegui ter outro. E há certas coisas que você só aprende na rivalidade fraterna... A competição, a rivalidade, a disputa. Roberto não disputa nada, nada, porque tudo já é dele. Eu me lembro que ele pequenininho, eu botei na natação, no Náutico. Então sempre nos campeonatos internos não é? - Vamos ver quem ganha?... e ele não. Parava no meio do caminho, ficava assim olhando, não tinha o espírito de competir. Tanto que eu tinha um medo danado do Vestibular, tinha um medo enorme porque Roberto nunca competiu, ele nunca quis ser o primeiro, ele estudava: não é pra passar? eu passei! Ele não tinha aquela disputa que você tem normalmente com teu irmão: deixa eu guardar isso aqui porque ele não pega, todo irmão faz isso. As coisas dele eram todas espalhadas. Até hoje, não é organizado, é tudo solto, ele pega a carteirinha e deixa aqui na mesa, porque não tem quem venha mexer. E isso é péssimo, essa falta da disputa..."

(Josélia)

A problemática que emerge com a questão do filho-único, que figura no depoimento acima como uma criança carente de irmãos com quem possa "disputar" e "aprender na rivalidade fraterna", não se restringe à vivência da situação de ter um filho único, em si. A temática da necessidade de uma formação para a competitividade corresponde às preocupações mais amplas das famílias para com as características do mundo contemporâneo, altamente competitivo e pleno de desafios para quaisquer indivíduos. Dessa forma, compreende-se que, na concepção dos pais, a formação para a competitividade deva começar desde a infância.

Outras referências à necessidade de uma formação para a competição foram formuladas dentro das considerações sobre comportamento e desempenho no universo escolar, dessa vez enfatizando que os filhos devem ser orientados a buscar uma profissão competitiva. Nas palavras de Alexandre, "uma profissão de maior abrangência", que propiciasse, portanto, uma maior

competitividade na inserção de sua filha ao mercado de trabalho.

"elas sempre vinham perguntar à gente, por que você sabe que a juventude hoje tem muitas dúvidas. Então, Carla, por exemplo, ficou: Painho, eu faço o que? O quê que tu achas que eu devo fazer?. - minha filha nesse Brasil, você deve escolher uma profissão que tenha mais chance. Você não tem preferência por nenhuma, Você procure uma que tenha uma abrangência maior porque fica mais fácil de você arrumar um emprego. E ela dizia: qual?, eu: por exemplo, Direito, Economia, está entendendo? Porque você estudar Economia, economista tem dentro do hospital, dentro de Casa de Saúde, tem dentro de indústria, está entendendo? Dentro da Universidade, dentro da escola... então eu vejo a coisa assim, está muito difícil emprego no Brasil, então você faz uma coisa que tenha mais facilidade. Já Isabela decidiu-se mais fácil. Apesar de Carla ter estudado piano o tempo todo também, mas nunca quis muita coisa com ele, e Isabela não, foi se entusiasmando com a flauta, foi se entusiasmando com a flauta, fez música e está terminando o curso.

(Alexandre)

No final do depoimento, quando o informante fala da escolha profissional de sua segunda filha, uma outra dimensão é enfatizada. Apesar de ter escolhido uma profissão de menor abrangência (na concepção do próprio Alexandre), sua escolha teve para a família um aspecto bastante positivo, na medida em que a decisão foi tomada independentemente da consulta aos pais, e de forma mais rápida, poupando-os de maiores desgastes emocionais.

Em todos os depoimentos que versam sobre as preocupações com o desempenho escolar e profissional dos filhos, foi registrado um grande nível de tensão por parte dos pais, tal como expressam os relatos do casal, abaixo transcritos.

"Meu primeiro filho teve sérios problemas na escola. Problemas de aprendizado. Não consegui que ele se formasse. O segundo formou-se duas vezes - em engenharia e matemática. Talvez tenha sido até fruto da minha pressão, por conta de não ter conseguido formar o primeiro. A última formou-se em fonoaudiologia, mas não exerce... Hoje eu vejo a coisa de outra forma. Eu acho que essa coisa de profissão é muito pessoal. Cada um tem que procurar seu rumo.

(Luciana)

Já aconteceu da gente procurar psicólogo, né? Para os filhos, para ajudar nos problemas do colégio, e tal. Então, realmente nós levamos. Passou uma época que tinha aquelas sessões com psicólogo. Mas foi um negócio assim, muito na adolescência dos meninos."

(Luiz)

Essa tensão parece expressar que a formação para a independência da família, que coincide com o repasse de certas responsabilidades em torno desse aspecto às instituições escolares e indiretamente à dimensão do apoio terapêutico (por vezes já embutida na escola), retira do núcleo familiar parte da autonomia para esse tipo de orientação.

Outros depoimentos revelam também que a escolha profissional dos filhos foi realizada mediante fortes influências de outros fatores fora da família, como está expresso no depoimento de

            
*Josélia*

"Não é o que eu gostaria que ele fosse, porque cada um tem um filho na cabeça e um filho na realidade, tem um filho imaginário e o filho real. Por exemplo, Jair e eu somos do lado intelectual, todos dois, não é? Em termos de profissão.. como trabalho.. os livros. Roberto não, Roberto mal lê jornal. Ele não é de ficar com um livro não, tanto é que ele faz Engenharia Mecânica... Ele é da prática, é da coisa objetiva, vê um carro, vê uma máquina e não sei o

que. Não é um intelectual de jeito nenhum. Claro, nem

todo mundo é obrigado a ser como a gente, ser como a gente é. E amanhã ele pode ser um excelente engenheiro mecânico, mas no fundo, no fundo, eu gostaria que ele fosse como a gente é, que valorizasse as coisas que a gente valoriza, o que é um absurdo! Cada um tem que ser o que for, mas eu estou dizendo só o que a gente sente.

(Josélia)

As queixas dos pais são inúmeras e se referem a vários aspectos, incluindo desde a insatisfação por não terem conseguido formar os filhos (o que é considerado um problema bastante grave pois poderá significar uma fonte de dificuldades na inserção profissional dos mesmos), se estendendo para a opção profissional que fizeram, para a não reprodução dos hábitos intelectuais da família, entre outros aspectos.

Com relação à reprodução dos valores em relação à visão sobre a questão da política, os depoimentos dos pais são enfáticos no sentido de reconhecer que a visão sobre a esfera da política e a forma de participação por parte de seus filhos é muito diferente da participação de sua própria geração. Alguns informantes chegaram a afirmar que sua influência em relação a esse aspecto, no papel de educadores de seus próprios filhos, foi bastante falha. As considerações tecidas pelos pais fazem frequentes referências a esse insucesso. O depoimento de Luciana, abaixo transcrito, pode ser tomado como fruto dessa percepção:

"Não me acho uma mãe bem sucedida nesse aspecto da formação dos meus filhos. Não consegui passar para eles minha visão sobre política nem minha motivação intelectual.

Sempre os orientei a votar, a exercer esse direito, a escolherem seus candidatos, a não votarem nunca em branco. A escolherem até candidatos menos ruins, na

falta de um melhor. Mas meus filhos hoje estão achando que ninguém merece o voto deles. Acho que isso também tem a ver com as experiências que eles tiveram. Minha filha casou-se com um cara ligado à direita. Hoje ela tem muitos amigos da direita.

(Luciana)

Em outros depoimentos, alguns informantes justificaram a distinção entre a forma de atuação política de sua geração e a inexpressiva e menos frequente atuação da geração de seus filhos, através da idéia de que os tempos são outros, e as problemáticas vividas são também bastante diferentes, como nos fala Roberto:

"É uma vida bastante diferente, eles viveram um período diferente. Naturalmente, o comportamento da geração deles vai ser diferente também. Eles todos sempre manifestaram um interesse bastante alto pela questão política... E com alguma participação mesmo nas campanhas. Agora, nunca foi do jeito da gente, porque não tinha mais um movimento, por exemplo... a gente vivia dentro de um movimento político estudantil que era uma força social muito grande. Isso não existe mais. Então, como é que eles podiam fazer? (...) Hoje você não ouve nem falar do movimento estudantil. Então é muito diferente, e a juventude, naturalmente, tem outros interesses de vida. Mas eles aqui sempre tiveram um certo nível. Tanto quanto a juventude de hoje pode participar dessas coisas, eles tiveram uma participação bastante alta... Participaram das campanhas... Não no nível que eu participei. Mas também, hoje não tem como.

(Ronaldo)

A sensação da impossibilidade de reproduzir nos filhos suas convicções políticas e ideológicas é o aspecto mais forte do conjunto de dados relativos à educação política dos mais jovens. Essa percepção parece constituir um fator de grande desconforto para esses entrevistados, considerando-se o fato de tratarem-se de representantes das elites econômicas, intelectuais e políticas de nossa sociedade, para os quais o exercício do poder político se

apresenta como uma das principais estratégias de manutenção de seu nível de social.

Para concluir, é importante ressaltar que, apesar desse grupo aparentemente apresentar uma grande convicção de que a solução para os problemas dos filhos devam ser orientadas por outras instituições, fora da família, percebemos frequentemente em seus depoimentos uma sensação de fracasso, no sentido de que não conseguiram transmitir aos seus descendentes alguns valores que lhes eram bastante caros, tais como sua motivação intelectual e, o estímulo para a participação na vida política.

Com relação às questões concernentes à dimensão da educação sexual e afetiva dos filhos, os depoimentos foram muito sucintos. Os informantes se sentiram pouco à vontade para expressar suas percepções, e evitaram um maior aprofundamento das questões, alegando ser esse um espaço muito particular da vida dos filhos.

Dentre os poucos depoimentos que conseguimos sobre a orientação sexual no período de infância e adolescência, quase todos expressaram uma preocupação mais ligada a elucidação da dimensão biológica do funcionamento sexual e principalmente reprodutivo, e nenhum depoimento fez menção à questão do afeto ou do amor, que poderiam vir associados à temática da sexualidade e dos relacionamentos.

"Meu marido não era um pai ausente, mas ele trabalhava muito e não podia dar muita atenção aos meninos. Eu sempre fui mais aberta, mais próxima deles. Quando eram crianças eu falava da vida entre

os animais. Dava o velho exemplo do cachorrinho. Quando foram crescendo, eu queria que ele (o marido) tomasse a frente com os meninos, porque eram três rapazes. Mas ele dizia: não, você tem mais jeito."

(Luciana)

Um outro aspecto tematizado pelos informantes consiste na questão do namoro entre adolescentes, que parece constituir um problema importante para os dois grupos tratados nesse estudo. A partir das informações recolhidas, percebemos que esta problemática é abordada de maneira distinta quando se tratam de filhos homens e de filhas mulheres, em ambos os grupos em questão.

Quanto aos casais especificamente aqui investigados, em geral, quando se referem aos namoros das filhas, os pais se queixam de que estes ocorreram muito precocemente na vida das mesmas, como nos mostra o depoimento abaixo:

"Namorar me pegou de surpresa. Carla namorou cedo. É... com 12 anos ela já estava querendo namorar. No começo eu reagi, mas sabia que era diferente. O tempo já não era como o nosso, não é?"

(Adriana)

Por outro lado, os informantes que fizeram referências à problemática do namoro em relação aos filhos do sexo masculino, expressaram uma postura de aprovação e de maior naturalidade frente à questão. Não se verifica nesses discursos uma percepção de precocidade em relação ao fato de namorar em si. As preocupações residem, de fato, na possibilidade de um casamento precoce, como fica evidente no depoimento de Jair, abaixo transcrito:

"A gente estimulou... quer dizer... que arranjasse namoro, porque a gente acha muito importante. Sempre demonstramos a ele satisfação quando ele procurasse e quando ele encontra, não é? A gente procura naturalmente não se imiscuir nessa questão das relações dele com a namorada, que isso é muito o espaço dele. Mas a gente... a gente tem insistido bastante que ele não caia na tolice de casar cedo, porque parece ser um modismo da geração dele. Porque a gente acha que ele primeiro tem que gozar a vida, sabe? Vivenciar plenamente, inclusive para que ele tenha condições de escolher uma parceira, uma criatura, uma moça com quem ele possa planejar o futuro dele."

(Jair)

Por sua vez, a preocupação com a precocidade do casamento é uma idéia recorrente entre pais e mães, quer com relação aos filhos, quer em relação às filhas.

Os informantes fazem, frequentemente, um raciocínio que opõe os costumes de sua própria geração e os costumes da geração de seus filhos em relação a essa temática. Quando comparam as perspectivas de namoro e casamento que conheceram na juventude com as idéias da nova geração, concluem que a juventude de hoje tem um comportamento muito mais conservador que a juventude de vinte anos atrás. Essa percepção é muito evidente na fala de Josélia.

"Por ele eu não posso falar, absolutamente eu não posso falar. Não sei, acredito... não sei. Isso é uma coisa que a gente nem conversa. Porque, espero em Deus que ele não se case nem tão cedo. Está muito cedo para casar ainda. Mas não sei, eu acho que isso vai depender muito da namorada, da pessoa com quem ele for casar, não é? Isso evidentemente é. Eu acredito que se ele casar, ele vai casar na igreja, porque eu sinto que os jovens de hoje estão voltando a casar muito jovens. É uma coisa que eu venho observando há muito tempo: a história é cíclica, a moda é cíclica e os costumes são cíclicos também. Então, nós vivemos... eu vivi na minha infância uma repressão muito grande. Não se podia nem falar a palavra "namorado", meu pai não permitia. Na minha

vida adulta foi o estouro da liberdade da educação sexual. Deu essa loucura de casamentos e de desquites, que a geração atual vive. ...sofreram a crise dos pais, que foi a liberação louca, e pensavam que a liberação era se desquitar. E agora estão se fechando de novo. A AIDS veio ainda para colaborar, não é? E eu vejo hoje, eu conheço vários jovens que todos eles, embora tenham até uma vida sexual pré-casamento, mas fazem questão de casar de véu e grinalda, com festa... vários, mas vários. Então, eu acho que novamente, coisa que no meu tempo de moça muita gente não casou, na minha vida jovem, adulta-jovem, a quantidade de pessoas que eu tinha que não casavam, que iam viver juntas, era muito grande, e eu não vejo isso hoje não. Os jovens casam mesmo. Os jovens de hoje estão voltando a casar mesmo, com festa, véu e grinalda. Então eu acho que está se voltando novamente, iniciando uma outra fase de véu e grinalda, quer dizer, é um ritual. Eu acho que casar de véu e grinalda é o mesmo que se botar fantasia em Bal Masqué, é um ritual, entendeu? tem que botar aquele vestido branco, você tem que botar a fantasia para ir a um Municipal, não é?"

(Josélia)

Foram registradas, também, algumas preocupações no sentido de que o casamento realizado precocemente possa interferir na formação profissional dos filhos, de modo a impedi-los de realizar completamente sua independência econômica em relação à família. Nesse aspecto parece residir a principal fonte de preocupações em torno do casamento. Os depoimentos parecem indicar, também, que os pais se sentem impotentes para impedir que os filhos façam seus casamentos de modo precipitados, e que o incômodo decorrente desse fato não se resume às preocupações com o futuro dos jovens, estendendo-se para uma reflexão sobre as transformações em torno da relação de poder (no sentido de repasse de influências) entre pais e filhos.

"Isso perturbou muito a gente. Ela começou o namoro com 13 anos e era a última coisa que a gente queria

era ver uma menina de 13 anos com namorado, porque desvia dos estudos, desvia da família, entendeu? (...) desvia no sentido de... dispersar mais assim, no sentido da educação, nesse sentido não é? Mas ela casou e está aí satisfeita. Também eu gosto muito do genro."

(Alexandre)

O sentimento de impotência diante do curso da vida afetiva e sexual dos filhos reflete a posição da família em relação a influência escolar, e de outras instâncias da sociedade, que parecem ter mais proximidade com as problemáticas da adolescência e mesmo da infância dos indivíduos que a vivência junto aos pais.

Significativo para esse raciocínio é o depoimento de Luiz, abaixo transcrito, onde o informante, após ter afirmado que a televisão tem seu papel na educação no sentido de proporcionar informação, faz uma posterior referência à falta de controle sobre os conteúdos televisivos que poderão ser consumidos pelas crianças e jovens.

"Eu gosto de televisão e acho importante que as crianças assistam. Como informação... Mas tem programas muito ruins. De violência, de homossexualismo. Pelo horário você vê que toda criança, todo mundo está assistindo àquilo. Então eu acho que pode haver até um certo liberalismo na televisão. Agora, sei lá... acima das dez horas, não é?"

(Luiz)

Ainda com relação às problemáticas da adolescência, a maior parte da literatura das áreas de saúde e educação, relativas à questão, faz referência ao momento crítico que essa passagem representa, mencionando igualmente a situação de oposição em que se colocam as gerações, durante esse período de afirmação dos jovens

enquanto pessoas. Os depoimentos que conseguimos recolher condizem com esse raciocínio e enfatizam o sentimento particularmente vivido pelo grupo investigado, no tocante a esse aspecto. Em tais discursos, as representações acerca das crises da adolescência se somam a uma percepção da família como uma instituição fadada à obsolescência quando se trata de interferir em questões ligadas à sexualidade e à perspectiva de casamento, bem como em relação a outras vivências dos filhos. O somatório desses dois aspectos parece configurar uma situação particularmente difícil para indivíduos acostumados a tomar decisões e ter um alto nível de controle na esfera do trabalho como no caso desses informantes. Os depoimentos de Ronaldo e Rosângela, a respeito do casamento da filha aos 19 anos e sua separação aos 27 anos de idade, servem-nos de exemplo.

"A gente via que a decisão, naquela época, poderia não ter um grau de amadurecimento. Mas a gente não teve condição de interferir... ao ponto de dizer..."

(Ronaldo)

"Olha, eu achava que não deveria. E nunca interferi na vida deles. A gente colocou sempre o que achava. A gente achava que deveria demorar mais um pouco. Que ela deveria terminar pelo menos os estudos. Mas era uma decisão dela. Ela era muito precoce, muito... Ela começou a trabalhar com 17 anos no Colégio das Damas como professora. E ela era uma pessoa assim muito decidida. Aí não houve jeito. Então casou. Passou 8 anos casada e hoje é divorciada. Hoje ela vive sozinha".

(Rosângela)

Diante disso, a saída para a família (ou para a consciência dos pais), parece residir no esforço para uma independência cada

vez maior por parte dos filhos, para que possam enfrentar com maturidade as situações em que optam por penetrar. Esse aspecto é bastante forte na continuação do depoimento de Rosângela, abaixo transcrito, onde a informante fala da situação de sua filha após a separação:

"Mas ela é muito independente. Inteiramente independente. Quer dizer, economicamente ela é inteiramente independente. Ela tinha um apartamento aqui e um apartamento em Maceió. Ficava mais tempo fora, porque mesmo o tempo em que ela passa aqui em Recife, ela passa trabalhando. Inclusive sexta de noite ela trabalha, sábado ela tem alguns compromissos. E aí, por causa disso, ela não tava mesmo parando no apartamento dela. Ela resolveu se desfazer, e hoje ela tem aqui um quarto montado com tudo dela, roupa dela, tudo. E quando ela chega, pronto. O ponto de apoio é aqui. Mas ela mora em Maceió. E lá, quando ele está lá, ele mora no apartamento dela, com ela. Então eles vivem, a gente vive junto por isso. Mas hoje em dia, a vida dela é completamente independente. Não depende da gente pra nada."

(Rosângela)

Dois outros depoimentos sobre sexualidade e casamento parecem elucidar melhor o sentido da atitude dos pais no tocante a vivência dos mais jovens. Através deles, pudemos compreender que a estratégia encontrada por estes para fazer face ao sentimento de falta de controle sobre a vida da família, é imputar aos filhos a responsabilidade sobre seus atos e suas decisões, resguardando-se dos problemas e dos imprevistos que possam ocorrer. É o que nos diz o depoimento de Luciana, abaixo transcrito:

"Dizia sempre aos meus filhos que se eles engravidassem alguém, teriam que assumir o filho. Não obrigaria a casar. Mas obrigaria a trabalhar pra pagar pensão alimentícia. Abortar eu nunca concordei."

Abortar parece muito fácil para os homens. Eu orientava pra que eles fizessem sexo com segurança e respeitando as normas da sociedade. Respeitando as pessoas. Mas nunca me envolvi muito com esse assunto..."

(Luciana)

No discurso acima, soa com certa naturalidade a possibilidade de uma gravidez indesejada entre os filhos e a própria sugestão de uma solução para o problema à margem do casamento. No entanto, as considerações tornam-se bastante ríspidas no tocante à questão da cobrança de responsabilidades aos mesmos, que "devem assumir as consequências das experiências". Esse raciocínio fica ilustrado, particularmente quando a informante afirma que "obrigaria" o filho a trabalhar para sustentar a criança, bem como quando afirma que nunca concordou com a perspectiva do aborto.

Idéia semelhante está expressa no depoimento abaixo, onde o informante fala, em tom bastante irônico, sobre a circunstância dos casamentos dos filhos. O discurso parece expressar que a quebra da norma da virgindade, e a gravidez prematura, tanto por parte das noras como por parte da própria filha, apesar de mencionadas de forma jocosa, foram encaradas com relativa tranquilidade.

"O casamento deles formalmente foi no figurino. Agora, socialmente não foi no figurino não. Dos cinco filhos que eu tenho casados, só a primeira casou no figurino. Noivou, casou, marcou a data do casamento e casou. A outra, e os outros três filhos que eu casei, foi tudo "comeu a merenda antes do recreio". A minha filha (a segunda) e os três filhos. Ou seja, minha filha engordou antes de casar, e os três filhos engordaram minhas noras antes de casar. Aí foi tudo no figurino. Com festas, com convite. Casava na carreira, mas tudo no figurino!"

(Vladimir)

Do que pudemos perceber através dos depoimentos, a virgindade não parece ser, para esses informantes, um valor fundamental. A preocupação maior dos pais gira em torno das consequências da atividade sexual dos jovens, e não dessa atividade em si.

Esses depoimentos sugerem-nos, igualmente, que não é o tabú da virgindade em si que constitui o foco das preocupações de tais famílias, mas a configuração das novas famílias que os filhos irão formar.

Compreendemos, desse modo, a expressão da tranquilidade de Vladimir, cujos filhos, apesar de suas tumultuadas histórias de início de casamento, conseguiram entretanto estruturar suas famílias, e hoje vivem independentemente da ajuda dos pais.

A análise do conjunto de dados relativos à experiência do namoro e a relação que os informantes fazem entre namoro e casamento, parece-nos indicar que o namoro é compreendido por tais famílias como um espaço para a experimentação da sexualidade, sendo esperado pelos pais que os filhos façam várias incursões a esse terreno, como um ritual de adolescência e juventude. Por outro lado, imagina-se que essa experiência proporcione aos jovens a possibilidade de uma escolha mais adequada do futuro cônjuge.

No tocante à relação que esses informantes fizeram entre religião e socialização, os dados revelaram que essas famílias compreendem a iniciação religiosa como um fator secundário na

educação dos filhos (1). Alguns informantes (pais) afirmaram ter recebido uma iniciação religiosa bastante severa, mas os próprios depoimentos já indicam que essa orientação, marcante na infância dessas pessoas, modificou-se em sua forma com o desenrolar de suas vidas, assumindo uma configuração difusa. Esse aspecto aparece fortemente no discurso de Vladimir.

"A gente foi criado na missa de domingo obrigatório, rezando com missal em latim, ouvindo sermão... Semana santa, a gente tinha que vir prá'queles cultos demorados, chatos todinhos, pra quinta feira santa, sábado de aleluia, domingo de páscoa e tudo mais. Papai fez questão que todos os filhos dele entrassem na Ordem Terceira de S. Francisco, que tem aquele hábito... a gente vestia o hábito e saía na procissão vestido com aquele hábito dos irmãos terceiros, com a vela na mão... Me criaram assim. E aquilo infiltrou-se em mim de um jeito, que eu era excessivamente religioso. Mesmo depois de estudar Direito e de me formar em Direito. Tanto assim que eu não admitia, naquele tempo, limitação de filhos por processos que a Igreja não adotasse. Nem pílula, nem isso, nem aquilo, nem camisinha, nem coisa nenhuma. Só a continência periódica, que nunca funcionou. Eu praticava e falhava. Aborto então nem pensar. Hoje eu admito demais até... Mas como admito. Tudo, tudo, tudo, e mais algumas coisas. Hoje eu não posso nem me dizer católico. Eu não sou ateu, mas eu sou teísta ao meu modo".

(Vladimir)

Na continuação do depoimento, o informante faz uma relação entre o declínio, ou a transformação, de suas convicções e práticas religiosas, e a influência desse processo na formação dos filhos.

"Na primeira infância deles, quando eles estavam nessa fase, eles tinham também, tal como eu, eles

---

(1) é importante lembrar que os informantes aqui tratados afirmaram que suas referências religiosas se limitam à religião católica.

também tiveram que ir à missa todo domingo. Gostasse ou não gostasse. Fizeram a primeira comunhão, os primeiros. Os últimos demoraram a fazer, mas eu já tava noutra fase. Mas os primeiros faziam tudinho. Era uma imposição familiar que eu recebi, que eu também tentei passar. (...) Depois eu fui deixando, e eles, vendo eu deixando, deixaram também. Acho que hoje não tem nenhum filho meu que vai à missa. A não ser quando eram solteiros e queriam paquerar. Do jeito que se vai a uma retreta, se vai à missa também".

(Vladimir)

Alguns depoimentos do ~~o~~ padre entrevistado, ~~o~~ ~~o~~ quando tratam da forma de relação que as famílias aqui tratadas mantêm com a Igreja, atestam essa idéia:

"Tem muita gente que vive de tradição, que são famílias de classe alta, mas na verdade é muito mais por nomes de famílias ilustres, pelos ascendentes, do que na realidade pelo poder aquisitivo. Eu diria assim, sem desprezo, é uma burguesia decadente (...). É claro, a situação deles variou pra menos. Há uma minoria ... mas existe uma minoria rica. A minoria rica mesmo, essa não vem muito à Igreja não. Essa usa da Igreja quando ela quer um sétimo dia, um trigésimo dia, um casamento. Com algumas exceções. Quando ela quer, vem sempre com suas exigências, nem sempre cabíveis".

"Então essa classe média é uma "classe tradicional não-tradicional!" Mas é tradicional, e ela mantém uma religiosidade sem muito compromisso, mas uma religiosidade que eu quase diria um pouco de consumo. Ela se abastece. Como se abastece num supermercado... também se abastece na Igreja."

(Padre da Paróquia de Casa Forte)

Outros informantes deram depoimentos mais drásticos em relação à visão sobre religião, revelando uma percepção extremamente negativa das práticas religiosas que conheceram quando crianças. Nesses casos, a vivência religiosa dos filhos parece ter sido unicamente orientada (pode-se dizer até imposta) pela

instituição escolar. Alguns informantes expressaram, enquanto pais, um forte desagrado em função da falta de controle sobre esse aspecto da vida dos filhos. Esta idéia pode ser percebida no depoimento abaixo transcrito.

"... acho abominável, seja ela qual for a religião. Seja ela qual for a religião, católica, protestante, o diabo. Eu acho um absurdo, acho a igreja católica ela péssima. Eu acho que existiu um grupo bom, aquele da "Teoria da Libertação", que trataram de abafar da melhor maneira que puderam, mas a maioria digamos, dos padres, são umas coisas neuróticas, é uma catequese muito sem pé na realidade. E esse movimento carismático junto com esses movimentos de casais com Cristo, eu acho uma alienação, uma loucura. Então eu não concordo com isso e não tenho nenhuma prática religiosa, nenhuma, nenhuma, eu não vou a ... eu vou na igreja quando tem um casamento, uma missa de sétimo dia, mas não sinto nenhum interesse em participar de movimento religioso nenhum. Inclusive Roberto foi criado sem participar de nada. Ele estudou em colégio católico, ele fez a Primeira Comunhão aos doze anos porque quis, inclusive ele foi pressionado pelo social porque todos os colegas faziam, todos os colegas faziam, ele quis fazer e fez. Tudo bem. Mas nós não temos nenhuma prática religiosa, não vamos a igreja, não vamos a coisa nenhuma.

(Josélia)

Algumas vezes, a orientação religiosa dos filhos foi referida como um ritual necessário à inserção das crianças em determinado contexto de valores e à legitimação desses indivíduos ou dessas famílias em determinados grupos sociais. É o que nos diz o depoimento de Jair:

"Batizamos. Batizamos porque ia ser um desconforto muito grande não batizar. Então era mais prático batizar e acabar... Eu achava que era menos problemático para nós dois, menos violência do que ele amanhã saber... ou os outros, a família, que ia colocar as questões. Agora, quando chegou a primeira

comunhão, a gente deixou que despontasse nele e ele efetivamente quis. Quis e quis fazer aquele exercício lá da preparação. Era no colégio, e depois o colégio deixou livre para que os pais preparassem em casa."

(Jair)

Da análise dos dados, compreendemos que a informação a respeito da religião, ou o apelo a uma vinculação religiosa, chegou aos filhos, muito mais por um esforço das instituições de ensino, que pelos esforços das famílias. Através dessas instâncias, as crianças e adolescentes entram em contato com o nível normativo da religião - os rituais, à maioria das vezes festivos -, muito mais do que com uma dimensão de interiorização religiosa mais profunda. Mesmo nas famílias onde os pais afirmaram ter a religião e a fé como um valor maior, a educação religiosa dos filhos não foi enfatizada nos discursos. Observa-se em algumas passagens, sutis insinuações à idéia de que existem coisas mais importantes para ensinar a eles, tais como a preparação para competir e a formação para a independência.

"Eles dizem que creem. Todos dizem que creem. Mas não participam do culto. A gente naturalmente não interfere. Pra nós não faz sentido. Na cabeça da gente não faz sentido. E eu respeito as posições deles. A gente nunca achou que o culto, de fato, fosse a coisa mais importante. Nossa preocupação maior era com outras coisas."

O conjunto de depoimentos parece-nos indicar que, mesmo nas famílias onde as práticas religiosas não são severamente criticadas, a iniciação religiosa é levada, no mínimo, com indiferença, esboçando-se desse modo a existência de possíveis conflitos entre as prescrições religiosas (especificamente da

religião católica, aqui tratada), e o arcabouço mais geral da educação pretendida para os filhos. (2)

## 5.2. FAMILIAS EMERGENTES E A BUSCA DE INDICADORES DE NOVO STATUS

Como já havíamos colocado em capítulo anterior, a relação de poder entre os cônjuges nessas famílias se define por uma situação onde os indivíduos advêm de camadas sociais mais baixas, em relação à que atualmente integram, e onde os homens possuem uma formação profissional bem mais completa e competitiva que as mulheres.

Encontramos, frequentemente, nos relatos sobre a infância dos filhos, referências a uma situação de sobrecarga de trabalho por parte de ambos os cônjuges, bem como às dificuldades financeiras vividas por esses casais, que neste momento realizam os primeiros passos de um projeto de ascensão social.

Considerando-se a natureza dos depoimentos obtidos a respeito do assunto, bem como o conhecimento da precariedade da situação profissional particularmente vivida por essas mulheres no momento em que ocorre a maternidade, somos levados a pensar que seus desempenhos fora de casa foram fortemente afetados pelos encargos relativos ao acompanhamento das crianças. Como havíamos igualmente mencionado, os cônjuges masculinos dessas famílias também se

---

(2) Entretanto, para uma maior elucidação desse aspecto, seria necessário uma investigação mais ampla e sistemática, que abrangesse tanto às famílias quanto às próprias instituições religiosas que lidam com as problemáticas da infância e da juventude, o que foge às possibilidades da nossa investigação no momento.

empenharam nos esforços para a entrada de suas esposas no mundo do trabalho. Porém, esses esforços dizem respeito, principalmente, ao fato de fazerem contribuições econômicas aos empreendimentos das mesmas, ou ainda aos "incentivos" (verbais ou morais) para que voltassem aos estudos e para que buscassem empregos. Dentre os depoimentos, não foi registrado nenhum indício que demonstre uma contribuição mais efetiva desses homens no âmbito da casa, que objetivasse o alívio da carga doméstica sobre o cônjuge feminino.

A justificativa desse processo, se esboça no sentido de que os maridos são vistos, inclusive dentro das próprias famílias que constituíram e não apenas nas famílias de origem, como pessoas profissionalmente mais viáveis, ou seja, como pessoas que têm mais perspectivas de conseguir uma situação de melhor remuneração econômica e maior prestígio, quando comparados às suas esposas. Portanto, não devem se desviar de seus rumos profissionais com outras preocupações. Dentro desse contexto, o peso maior das tarefas demandadas pelos filhos recai sobre as mulheres.

A análise dos depoimentos a respeito da forma como dividiram, em tais circunstâncias, as responsabilidades domésticas, parece indicar que a contribuição masculina aos cuidados com os filhos se dá muito mais em função de necessidades materiais concretas, e não por uma necessidade ideológica de identificação com um padrão de paternidade mais participativo, ou com a "ideologia do casamento igualitário", tal como ocorre nas representações das famílias que possuem ascendência na elite. O depoimento de Felipe, abaixo transcrito, evidencia esse aspecto. O modo como o informante se

refere à "ausência" de problemas, no tocante à sua participação no trabalho demandado pelas crianças, bem como a ênfase dada à precária condição econômica da família, são aspectos particularmente significativos para o nosso raciocínio.

"Ela teve o primeiro filho, ainda era estudante de Letras, na Católica, e às vezes ela trabalhava manhã e tarde, e à noite estudava na Católica. As vezes eu ficava em casa para cuidar das crianças, botava pra dormir. Naquela época a gente não tinha muitas condições. Lavava-se fralda, engomava-se fralda, e eu fazia isso também, ajudava nisso. E isso aconteceu até o nascimento da última, que foi Camila. Eu sempre dividi o trabalho assim. Não teve problema nenhum."

(Felipe)

Os depoimentos concernentes ao cotidiano das famílias em momentos posteriores ao nascimento dos filhos, quando os cônjuges (principalmente os homens) apresentam uma condição de trabalho melhor definida, elucidam com maior clareza o aspecto da divisão das tarefas domésticas, principalmente no que se refere às tarefas demandadas pelas crianças. Esses depoimentos indicam que, passado esse momento mais crítico, a dinâmica da família volta a se acomodar às exigências dos papéis mais tradicionais da divisão sexual do trabalho. São exemplos as duas passagens de entrevistas que se seguem.

"Acordo cedo para administrar o café de Cleodon e dos meninos, que comem primeiro. Depois é que vou tomar meu café sozinha, porque eu não trabalho de manhã e prefiro esperar para comer mais tarde, com mais sossego."

(Dione)

"Olha, até hoje nós temos vinte anos de casados. Até o décimo ano eu fazia a feira. Mas depois começava a me aborrecer com a fila, com a demora, com aquela coisa toda. Como as atividades foram aumentando, a

feira pra mim era um peso. Mas tinha o problema... do transporte da feira. Foi quando Flávia adquiriu um carro. Então a coisa ficou mais fácil. Essa parte da feira ficou só com ela. Ela agora, de uns dez anos pra cá, ela é quem faz a feira."

(Felipe)

Um outro aspecto significativo dessa "divisão" de tarefas, no âmbito do trabalho doméstico, refere-se à natureza da contribuição masculina nessa segunda fase da formação das crianças. Nesse momento, a parte da tarefa que parece caber aos homens situa-se na perspectiva de trazer aos filhos novos conhecimentos, ou propiciar-lhes novas experiências (relativas ao mundo fora de casa), configurando-se como uma tarefa definida no plano intelectual, como podemos perceber no depoimento abaixo:

"Procuro dividir com Marília as responsabilidades para com as crianças. Mas levar pro colégio, por exemplo, é ela quem faz. Também participamos de um esquema de transporte solidário com algumas pessoas do prédio, tanto para o colégio quanto para os passeios deles. Quando precisam de alguma ajuda minha, eu dou apoio. Recentemente, passei 15 dias estudando com meu filho para o vestibular.

(Marcílio)

Um outro aspecto importante dos depoimentos desses casais diz respeito à forte ênfase que é dada ao apoio da empregada doméstica na criação dos filhos (2). O recurso do auxílio da empregada doméstica foi também referido nos depoimentos ao grupo anterior. Todavia, essas referências vieram cercadas de muitas reticências, e os depoentes frequentemente se preocuparam em fazer uma forte

---

(2) Para os informantes de origem interiorana, o discurso com relação ao apoio da empregada doméstica é ainda mais enfático.

distinção entre o papel dos pais e o papel das empregadas, definidas sempre como responsáveis por tarefas de natureza braçal, nunca funcionando como pessoas a quem se poderia confiar os cuidados mais sutis dessas tarefas. Já os depoimentos das famílias emergentes, parecem indicar que o apoio da empregada doméstica é visto como um recurso para quaisquer situações, e envolve um certo nível de confiança entre empregados e patrões.

"Eu nunca tive mãe próxima, nem sogra. Eu sempre tive uma irmã que dava uma olhadinha. Também morava comigo. Já era uma maneira de ajudar minha mãe que estava viúva com muitos filhos. Estava ali, dava uma olhadinha, mas eu sempre tive empregada. E eu não tinha muita escolha não. Era quem aparecesse. Muitas vezes eu deixava ... e você tinha que fechar os olhos e confiar, sabe? E eu tive muita sorte nesse aspecto aí... Tive boas empregadas. Às vezes apareciam na porta e se tornavam maravilhosas.

(Flávia)

Para além da ênfase no auxílio da empregada doméstica, observamos também que esses informantes fazem grandes referências ao apoio de familiares, bem como ao contato frequente das crianças e adolescentes com as famílias dos amigos; ou seja, existe uma forte ênfase na dimensão das relações dos filhos com as residências familiares e com as famílias em si, fazendo-nos pensar que a maioria dos problemas relativos a essa questão são resolvidos no âmbito da família. Os depoimentos abaixo transcritos nos dão uma mostra desse aspecto. (3)

---

(3) A esse respeito, seria importante analisar, particularmente em outros estudos; a relação de ambos os conjuntos de famílias tratados nesse estudo com algumas categorias de parentes, por exemplo, a relação entre irmãos (no caso dos cônjuges), entre primos (no caso dos filhos) e entre tios/sobrinhos e avós/netos tal como o fez LINS DE BARROS (1987).

"A pequenininha gosta de cinema. Gosta de praia, gosta muito de ir pra casa de outra colega passar o fim de semana. Aí fica esse intercâmbio, não é? Familiar... são amigas de outro bairro, amigas da escola, não é? Passar fim de semana, isso é muito comum hoje em dia."

(Felipe)

"Os mais novos gostam muito de ir ao Shopping e costumam também ir a clubes. As crianças do prédio formam grupos, e um dos pais vai levar e buscar nos lugares."

(Dorival)

No âmbito das relações entre a família e as instituições escolares, os informantes revelaram uma preocupação muito particular ao grupo em questão. Entre os depoimentos que versam sobre a escolha das escolas dos filhos, aparece de forma recorrente a expressão do desejo de colocá-los em escolas "tradicionais" (no dizer dos próprios informantes), o que parece configurar uma busca de símbolos ou valores concebidos como indicadores de uma certa idéia de tradição. O depoimento abaixo transcrito representa bem a base da concepção subjacente aos esforços realizados pelas famílias para inserir seus filhos em espaços tidos como tradicionais.

"Nós morávamos num bairro chamado Barro até uns oito anos atrás. E depois viemos pra cá. Nós compramos esse apartamento, que estava alugado. Como eles tinham que mudar de colégio, por conta que iam fazer já o 2o. grau, então... os primeiros colégios foram escolhidos por proximidade da escola, lá no Barro. Depois, nós escolhemos aqui. Foi por tradição, né? Nós achamos que o Marista era um colégio que poderia dar uma formação como a gente teve. Eu estudei no Salesiano. Meu sobrinho, que hoje faz medicina, também estudou no Salesiano. E talvez isso aí... influenciou para que a escolha recaísse sobre o Marista. Todas elas estudaram no Marista e ainda hoje tem uma que estuda no Marista. Depois a mais velha terminou o 2o. grau no Contato, e Maria Lúcia, do

Marista passou para o Anglo, e ainda hoje está lá."

(Felipe)

Observando as referências contidas nesses depoimentos, compreendemos que o conceito de escola tradicional, para esses informantes, leva em conta o tempo de existência da instituição e o fato de já terem passado por ela parentes ou outras pessoas conhecidas, tidas como profissionalmente bem sucedidas, além do local onde está situada a escola. Quando mencionaram as escolas escolhidas, portanto entendidas como tradicionais, esses informantes fizeram referência aos grandes colégios particulares de orientação religiosa (geralmente católica, a algumas vezes protestante) localizados em bairros nobres do Recife, ou mesmo no centro da cidade.

Ao inserir os filhos em tais instituições, os pais imaginam dar a estes a oportunidade de uma educação formal satisfatória e condizente com o projeto de ascensão social da família, principalmente quanto ao aspecto profissional.

Chamou-nos particularmente a atenção, dentre os depoimentos referentes ao universo da escola, a forma como foram feitas as considerações sobre os problemas ligados ao desempenho escolar, bem mais enfáticas que as referências das famílias descendentes de grupos de elite.

No grupo anterior, quando se reportaram aos problemas escolares vividos por seus filhos, os informantes frequentemente associaram tais situações às "transformações da adolescência", e

assinaram o fato de terem recorrido a instituições de apoio à orientação (serviços de orientação psicológica e instituições de ensino complementares). No grupo ora tratado, os problemas relacionados ao desempenho escolar foram interpretados em termos de uma "inadaptação" da criança ou do adolescente às escolas que frequentavam. Nesses casos, as providências tomadas pelas famílias se deram no sentido da busca de outras escolas (também de formação básica).

"Tem a mais velha, que é Leticia, tem 19 anos. A do meio, Maria Lúcia, tem 16, completa 2a. feira, e a mais nova, Carolina, tem 12 anos. Cada uma foi uma etapa diferente, não é? Na vida. Com cada uma tivemos uma forma diferente de preocupações, ou então que exigiu orientação específica. Eu acho que com relação a estudo, todas tiveram a mesma orientação. A que deu um pouco de trabalho foi Maria Lúcia, que realmente deu... foi reprovada duas vezes seguidas, não é? Na 8a. série. Mas agora retomou o rumo, está tranquila. Também, eu acho que ela saiu de uma escola pequena e foi para o Marista, que é uma coisa bem maior. No caso de Leticia, nós acompanhamos muito de perto, e eu acho que ela correspondeu bem. Mas Ana não, ela reclamava de tudo, não queira ir para a escola... Aí nós resolvemos colocar no Anglo, que também é uma escola muito boa."

(Felipe)

As informações revelaram que após algumas tentativas em escolas tida como tradicionais, os pais recorreram frequentemente a outras instituições escolares (geralmente de menor porte e algumas vezes públicas), na expectativa de que os filhos viessem a conseguir uma melhor adaptação, apesar do afastamento de tais instituições em relação ao padrão idealizado de escola "tradicional".

O recurso sumário à troca de escolas, diante dos problemas

ligados ao desempenho escolar, parece expressar um conflito vivido pelos pais, divididos entre a opção de lançar os filhos numa instituição que melhor legitime a trajetória de ascensão social do grupo familiar (e que, por sua vez, cobra deles uma dedicação maior no acompanhamento desse processo); e por outro lado, a possibilidade de manter uma relação mais tranquila com a educação das crianças, sob a orientação de uma instituição que solicite menos trabalho à família. Um outro dado obtido parece corroborar essa idéia. Trata-se da afirmação de uma informante que diz não interferir na orientação dada pela escola, explicitada no depoimento abaixo:

"Nunca tive problema com tarefas escolares. A própria professora pede para não ensinar nada, pois ao invés de ajudar, atrapalha."

(Marília)

Esses e outros depoimentos deixam transparecer que não existe uma relação muito próxima entre a família e as instituições de ensino, havendo frequentemente um jogo de acusações que denunciam uma cobrança de responsabilidades mútuas. Tais depoimentos demonstram, igualmente, que o ideal perseguido por essas famílias reside numa situação de isenção de responsabilidade em relação à educação formal das crianças. Ou seja, uma situação de omissão, onde as instituições se encarreguem de prover inteiramente a educação e lidem com os problemas do desempenho escolar. Dentro desse contexto, as crianças são consideradas bem orientadas quando não dão trabalho nos estudos, tal como nos diz o depoimento abaixo:

...Carolina não dá trabalho nos estudos. É como

Letícia. Elas se programam sozinhas, fazem as tarefas. Quando elas me abordam em alguma coisa, em tarefa de escola, é porque realmente não conseguiram atingir, o que é muito raro. Já Maria Lúcia não - Lúcia você tem que estudar! E a tarefa? Não tem? O professor não passou? O que foi que você fez?... Quer dizer, ela é muito trabalhosa nesse aspecto. Mas a liberdade é a mesma. Não é por isso que nós dizemos - não, você não estudou, você não sai. ...Não existe esse tipo de castigo."

(Flávia)

Da mesma forma que identificamos um certo embaraço na relação desses pais com as instituições de ensino, observamos também uma atitude tensa por parte dos mesmos nas questões concernentes à reprodução de valores em relação à vivência política.

A título de introdução a esta temática, lembremos agora das considerações tecidas acerca das experiências e concepções políticas vigentes entre os ascendentes dos informantes aqui tratados, ou seja, entre os pais dos indivíduos entrevistados. Como havíamos mencionado, as informações acerca deste assunto, no âmbito das famílias de origem, foram bastante vagas, dando a entender que tais famílias e indivíduos não mantinham uma relação de muita intimidade com o mundo da política, devido à sua condição econômica e social desfavorecida, associada à característica da recusa a qualquer atitude que possa se apresentar como uma aproximação com as práticas das classes trabalhadoras manuais, peculiar às camadas médias.

De forma semelhante, a própria geração entrevistada revelou, nas entrelinhas de seus depoimentos, uma visão dicotômica entre a esfera dos acontecimentos políticos e a esfera do trabalho e a

sociedade mais ampla. Pode-se dizer que esses informantes, que realizaram uma mudança de nível sócio-econômico em relação aos seus pais, participam hoje, embora de forma indireta, da esfera de poder político da sociedade, através de suas atividades profissionais, muitas vezes a ela imbricadas. Mas essa participação parece guardar o mesmo caráter reticente da vivência de seus pais. Esse informantes definem sua relação com a política como uma situação da qual não podem fugir, uma vez que está vinculada à questão da estabilidade profissional. A relação com a política é mencionada ainda como uma prática pouco confortável para os mesmos, que se dizem inseguros e discrentes para com ela.

Em relação ao repasse propriamente dito de valores políticos à educação dos filhos, as informações conseguidas foram bastante vagas, compactuando com a nossa idéia de que este é um assunto, ainda hoje, pouco grato, no âmbito das famílias em questão, pouco influenciando as melhores condições de vida com que contam (em comparação com as condições econômicas de seus pais).

Mais uma vez, o silêncio e a imprecisão dos depoimentos colhidos se apresentaram bastante reveladores para o nosso estudo, demonstrando que a educação política dos filhos também não é uma temática tratada com tranquilidade entre esses informantes. Cabe assinalar que todas as referências feitas pelos entrevistados sobre a visão ou a prática política entre os jovens foram tecidas no âmbito das considerações sobre trabalho e colocação profissional; o que parece indicar que as implicações imediatas da atuação política no âmbito das atividades profissionais é, para esses informantes, o

aspecto mais relevante da educação para lidar com o mundo da política que ministram aos filhos. Dentro desse contexto, um informante que mencionou a participação de sua filha na atividade político-partidária, referiu-se a essa participação como uma mera experiência de trabalho, registrando a oportunidade vivida pela jovem de se inserir na dinâmica da vida profissional. O depoimento revela também uma isenção de maiores preocupações com o aspecto ideológico da formação política da mesma.

"A mais velha faz medicina, 3o. período, não tem condições de trabalhar porque estuda de manhã, de tarde e à noite. Ai virando noites e noites estudando, não têm condições. A Maria Lúcia (16 anos), ela estuda e quer trabalhar. Já trabalhou em trabalhos assim... esperádicos, né? E está em vistas de um trabalho para o ano... Ela trabalhou para um candidato a vereador que foi eleito, não é? E ela está esperando uma vagazinha na Câmara Municipal, numa espécie de assessoria lá, uma coordenação. E ela gosta de trabalhar. Eu espero que ela consiga coordenar o estudo e o trabalho."

(Felipe)

Um outro informante revelou que sua maior preocupação em relação à educação política dos filhos é "ensiná-los a se posicionar da melhor forma possível, e a observar que todas as situações podem ser absolutamente transitórias". (Marcílio)

Da análise do conjunto de informações, observamos nos depoimentos a carência de referências à possibilidade de uma participação mais crítica na vida política, à questão da democracia, ou à questão da cidadania, temáticas recorrentes nos depoimentos do grupo anteriormente tratado. Essa carência parece denunciar, mais uma vez, a forma como a esfera dos acontecimentos políticos é vista por este grupo, que não se considera capacitado a

interferir nos rumos da sociedade pela via da atuação política, projetando também essa visão para a vivência dos filhos. Dentro dessa ótica, o ensinamento que lhes cabe repassar aos mais jovens é o uso imediato da atividade política para objetivos instrumentais, principalmente em relação ao trabalho.

Não foram muito frequentes, nem tampouco muito enfáticas, as referências à utilização de instituições de ensino complementares ou dos serviços de apoio à orientação, tal como ocorreu no depoimento do grupo anteriormente tratado.

Ao contrário, a expectativa maior dos pais parece se dar no âmbito das escolas de ensino básico, sendo os depoimentos sobre as relações de seus filhos com essas outras instituições, bastante reveladores de uma pouca utilização e valorização desses espaços, como podemos observar no relato abaixo:

"Letícia faz ginástica e faz o inglês, mas o inglês ela interrompeu agora. Interrompeu porque o próprio curso de medicina não estava dando condições dela frequentar as aulas. E ela estava sem motivação. Era duas vezes por semana, o inglês, e às vezes, no mês, ela só conseguia ir uma vez ou duas. Aí me dizia - você está jogando dinheiro fora... E Lúcia começou a fazer, mas ela é muito positiva, ela disse - olhe, me tirem porque não vou aprender inglês nunca, e vocês estão gastando dinheiro -, e ela saiu. Agora ela diz que quer fazer um curso de francês. Eu digo - vamos ver se você passa na Escola Técnica, para reestruturar isso. E Carolina está ainda na sexta série, mas no próximo ano, provavelmente ela está fazendo inglês. Elas fazem... começam ginástica e deixam, vão e deixam. É assim, não têm uma persistência."

(Flávia)

A maneira enfática com que os informantes se referiram à questão do "desperdício de dinheiro" envolvido com a utilização das

escolas complementares, parece indicar que o sentido maior da opinião negativa a respeito de seu uso reside, principalmente, no próprio custo material de tais recursos. Melhor dizendo, na perspectiva de custo/benefício concebida em torno da questão, pouco compensadora aos olhos dessas pessoas. As falas deixam transparecer, igualmente, que a pressão familiar faz com que os filhos desistam de frequentar esses espaços, julgando-os, tal como seus pais, pouco compensadores em relação aos esforços requeridos.

Com relação à utilização dos serviços de orientação e apoio psicológico, os depoimentos também revelaram pouca frequência de uso e pouca credulidade por parte desses informantes. A principal fonte dessa incredulidade parece residir na idéia de que os profissionais da psicologia empreendem uma orientação aos jovens considerada inadequada do ponto de vista da família, tal como nos diz o depoimento abaixo:

"Eu acho assim, de um modo geral, os psicólogos, os psicanalistas orientam você pra viver sozinho, entendeu? Você vai viver bem, então pra você viver bem, não importa o grupo que você tem. E eu não acredito na felicidade de ninguém sozinho... porque eu conheço gente assim que fez terapia, faz terapia, mas assim, - ah, não me importo, eu sou eu mesmo. E não sei o que, pá-pá-pá, mas não me importo. Ela que que se dane, ou - ele que se dane, entendeu? (...)  
Pra mim eu não confio... Agora, apesar de todas as restrições, eu conheço também profissionais sérios. Já levei até meu filho, que passou uma fase muito difícil na escola. Era uma psicóloga. Mas também acho que ela orientou nessa linha, sabe? Mas apesar de tudo isso, pra ele foi bom."

(Glaucia)

O discurso parece indicar que a crítica em relação à intervenção promovida pelos serviços de apoio e orientação

psicológica se origina na própria interferência, externa à família, que a atuação desses profissionais representa, bem como no caráter mesmo dessa interferência, vista como um canal através do qual chegam idéias e valores bastante divergentes da visão de mundo dessas famílias.

A diferença entre a atitude das famílias ora tratadas e a atitude das famílias descendentes dos grupos de elite, diante dos serviços de apoio psicológico, reside no fato de que para esses, tal apoio é percebido com um certo sentimento de desconfiança, enquanto que aqueles apresentam uma forte convicção de que essa intervenção venha a ser positiva dentro da família. Apesar disso, ambos os grupos recorrem a tais serviços em momentos cruciais.

Os sentimentos ambíguos em relação às interferências externas à família (gerados pela utilização dos serviços ligados ao ensino, à assistência psicológica ou a outras fontes de intervenção), constituem, ao nosso ver, o aspecto que melhor distingue as representações dessas famílias emergentes em relação aos grupos familiares oriundos da elite. Tais sentimentos possuem parte de suas raízes na idéia de que a utilização de tais recursos e o trânsito por tais espaços da sociedade faz parte de uma gama de estratégias de legitimação social dessas famílias em seu novo status (e mais que isso, trata-se de um espaço que lhes cabe ocupar, dado às transformações de sua situação na estrutura social). Tais sentimentos também se relacionam às percepções que têm sobre o custo material de tais serviços, que apesar de constituírem um consumo que demanda certos sacrifícios econômicos

para ambos os grupos em questão, é vivido de forma diferente por cada um deles. A diferença reside no fato de que os descendentes da elite entendem-no como um investimento absolutamente necessário, enquanto que as famílias em ascensão percebem-no como um gasto sem garantia de retorno. Outra parte das raízes ambíguas de tais sentimentos, pode ser creditada ao esforço emocional das famílias no acompanhamento das experiências dos filhos junto a esses serviços e instituições, uma relação conflituosa onde se chocam dois paradigmas de orientação, na qual os jovens e, por consequência todo o grupo familiar, são submetidos a uma nova dimensão de informações.

Dentro desse contexto, é possível compreender a postura das famílias diante das informações televisivas, que não constituem diretamente uma fonte de encargos financeiros, não se podendo, todavia, ter nenhum nível de controle sobre seu conteúdo. No entender desses informantes, a televisão invade as residências e impõe as suas mensagens. Os depoimentos das famílias a respeito da televisão evidenciam fortes preocupações em relação à natureza das informações veiculadas, cujos valores se chocam com as orientações familiares, principalmente no tocante à dimensão da sexualidade e dos relacionamentos, como nos mostram os depoimentos abaixo: (3)

---

(3) A distinção para com as percepções do grupo anterior em relação às informações televisivas, diz respeito ao fato de que aqueles informantes ressaltaram a dimensão informativa da televisão como aspecto positivo na educação dos filhos, apesar das reservas feitas a alguns conteúdos, enquanto que esses outros apresentaram um discurso de maior temor, não apontando nenhum aspecto positivo.

...o pessoal está todo encabeçado pela mídia ... a visão de futuro, a visão de casamento. Antigamente o casamento era um passo muito importante, e o desenlace era traumático. Hoje é só uma questão de cara feia." (...)

"O canal 9 está com uma programação de sexo explícito sexta-feira à noite, e anuncia em todos os horários. Minha filha de 16 anos anotou o horário e foi direto. Aí eu não permiti."

(Dorival)

As problemáticas referentes à adolescência mencionadas, enquanto momentos que expressam um apelo mais concreto à temática da sexualidade por parte dos filhos, foram frequentemente evitadas ou tangenciadas pelos informantes aqui tratados, do mesmo modo que no grupo anterior.

Todavia, apesar da precariedade dos depoimentos, percebemos que esses assuntos são menos abordados no próprio cotidiano dessas famílias, ou os diálogos entre pais e filhos sobre a questão parecem ocorrer de forma mais velada. As falas deixam transparecer, ainda, que as poucas conversas que se dão em família se desenvolvem em torno da temática dos perigos relacionados à questão das práticas sexuais e dos relacionamentos, e têm lugar à medida em que acontece uma provocação por parte dos filhos. Os depoimentos de Marcílio e Marília são bastante expressivos em relação a esse aspecto. No primeiro, chamou-nos atenção a forma enfática com que os termos "alertar", "perigo", e "combater" são utilizados. O segundo ilustra as circunstâncias em que se dão as conversas, e a percepção dos pais em relação às vivências dos filhos ligadas à temática da sexualidade.

"Sempre converso claramente com meus filhos. Sem subterfúgios. Procuro alertar para os perigos, manter um diálogo franco. Tem sido, até aqui, tudo

natural... As vezes eles apresentam novidades, coisas que podem ser prejudiciais. Procuro combater sem ser rigoroso... Sei que eles tem suas características pessoais e procuro respeitar."

(Marcílio)

"O filho mais velho é mais aberto, mais puro. Costuma sempre contar as coisas que estão acontecendo. Já o segundo, fala menos mas dá o recado."

(Marília)

Dentro dessa perspectiva, a atitude desses pais parece-nos um pouco diferente da atitude dos pais que descendem de famílias de elite, cujos depoimentos revelaram uma maior diligência no sentido de antecipar algumas orientações sobre sexualidade (principalmente em relação aos filhos do sexo masculino), embora que restritas à questão da contracepção.

Observamos, ainda, uma certa sugestão de que os pais (e não as mães) é que têm, nessas famílias, maior autoridade para tratar da temática da sexualidade e dos relacionamentos com as crianças e adolescentes. Isso se verifica mesmo quando trata-se da orientação das filhas (do sexo feminino). (4) Os depoimentos abaixo situados ilustram essa hipótese, à medida em que enfatizam o aspecto supostamente "autoritário" da figura materna.

"A parte de conversar é mais com o pai. O pai é mais chegado. Mas elas são muito abertas. Existe uma abertura muito grande, sabe? Eu acho que ele... eu puxei um pouquinho à minha mãe, e ele saiu a meu pai.

---

(4) Diferentemente do grupo anterior, onde as mulheres parecem tomar à frente da tarefa de orientar e informar os filhos sobre as questões ligadas à sexualidade.

Meu pai era aquele... uma pessoa que morreu muito novo, com 42 anos, mas era altamente liberal. E eu fiquei com a ranzinza de minha mãe, não é? Assim, aquele negócio de prender..."

(Flávia)

"Tenho mais relação com a minha segunda filha. A mais velha é mais arisca, mais séria. E também com o filho mais novo. É uma questão de temperamento... Mas eu tenho uma grande aproximação com eles... Dione é mais autoritária. Mas não existem discordâncias entre nós dois a respeito da orientação deles. E o resultado tem sido, até aqui, positivo."

(Dorival)

Uma outra problemática emergente, dentro do tema da sexualidade e dos relacionamentos, diz respeito à atitude dos pais diante dos hábitos de lazer dos filhos. A maioria dos depoimentos revelaram que os pais tentam exercer um certo controle sobre a vida dos mesmos, no tocante às saídas para bares e outras diversões noturnas, à hora da chegada em casa e aos círculos de amizade. Todavia, esse exercício de controle se caracteriza muito mais como uma tentativa, uma vez que estes não conseguem acompanhar de perto as atividades e vivências dos mais jovens, como nos dizem nos depoimentos abaixo:

"As duas mais velhas, elas saem com colegas pra barzinho, para clubes. Ainda outro dia eu estava dizendo: vocês deviam ir para o cinema, para um teatro. Quando pensam em sair, já se sabe que vão para um barzinho, a opção é barzinho... (...) Acompanhar para um barzinho, não existe, não é? Quando elas eram mais novas saíam com a gente e tudo bem. Mas depois dos 14, 15 anos elas já saem com o grupo delas, não é? Já saem com os amigos. Claro que no início a gente teve aquela preocupação pela convivência com outras pessoas, não é? Claro que tem que saber com quem vai, onde vai, com quem volta, o telefone da pessoa, as preocupações de pai, não é?"

Agora a preocupação ... aquela com outras pessoas se envolverem com bebida, com drogas, as preocupações de pai, tem."

(Felipe)

"Sou liberal em relação ao lazer. Dayse sai nos fins de semana par barzinhos, etc ... Agora, procuro ter uma orientação mais efetiva até a entrada na faculdade. Observo os horários de estudos, se estão cumprindo as tarefas, o estudo de inglês, na época em que estudavam... A mais nova, eu não gosto que frequente barzinho. A irmã só frequentou barzinho depois da faculdade. Eu sei que são nesses lugares que ocorrem muitas coisas negativas, tais como drogas e outras complicações com adolescente."

(Dione)

Outros depoimentos nos sugerem que esta tentativa de controle, que constitui uma fonte de grandes preocupações para as famílias, funciona na verdade como um simulacro de controle, ou, como uma forma de expressar aos filhos a idéia de "liberdade com limites", evidenciada no depoimento que se segue:

"A de 16 sai, eu deixo a chave na porta. O único cuidado que eu tenho é de dizer assim - olhe, não cheguem depois das duas e meia. E quando chegar me avisem. Elas batem na porta do quarto... Leticia não, a mais velha eu já dou uma liberdade maior. Mas a do meio, ela bate na porta do quarto, eu levanto para conferir a hora... Só pra dizer que eu estava atenta, que eu estou alerta, que eu estou aqui. É mais nesse sentido... E nunca chega na hora. Você marca de duas, ela chega duas e meia, duas e quarenta, ela bagunça um pouco né?... E a gente faz esse tipo de controle só pra não mostrar que se está ausente né? Que ela sai, tem liberdade, mas que existe liberdade com limites, pela idade, pela própria idade que ela tem, não é?"

(Flávia)

A temática do exercício de controle e do limite à liberdade dada aos filhos, aparece fortemente nas percepções dos pais sobre a experiência do namoro. As informações revelaram que as representações dessas famílias sobre o assunto apresentam distinções em relação às representações das famílias oriundas da elite, especificamente no tocante à concepção sobre a forma e a finalidade com que o namoro deva se desenvolver, no sentido de que dão uma maior ênfase à relação entre namoro e casamento. (5) Suas atitudes em relação à questão do namoro dividem-se basicamente em dois tipos, correspondentes ao papel de pais que orientam um filho, ou pais que orientam uma filha. Em ambas as situações, porém, essas atitudes aparentemente distintas, se unem para uma idéia central: a convicção de que a experiência de namoro deva convergir para o casamento.

Quando se tratam de filhas (do sexo feminino), as famílias procuram exercer controle sobre a situação através de uma convivência mais próxima com os casais, como indicam as considerações tecidas abaixo:

---

(5) Entre os cônjuges das famílias oriundas de grupos de elite, aparece frequentemente a idéia do namoro como um espaço de experimentação da sexualidade, como havíamos referido no tópico anterior. As preocupações dos pais, nesse primeiro grupo, parecem se dirigir mais especificamente à dimensão do crescimento pessoal dos filhos, cujo projeto envolve a realização de experiências diversas, que abram caminho a uma perspectiva de independência. Não queremos sugerir, com esta observação, que no depoimento de tais informantes não se estabeleça também uma certa relação entre namoro e casamento. Contudo, a idéia de que a escolha do parceiro ideal para uma relação conjugal deve ser feita mediante uma ampla perspectiva de possibilidades, parece se sobrepor à idéia de uma vinculação mais efetiva entre o "namorar" e o "casar".

"Até agora conheci todos os namorados, pelos menos os da mais velha... no segundo, terceiro mês já traz aqui pra casa. Convive, vê filmes com a gente, almoça, janta, passa o fim-de-semana".

(Felipe)

"Gosto de conhecer os namorados das meninas. Elas têm muita liberdade para trazer em casa. Mas eu me dou o direito de implicar quando não gosto da pessoa. Não me furto de dar minha opinião... A mais velha já arranjou um que eu não gostei, não senti boa energia. Felizmente, com o tempo, ela própria compreendeu e acabou o namoro".

(Dione)

Quando se tratam de filhos (do sexo masculino), percebemos que, apesar de também ocorrer, na prática, um certo nível de intimidade entre as famílias e os casais de namorados, os discursos das mesmas enfatizam a idéia de isenção da família em relação ao assunto:

"Me preocupo quando ele (o filho) usa meu carro para ir à casa da namorada, ou quando ele dirige o carro da mãe dela... (...) Não quero interferir nem apressar as coisas. Prefiro evitar maiores envolvimento com a garota. Eu gosto dela, e faço questão de tratá-la muito bem. Mas acho os dois muito jovens. Prefiro deixar que as coisas aconteçam por elas mesmas. Então evito muito convites para almoçar em família, muitas aproximações".

(Marilía)

A convicção de que o namoro deve convergir ao casamento parece adquirir um sentido curiosamente negativo quando se tratam de pais que têm filhos do sexo masculino. É o que percebemos da atitude de isenção elucidada acima.

No nosso entender, esse sentimento se explica à medida em que os filhos homens ainda são vistos, por essa geração e no grupo específico aqui tratado, como os futuros provedores das novas famílias que irão formar, apesar do fato de que as filhas também recebem uma formação profissional aparentemente semelhante. É o que nos sugere o depoimento abaixo, onde o pai fala da possibilidade de casamento de sua filha, relacionando essa possibilidade com a formatura do namorado da mesma.

"Eu acho Leticia, até pela própria profissão que ela escolheu, pode ser até que eu me engane, não é? É medicina. Eu acho que ela não vai querer casar antes de terminar o curso, fazer residência. Vai terminar muito cedo, com vinte e dois anos, mais dois anos de residência, vinte e quatro anos. Mas eu não acredito não... Embora o namorado dela já esteja terminando engenharia. Termina esse ano, ou para o ano, não sei.

(Felipe)

Em síntese, as informações dos pais a respeito das questões envolvidas com as experiências de namoro e os hábitos de lazer dos filhos (principalmente quando se tratam de filhas), nos levam a pensar que a problemática da sexualidade é concebida levando-se em conta as polaridades de "prender" ou "liberar" (tal como nos dizem os depoimentos de Flávia anteriormente transcritos). "Prender", parece significar para os informantes, um rígido exercício de controle, no sentido de observar o respeito a certos "limites à liberdade" dos jovens, previamente estabelecidos nos padrões da moralidade do grupo em questão e postos em prática pelas famílias. Por outro lado, existe a idéia de que é importante "liberar", ou seja, dar-lhes um pouco de liberdade para que façam suas

experiências dentro desses limites, no momento em que se presume que tais limites já estejam interiorizados pelos mesmos.

As considerações específicas sobre os casamentos dos filhos revelaram igualmente a concepção de que, à partir de certa idade (no momento em que começam a frequentar certos espaços sociais, tais como a universidade e o mundo do trabalho), espera-se deles um senso de responsabilidade que os possibilite exercer sua "liberdade com limites", embora essa expectativa nem sempre seja, na prática, cumprida satisfatoriamente.

Nos depoimentos que trouxeram a temática do casamento em relação aos filhos do sexo masculino, as referências vieram sempre construídas em torno da idéia de que o casamento só deve acontecer mediante uma condição econômica satisfatória, no mínimo após a conclusão do curso superior, tal como nos sugere o depoimento abaixo:

"Estão namorando. Eu diria "casado", "casar não", não é? Porque estão aqui em casa, mas estão com elas! Quer dizer, a situação de hoje, não é? Que não podem assumir a relação morando juntos porque não têm condições de pagar e ... são estudantes, não têm emprego".

(Glaucia)

Por outro lado, as considerações sobre a possibilidade de casamento das filhas sugerem-nos que este é um aspecto menos passível de controle por parte das famílias. Os depoimentos indicam que o momento do casamento das mesmas é definido em função da situação econômica dos namorados, (entendidos como os futuros maridos), tendo menor importância o estágio em que estas se

encontram em relação às suas próprias trajetórias profissionais, tal como nos indica o depoimento abaixo:

"Não, não pensa em casar... Ela... falta muito tempo para terminar o curso ainda. Daqui a uns seis anos terminaria o curso. Mas pode pintar um casamento aí, de repente. Sei lá!"

(Felipe)

Chamou-nos particularmente a atenção o discurso de uma informante a respeito da circunstância do casamento de sua filha, abaixo transcrito. Nesse depoimento, a mãe faz uma auto-crítica no sentido de não ter criado um espaço de diálogo onde pudesse tratar com a filha de questões concernentes ao casamento e à sexualidade, o que levou-a, no seu entender, a fazer um casamento inadequado do ponto de vista de suas aspirações.

"Olhe, a gente tem uma série de dificuldades, dificuldades de geração mesmo. Gostam muito de ter as coisas. Acrescido ainda de que Givaldo é uma pessoa muito tradicional, ele tem uma formação religiosa muito rígida, parará, então essas coisas dificultam no momento que a gente está vivendo, que tudo é liberado, tudo é livre e não sei o quê. Então, tem assim umas rasteiras que a gente leva, medonhas... Aí eu acho que talvez a gente tenha falhado em alguma coisa, de não ter sido muito aberto para conversas e não sei o que... quando minha filha casou grávida, aí eu tomei um choque quando ela ... quer dizer, a gente não tá... talvez não tenha criado o espaço necessário, entendeu? Eu acho que talvez tenha sido isso, não sei (...) no momento estou interpretando assim. Mas se bem que ela conversava muito, eu pensava que ela soubesse tomar... que sabia, não é? Tomar as providências necessárias para não ... que ela sabia, ela com 19 anos, num mundo liberado... e ela conversando sobre esses assuntos e caiu nessa, quer dizer..."

(Glaucia)

A forma enfática com que fala do problema representado pela gravidez não planejada da filha, particularmente quando afirma imaginar que ela "soubesse tomar as providências", sugere a expectativa de que a responsabilidade (ou o limite à liberdade sexual) já estivesse interiorizado pela jovem, considerando-se sua idade e sua desenvoltura. Ainda nesse depoimento, um outro aspecto nos parece relevante: o fato da mãe responsabilizar a família (particularmente o marido) pela situação, registrando sua omissão no tocante às informações sobre contracepção.

O depoimento como um todo é bastante contraditório, alternando cobranças de responsabilidades ora à família ora à própria jovem, como fica patente nas passagens abaixo. Podemos observar, através delas, que a atuação da família é questionada a partir da constatação da desinformação da filha, e que a atuação da jovem é questionada a partir de seu próprio desempenho, considerado falho, na busca de um parceiro conjugal adequado ao seu nível intelectual.

"Eu acho que foi acidental, não é? Mas de todo jeito, eu acho que a gente poderia, se fosse hoje, eu acho que eu estaria mais preparada para orientar, para dizer "minha filha, tome anticoncepcional". Eu acho que faltou isso, entendeu? Quer dizer, ...

"Ela defendia certas coisas, quer dizer, ela sempre colocava que ela queria só ter uma relação afetiva (sic) depois do casamento... assim que você não pega e vai dizer assim "tome anticoncepcional" hoje, se a pessoa está dizendo que vai ... que só quer ter relações no casamento. É um negócio assim, meio esdrúxulo, não é?

(Glaucia)

No depoimento onde se trata da perspectiva das separações conjugais entre os filhos, observamos que as considerações foram tecidas com um maior nível de tensão que no grupo anteriormente analisado (6). Os depoimentos dos informantes ora tratados fazem referência a uma certa idéia de responsabilidade e culpa face à problemática. Esse aspecto pode ser percebido na passagem abaixo transcrita, quando a entrevistada afirma conhecer famílias que "obrigaram os filhos a casar", registrando a interferência das mesmas na consumação do casamento, e portanto sua responsabilidade na própria separação.

"Eu conheço muitas e muitas famílias, assim... que tiveram esse problema (o problema da gravidez indesejada), e que obrigaram a casar, e os filhos quebraram a cara e hoje estão separados. E o pior é que você tem aquela problemática judicial, já vem uma emoção ... vem o emocional. Então, é preferível que não haja nem o casamento. Se não houver uma estrutura, é preferível que nem haja o casamento."

(Flávia)

Em outra passagem, uma informante dá a entender que, apesar dos problemas vividos pela filha no casamento, acha igualmente problemática a idéia da separação, e considera difícil que ela se separe.

"Quer dizer, no fim, eu acho que o contexto levou a situação que ela, assim, ficou, que eu acho que pra ela não foi o ideal... ela é muito nova, tem 19 anos,

---

(6) A idéia de preparar os filhos para viverem uma certa independência da família, tanto do ponto de vista econômico quanto do afetivo, parece servir de respaldo para a consciência dos cônjuges descendentes das famílias de elite, diante da problemática da separação conjugal entre os mais jovens

com pretensão de ir para o Exterior estudar, quer dizer, tinha feito todo o seu projeto ... (...) eu vejo muito difícil isso, porque ele não gosta de estudar! Aí, quer dizer, se ele estivesse dentro de uma área afim, não é? Quer dizer, ele é securitário, está satisfeito com o que faz ... e ela, assim, querendo estudar, mas aí, quer dizer, ou ela vai sacrificar a relação com ele, ou então vai se sacrificar, pelo menos em parte não é? o estudo ela vai sacrificar. Eu não sei como vai ficar, eu não sei. A gente também não sabe o casamento até aonde vai!

(Glaucia)

As referências feitas à possibilidade de separação conjugal entre os filhos (particularmente quando se tratam de filhas), levaram-nos a pensar que um dos motivos pelos quais esas famílias reagem tão negativamente a tal problemática reside na percepção que têm sobre as desigualdades em termos de desempenho profissional entre homens e mulheres, e na expectativa dos problemas gerados por uma separação quando os cônjuges se encontram em situações profissionais e financeiras desiguais.

Apesar de filhos e filhas receberem educação formal e profissional aparentemente semelhantes, podendo estas potencialmente atingir um status em relação ao trabalho comparável ao dos rapazes, permanece na família uma dúvida a respeito do "futuro" das mesmas.

Esse fato se explica, à medida em que as trajetórias profissionais das mães e das avós das famílias de origem se caracterizaram por grandes sacrifícios e dificuldades, e em sua maioria, não atingiram uma situação de sucesso e estabilidade,

quando comparadas às trajetórias profissionais dos homens do grupo em questão. Diante disso, a expectativa dessas famílias em relação ao desempenho profissional feminino é carregada de incertezas, e esta idéia se projeta também sobre as perspectivas profissionais das jovens.

Em relação à experiência religiosa, os relatos dos informantes aqui tratados geralmente indicam uma vivência mais eclética do que os informantes descendentes das famílias de elite. Enquanto os cônjuges da família de elite afirmaram manter vínculos exclusivamente com a religião católica, esse segundos afirmaram abertamente já ter realizado incursões por diversas religiões, incluindo passagens pelo protestantismo, pela umbanda e principalmente pelo espiritismo kardecista, essas últimas algumas vezes associadas ao catolicismo (geralmente aos grupos carismáticos). (7)

O depoimento abaixo transcrito evidencia essa concepção:

---

(7) De fato, nossa investigação não incluiu nenhuma família vinculada ao protestantismo de forma mais efetiva, mas apenas uma família onde a esposa afirmou ter feito uma breve incursão a essa religião (bem como a outras religiões), e uma outra família onde a mãe revelou que sua filha adolescente estava atualmente frequentando uma igreja protestante. Diante disso, as considerações tecidas neste estudo não pretendem abordar os conflitos que abrangem família e religiões protestantes de modo mais preciso, mas apenas cotejar genericamente algumas expressões conflituais do âmbito das relações das famílias com as intuições religiosas. Não desconhecemos, todavia, a necessidade de se aprofundar, em outros estudos, conflitos particulares que envolvem as famílias e as diversas religiões com as quais estas se relacionem.

"Eu nunca me voltei totalmente para uma religião. Eu nunca fui muito católica, eu nunca fui muito protestante. Eu apenas creio em Deus e tenho fé. Faço minhas orações, mas não vou à Igreja. Eu acho que ir à Igreja ... rezar tanto ... você vive tanto na Igreja ... e na "hora H", você falha, não é? Eu acho que eu sou mais ser humano. Que você precisa e eu estou disponível. E eu posso, eu lhe ajudo (...). Na verdade, eu não tenho nenhuma vinculação, mas minha tendência maior é o espiritismo.

(Flávia)

Os depoimentos também indicam que esses informantes estão abertos a participar de outras vivências, que concebem como religiosas, incluindo-se aí os cultos orientais e esotéricos bem como as atividades ligadas às sociedades secretas e filantrópicas, que se apresentam, aos olhos dos mesmos, como uma dimensão próxima à religião. A esse respeito, são significativas algumas informações fornecidas por um entrevistado, que afirmou frequentar a maçonaria, e que a considera uma instituição "benéfica à sociedade e aos homens", e ainda o depoimento abaixo, onde a informante fala de sua experiência com a yoga e a filantropia:

"Fazer yoga, para mim, é uma forma de me encontrar, de me preparar para ajudar as pessoas. Quando você se interioriza, e você se conhece, você faz bem a você e aos outros ... Eu também me sinto muito bem em fazer filantropia, visitar crianças carentes em hospitais, na rua..."

(Marília)

Tal como no grupo anteriormente tratado, os informantes fizeram considerações sobre a vivência do nível normativo das religiões (principalmente da religião católica), marcado pelas celebrações festivas e superficiais dos rituais de casamento,

batismo, etc... Todavia, seja qual for a religião a que esses informantes se relacionem, os depoimentos parecem indicar que essa relação apresenta uma maior feição de intimidade e credibilidade por parte dos mesmos. Seguindo esse raciocínio, a prática religiosa foi referida por alguns informantes como um elemento capaz de promover (ou interferir no) ajustamento social dos indivíduos e das famílias. Uma das nossas informantes, que atua profissionalmente na área de psicologia clínica, afirmou que uma parte dos indivíduos que a procuram no consultório são "pacientes com problemas de natureza espiritual", e que nesses casos, sua intervenção é auxiliada por essa compreensão. A informante afirmou, ainda, que chega mesmo a sugerir, para alguns pacientes, a prática religiosa como terapia complementar.

O mesmo raciocínio está na base da concepção do depoimento abaixo transcrito, onde o informante esboça uma certa relação entre o papel do psicólogo e o papel do padre:

"Mas é só pra dizer, não é que eu desvalorize o trabalho do psicólogo. O que eu acho é o seguinte, se você se isola, seus problemas você vai ter que resolver com um psicólogo, já que você não vai para um padre, não é? Não tem com quem compartilhar a dificuldade. Eu acredito que quanto mais a gente se isola na sociedade, mais vai ser necessário o trabalho do psicólogo, para romper o novelo, entende?"

(Givaldo)

Por sua vez, os depoimentos prestados pelo padre entrevistado fizeram referências à sua percepção a respeito do papel idealizado para a Igreja entre os grupos familiares em questão. Essas

referências parecem indicar uma dimensão conflitual das relações da Igreja com a família. Os depoimentos revelam que a tarefa atribuída à instituição religiosa, por parte de seus frequentadores (especificamente os frequentadores do movimento ECC - Encontro de Casais com Cristo, e de outras pastorais ligadas à paróquia), que desejam uma intervenção terapêutica da Igreja na família, não condiz com o papel a que a Igreja se propõe desempenhar; segundo o padre, uma tarefa que consiste em aproximar a família da Igreja e dos valores da religião.

Os depoimentos abaixo transcritos expressam essa idéia:

"Olha, o ECC, as pessoas são convidadas pelos casais que já fizeram, ou se apresentam à mim pedindo pra fazer. São os dois esquemas. Hoje eu gostaria muito mais que, quem quizesse, viesse a mim, pra não acontecer que às vezes tragam pessoas que não estão querendo muita coisa, e que os casais levados pelos sentimentos, acham que porque o casal está desajustado, até na iminência de se separar, têm que fazer o Encontro de Casais, porque essa é a solução. E não vai. Porque o Encontro de Casais com Cristo não visa resolver problemas de casais que estão se separando, querem se separar, ou às vezes vivendo um relacionamento neurótico de agressões que já vem de anos. Quer dizer, é uma coisa inveterada. Um desajuste conjugal inveterado."

"Em se tratando de dificuldade de relacionamento interpessoal mais profundo, claro que isso aí exige uma orientação maior, que pode ser feita eventualmente por um sacerdote, por um casal bem ajustado que vive o seu casamento, entendeu? E por psicólogos que se dedicam a esse campo. Nós já temos em Recife psicólogos e psicólogas que se dedicam a esse trabalho de aconselhamento conjugal."

"Mesmo sem ser psicólogos, casais, um casal que vive bem o matrimônio, que tem profundidade, tem muita coisa a dizer ao outro. Agora, é claro que eles vão detectar se certas dificuldades são maiores e que precisam de um psicólogo ou um psiquiatra, casos de maior profundidade".

Os dados e as análises acima elaborados, no entanto, dizem respeito à vivência religiosa da geração dos pais, ou seja, da geração entrevistada por nós. Todavia, no âmbito da reprodução desses valores para a geração dos filhos, pouca diferença foi encontrada entre a experiência desses casais e a experiência das famílias descendentes dos grupos de elite. De fato, esses informantes parecem apresentar, tal como os informantes do grupo anteriormente considerado, uma postura igualmente indiferente no tocante à educação religiosa dos mais jovens. Essa indiferença é passível de interpretação à partir de duas óticas que se complementam. Por um lado, os depoimentos elucidam a pouca importância concebida em torno de um esforço para a reprodução das idéias religiosas na família, enfatizando-se que a religião e a fé são aspectos que cada indivíduo deve descobrir "por si só". Por outro lado, aparece nos relatos a sugestão de que, diante de todas as exigências da vida contemporânea, os valores religiosos não figuram como aspectos fundamentais da educação dos filhos.

O depoimento abaixo transcrito evidencia, com bastante clareza, a primeira das duas óticas acima mencionadas:

"Então é quando eu digo a você que eles têm um comportamento tendente à religião, mas não na religião no sentido objetivo da palavra, como instituição religiosa. É uma religião no sentido íntimo, mais profundo, que são atitudes de justiça, de misericórdia, de compreensão. Aí é que eu acho que é o núcleo central da religião, entende? Agora como você expressa isso do ponto de vista da expressão religiosa do culto, isso pra mim é secundário... Agora, claro que falta expressão religiosa, eu acho que falta, mas é uma coisa que cada um vai descobrir que falta. Não adianta eu dizer - bom, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo - não é por aí não. Cada um

vai descobrindo, no momento mais adequado vai descobrindo. E não sou eu que vou levar ninguém a descobrir, não é?"

(Givaldo)

Contudo, podemos dizer que a lógica do discurso dos pais a respeito das suas próprias vivências, e que de alguma forma se refletem na educação dos filhos, é marcada por uma perspectiva bastante positiva, realçada na visão de religião como elemento de ajustamento social, como aprimoramento humano e como comunhão, e não apenas como status e suporte de legitimidade social, tal como expressa mais claramente a concepção de religião das famílias descendentes de grupos de elite. Esse aspecto fica visível nos depoimentos, apesar do registro recorrente da idéia de que a religião não constitui um foco privilegiado de atenção, no âmbito da socialização.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi colocado em momento anterior, o presente trabalho tem como objetivo fazer uma contribuição ao estudo das relações familiares, isto é, da organização doméstica e das relações família/espço público, em uma determinada faixa dos segmentos médios de nossa sociedade local. Visamos fazer uma maior elucidação das práticas dessas famílias sob o ponto de vista das relações de gênero (tais como concebidas e vividas pelas mesmas em seus cotidianos), e das características da educação ministrada aos filhos. Dentro dessa segunda temática, pensamos cotejar alguns aspectos das relações de poder que permeiam as interações entre as famílias e algumas outras instituições sociais às quais estas se relacionam.

É importante assinalar que, desde os primeiros momentos da realização do trabalho de campo planejado para o presente estudo, nos demos conta de que estávamos diante de um grande grupo de famílias de cujos cônjuges personificam a experiência de indivíduos unidos por três aspectos principais: em primeiro lugar o aspecto geracional, ou seja, o fato de tratarem-se de indivíduos que viveram uma etapa fundamental de suas vidas - a juventude - num mesmo momento histórico. Em segundo lugar o fato de tratarem-se de indivíduos que exercem atividades profissionais liberais (no sentido mais aproximado ao que pode existir atualmente em relação a essa categoria de ocupações). E em terceiro lugar, o fato de serem indivíduos que desfrutam de um nível material de vida

semelhante, devido ao fato de contarem com níveis idênticos de rendimentos e patrimônio, apesar de que construídos de maneiras distintas.

Simultaneamente, nos apercebemos também de que havia um aspecto fundamental a trazer diferenças entre diversos campos da vivência concreta e das representações dessas famílias: a questão das distintas origens familiares dos indivíduos cônjuges. Ou seja, o fato de encontrarmos, na nossa amostra, famílias onde pelo menos um dos cônjuges descende de grupos pertencentes à elite (intelectual, econômica ou política) local ou nacional, e famílias descendentes de grupos integrantes das baixas camadas médias, cujos descendentes viveram uma situação econômica e social modesta e fortemente marcada pela sensação de instabilidade. Neste segundo caso, tratam-se de famílias cujos cônjuges empreenderam uma mudança em seu nível de vida, envolvendo o âmbito econômico, o âmbito intelectual, e em alguns casos a realização de uma migração geográfica do interior para a Capital, que se apresentava como indispensável em seus projetos de ascensão social.

No decorrer da investigação, alguns aspectos da vida individual dos cônjuges, bem como das estruturas familiares investigadas - particularmente pertinentes ao âmbito das trajetórias profissionais de homens e mulheres, nos alertaram para o fato de que esses dois conjuntos de famílias, mesmo apresentando hoje uma situação sócio-econômica semelhante (no sentido de que podem adquirir o mesmo tipo de habitação, de que podem habitar os mesmos bairros e pagar da mesma forma por serviços sociais),

guardam entretanto características distintas e distintivas em suas práticas cotidianas.

Esses distintos comportamentos e sentimento (ou práticas e representações) se transmutam em formas particulares de expressão, ou atos expressivos envolvidos com a configuração da posição e da condição de classe desses grupos, elementos fundamentais nas representações de suas auto-imagens e imagens públicas.

Esses comportamentos, tal como definidos por BOURDIEU (1987 : 23), dividem-se (e confundem-se) em atos subjetivamente expressivos e atos objetivamente expressivos; isto é, eles podem ser vividos e concebidos a nível intencional (consciente), ou simplesmente vividos sem maiores pretensões de duplicação simbólica (esta segunda categoria estende-se, portanto, a todos os atos sociais).

Podemos enriquecer esta elucidação frisando que os atos expressivos inconscientemente dados (em BOURDIEU, atos objetivamente expressivos), para seus atores, significam em essência as realizações previstas em seus cotidianos, ou no universo de seus "habitus". Tais atos, porém, revestem-se de uma qualidade adicional supra-objetiva (ou simbólica) para quem os observa de fora, transmutando-se em traços e características peculiares aos grupos sociais. Por outro lado, existem atitudes que são, já em sua origem (ou na consciência de quem as vivencia), destinadas fundamentalmente a representar o aporte de determinada linguagem cultural, e que algumas vezes possuem pouca referência

entre os "habitus" de seus praticantes. (1)

A penetração na esfera das representações onde é possível perceber-se a dimensão expressiva dos atos, sejam eles objetivamente ou subjetivamente expressivos e distintivos, mas igualmente relevantes no processo de identificação dos grupos, exigiu de nossa análise a superação de um nível mais à superfície dos fatos levantados.

Empreendemos, pois, ir além da constatação de uma certa sintonia de experiências entre os dois conjuntos de famílias em questão; isto é, ir além do reflexo da dimensão urbana e moderna de suas vivências, e passar ao nível do "como representam" essas vivências. É importante ressaltar que dentro deste primeiro nível de observação, apresentam-se muitas coincidências no cotidiano dos grupos em questão. As famílias se remetem, em seus depoimentos ao ritmo acelerado de trabalho a que seus membros - homens, mulheres, adultos ou jovens - são cada vez mais compelidos, e às constantes transformações de valores com que entram em contato, nas redes de relações em que estão imersas. É evidente que tais vivências são preponderantemente influenciadas pela situação que tais grupos ocupam na estrutura social, nela residindo a principal fonte da diferenciação entre suas experiências enquanto "classe média" e as

---

(1) Como exemplo de atitudes cuja dimensão subjetivamente expressiva, nos parece preponderante, podemos citar, da presente etnografia, a busca de escolas "tradicionais" para os filhos por parte das famílias emergentes, bem como a aprovação incondicional da intervenção dos serviços de psicologia junto aos filhos (ou para si próprios) entre os cônjuges das famílias tradicionais.

experiências das "classes populares". (2)

Assim, como dado comum, os membros das famílias fazem menção à idéia de que o ritmo de trabalho a que são submetidos homens e mulheres cônjuges, no contexto de suas ocupações urbanas, promove uma relativa ausência tanto paterna quanto materna nos cotidianos familiares, e impõe uma intervenção cada vez maior do Estado e da sociedade mais ampla no âmbito dos lares. (3)

Essa intervenção gera no meio familiar do universo social considerado uma expectativa de tensão, manifesta em termos conflituais, que assumem, entretanto, formas diversas para os dois grupos em questão. E aqui penetramos no nível onde se apresentam as diversidades comportamentais entre esses conjuntos de famílias.

As distinções em termos de comportamentos e sentimentos (ou a dimensão expressiva dos atos), às quais pudemos ter acesso no bojo da investigação realizada, dizem respeito aos tratamentos próprios que os dois grupos dispensam às questões de gênero, ou seja, às

---

(2) Esse raciocínio está baseado nas considerações de SCHUTZ (1979) a respeito da importância da vivência do "mundo do trabalho", ou "mundo da vida cotidiana", na formação da visão de mundo dos indivíduos e grupos sociais.

(3) Christopher Lash assinala esse processo em relação à experiência da sociedade norte-americana em seu livro "Refúgio num mundo sem coração" (1991), escrito na década de 70, onde o autor empreende uma extensiva análise diacrônica dos processos ocorridos com a estruturação e o poder familiar, diante do controle do Estado sobre as atividades antes relegadas aos indivíduos e as famílias, na história da sociedade moderna. O autor menciona a atuação dos "médicos, psiquiatras, professores, orientadores infantis, funcionários da justiça de menores e outros especialistas", principalmente sobre a educação das crianças (LASH:1991:21).

suas concepções particulares de papéis e poder na relação entre homens e mulheres; a algumas sutilezas no âmbito da educação dos filhos; e ainda às peculiaridades das relações que essas famílias mantêm com as referidas instituições.

Com relação aos comportamentos evidenciados em relação às questões de gênero, observamos que, em maior ou menor grau, ambos os grupos vivem situações de conflito criadas pelo choque entre as disposições e o ethos cristalizados no seio das famílias de origem e as disposições geradas a partir do contato com novas necessidades e valores (como dados das experiências próprias de cada geração).

Para as famílias descendentes de grupos de elite, a vivência da dimensão moderna e modernizante da sociedade (que lhes é inserida na vida familiar através da necessidade e da possibilidade de recorrer ao apoio de instituições para "questões de família") é experimentada e explicada nos seguintes termos: as mulheres têm o direito e a possibilidade de trabalhar fora de casa; as crianças vão às escolas, onde são educadas em padrões sintonizados com os "habitus" próprios ao seu status de "média elite"; e às clínicas de psicologia, quando se faz necessário. Os homens devem assumir posturas mais condizentes com a condição de "pais modernos", embora frequentemente assumam-nas superficialmente. E a televisão e os espaços de lazer fazem parte do aparato que leva os filhos (juntamente com a escola e a participação nos rituais "da classe") ao domínio de uma linguagem que identifica e reproduz o grupo. As mães são representadas como pessoas cuja penetração no espaço público potencializa seu papel e seu poder no espaço privado, uma

vez que são vistas como vetores que conduzem a família no processo de adaptação à nova situação de interação com as instituições (relações que parecem intensificadas), figurando como coordenadoras desse processo, e não mais como executantes das atividades inerentes ao domínio doméstico.

Para as famílias emergentes a vivência dos mesmos aspectos "modernizantes" da sociedade pode ser definida nos seguintes termos: as mulheres, mais que contar com o direito e a possibilidade, "necessitam" trabalhar fora de casa em nome de uma maior sintonia para com as demandas simbólicas e materiais do processo de ascensão social do conjunto da família. É importante frisar, tanto quanto os depoimentos indicam, que essas mulheres não parecem se considerar (ou serem consideradas) exatamente preparadas para as atividades profissionais planejadas nas idealizações familiares. As falas indicam que a integração profissional das mesmas se dá precariamente, e em esferas de trabalhos inferiores às sonhadas em suas expectativas, contando estas ainda com a incômoda sensação de instabilidade profissional. As crianças vão às escolas, e nelas também se completa o processo de ascensão social; e em situações extremas, podem ir às clínicas de psicologia (embora as famílias façam-lhes reservas). Os homens não professam o discurso de igualdade entre os cônjuges, e a idéia da divisão de tarefas ligadas à casa e aos filhos tem lugar em função das necessidades pragmáticas da vida familiar, tendo, todavia pouca referência enquanto atos ~~objetivamente~~ <sup>subjetivamente</sup> expressivos. De todo modo, o processo de ascensão social da unidade familiar, e em menor medida o fato dessas mulheres trabalharem fora de casa, promovem certas

transformações ascendentes no status das mães-de-família.

Os dados relativos à orientação dos filhos em relação à sexualidade e a outros aspectos de suas vivências, permitem também uma certa visibilidade do tratamento dispensado pelas famílias às questões de gênero. Da análise desses dados, concluimos que a questão da virgindade não constitui uma preocupação central da educação de filhos e filhas de famílias vinculadas aos grupos tradicionais. Da mesma forma, o investimento sobre a formação profissional é aparentemente o mesmo, quer em relação aos filhos, quer em relação às filhas. O casamento "precoce" é considerado empecilho à vida profissional de homens e mulheres, e a formação para a independência é ministrada igualmente para filhos de ambos os sexos; todavia as queixas que registramos em relação à precocidade do namoro dizem respeito invariavelmente às filhas.

Por sua vez, os depoimentos das famílias que emergiram recentemente no nível de status aqui considerado indicam que a orientação dos filhos e filhas guardam suas especificidades em relação à sexualidade e a outros assuntos ligados a este. Neles, o namoro é representado principalmente como um momento anterior ao casamento. Sobre o namoro das filhas, a atitude é de vigilância, como prevenção ao adiantamento das intimidades sexuais, exceto quando seus casamentos já estão anunciados. Sobre o namoro dos rapazes, a postura dos pais é de omissão de responsabilidades: "Prendam suas cabritas, que meus bodes estão soltos". Em relação ao crédito depositado sobre as perspectivas profissionais, observamos uma maior expectativa em relação aos filhos que às filhas. Os rapazes são orientados para só casarem-se após o término da

educação profissional, enquanto às jovens, soa com certa naturalidade que casem-se antes da conclusão do curso universitário.

Da análise dos processos envolvidos com a dimensão profissional da educação dos filhos, processos que assinalam fortemente a intervenção da escola e dos serviços de psicologia na infância e adolescência, observamos nas expressões dos cônjuges descendentes da elite, que embora o padrão de intervenção promovido por tais instituições se aproxime bastante do padrão de orientação promovido pelas próprias famílias, estes não conseguem satisfazer a totalidade das expectativas dos pais.

As críticas das famílias tradicionais às instituições escolares, sobre as quais pode-se dizer que possuem um certo nível de controle e conhecimento, (ou seja, com as quais possuem intimidade) se concentram na questão da "negligência" com que a escola trata assuntos que consideram fundamentais à educação. Por exemplo, remetem-se à idéia de que a escola não auxilia na reprodução das motivações intelectuais e no estímulo à participação na vida política entre os jovens. Queixam-se porque a escola "não é mais a mesma", enfim, queixam-se porque a escola não lhes oferece "mais" (ou lhes oferece pouco).

Essa reivindicação traduz uma perspectiva própria de pessoas que se sentem autorizadas a cobrar das instituições o que lhes soa como pertinente.

De modo diferente, as famílias emergentes no status aqui considerado, em seus depoimentos sobre a dimensão profissional da educação dos filhos, fazem constantes referências à vinculação

entre esse aspecto e a legitimação de sua nova situação social. Nesses depoimentos, é fortemente representado o conflito da família nas relações com um determinado padrão de escolas para os filhos - as escolas tradicionais -, e com os serviços de psicologia, que são vistos por uma ótica de indisposição a priori. Em tais relações, cujas referências apresentam-se plenas de dificuldades a se transpor, as famílias comportam-se como iniciantes de um ritual em parte desconhecido.

Suas expectativas em relação à escola e ao apoio terapêutico são marcadas pela idéia de que esse contato é fundamental para demarcação de seu novo status, mas que obriga-os, por outro lado, a grandes esforços para acompanhar (junto aos filhos) as demandas materiais e simbólicas dessa interação. A partir desses dois aspectos conflituais, as críticas que formulam às instituições assumem uma configuração difusa, uma vez que essas famílias não definem suficientemente o que esperam de tais espaços, nem identificam em que medida suas expectativas deixam de ser cumpridas.

Tais críticas representam, portanto, a atitude de pessoas que não têm costume de usufruir desses espaços sociais, e que não se sentem autorizadas a cobrar das instituições a contrapartida do que pagam por seus serviços.

No tocante à questão da vivência religiosa, as famílias descendentes da elite fizeram referência a uma certa interação com a religião católica, que objetiva, principalmente, a utilização de serviços religiosos como um símbolo (um tanto em desuso) de

legitimidade social. Essas famílias expressaram também uma certa indiferença em relação à educação religiosa dos filhos, e enfatizaram em seus discursos apenas a participação em rituais religiosos que dizem respeito à família.

Em relação às famílias emergentes, seus depoimentos indicam uma vivência religiosa mais eclética e densa que o grupo anterior. Esses informantes também fizeram menção à vivência do nível normativo da religião (a participação nos rituais festivos e fúnebres); todavia referiram-se, ainda, à prática religiosa como um elemento capaz de promover ou interferir no ajustamento social dos indivíduos e das famílias.

A vivência religiosa dessas famílias constituiu para nós um espaço privilegiado à observação de suas atitudes no tocante às dimensões do "viver" e do "representar". As famílias emergentes, mais que ~~uma~~ se fazerem representar através da vivência religiosa, no nosso entender, vivem a religião; isto é, vivem-na com mais intensidade (profundidade) que as famílias descendentes de grupos de elite.

Seus relatos sugerem inclusive que a relação com a religião possui o sentido de amenizar-lhes os conflitos sofridos dentro do processo de mudança social a que se lançaram, no qual, assumir valores e práticas correntes no nível social onde se quer penetrar é um dos aspectos. Dito isto, cabe acrescentar que essa observação se aplica muito mais em relação aos cônjuges que em relação aos seus filhos, que já vivem o processo de mudança social da família em um momento mais à frente.

Diante do que já foi dito, é importante colocar ainda algumas idéias que chamam-nos atenção para a limitação das análises aqui realizadas.

É importante dizer que, se nos ativermos apenas às considerações até então tecidas, preocupa-nos estarmos nos limitando a uma única dimensão da questão do viver-representar-expressar (ou das atitudes objetivamente e subjetivamente expressivas, tal como concebidas por Bourdieu).

Na essência de nossas análises, nos deparamos fortemente com o processo de luta das famílias emergentes para penetrar em uma determinada prática de vivências correntes entre as famílias descendentes de grupos de elite, e nessa medida, uma certa tendência à subordinação aos valores desta. Dito de outro modo, no esforço de penetrar no nível de status já desfrutado pelas famílias da camada média originária de grupos tradicionais, as famílias emergentes se veriam levadas (compelidas) a adotar valores da elite, que lhes seriam de certo modo impostos pela nova feição de sua vida familiar, relacionada a um grande número de instituições.

Se acreditarmos, todavia, que à toda ação corresponde uma reação, havemos de convir que não seria plausível ao grupo em processo de mudança social, no contexto aqui referido, uma simples resignação à aceitação passiva de um punhado de valores que não lhes dizem respeito. Sendo grupos e indivíduos, que trazem evidentemente a carga de valores que lhes <sup>vão</sup> ~~é~~ inerentes, e portanto preciosos, não podem deixá-los simplesmente para trás. E o mais

acertado seria pensarmos que esses valores entram em contradição e síntese, formando um novo sistema de valores, distintos dos dois anteriores. A esse respeito, talvez caibam maiores reflexões, as reações das famílias emergentes diante da influência dos serviços de psicologia, bem como seu ascetismo com relação às atividades políticas.

Não devemos esquecer, igualmente, que a questão do viver-representar-expressar não deve ser abordada reificando-se o nível objetivo (o que se vive concreta e cotidianamente), em detrimento do nível subjetivo (o que se vive com o objetivo principal de representar, ou aparentar, determinada situação). Nessa medida, devemos considerar que em seus esforços para viver e expressar suas situações (sejam as famílias emergentes, em seu processo de ascensão social, sejam os descendentes da elite nas transformações modernizantes de suas vivências), essas famílias tendem a passar do nível pragmático e consciente para um nível também pragmático e interiorizado de seus atos, que passam, assim, à categoria de atos objetiva e subjetivamente expressivos.

## 7. BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, José A. Guilhom. "Movimento Estudantil e Classe Média no Brasil" in ALBUQUERQUE, José Guilhom (org). "Classes Médias e Política no Brasil". Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- ALMEIDA, Angela Mendes de. (org). "Pensando a Família no Brasil: Da Colônia à Modernidade". Rio de Janeiro, Espaço e Tempo - UFRJ, 1987.
- ALMEIDA, M. C. Lafayette. "Em Busca da Igualdade: um estudo de casais de camadas médias urbanas no Recife" (Dissertação de Mestrado). Recife, Mestrado de Antropologia - UFPE, 1988 (mimeo).
- BANDEIRA, Lourdes. "Relações de Gênero nas Ciências Sociais" Trabalho apresentado no II Encontro de Ciências Sociais no NE. Salvador, 1988. (mimeo).
- BELOTTI, Elena Gianini. "Educar para a Submissão". Petrópolis, Vozes, 1975.
- BERGER, Peter L. "Para uma Compreensão Sociológica da Psicanálise" in FIGUEIRA, Sérvulo (org) "Psicanálise e Ciências Sociais". Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- BILAC, Elisabete Dória. "Convergências e Divergências nas Estruturas Familiares no Brasil". Trabalho apresentado no XIV Encontro Anual da ANPOCS. Caxambú, MG, 1990. (mimeo).

- BOTT, Elizabeth. "Família e Rede social". Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. "Esboço de uma Teoria da Prática", in **BOURDIEU: Sociologia** (org. Renato Ortiz). São Paulo, Atica, 1983 (Grandes Cientistas Sociais - 39).
- BOURDIEU, Pierre. "Condição de Classe e Posição de Classe", in MICELI, Sérgio (org) "A Economia das Trocas Simbólicas". São Paulo, Perspectiva, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. "O Poder Simbólico", Lisboa, DIFEL, 1989.
- BRANCO, Helena Castello. "A Família através dos Dados Estatísticos". Trabalho apresentado no "Seminário: A Família nos Anos 80: Dimensões Sociais no Novo Regime Democrático" (mimeo)
- BRAVERMAN, Harry. "Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX". (3a. ed.). Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- CARVALHO, Nanci Valadares. "A Condição Feminina". São Paulo, Editora Revista dos Tribunais : Edições Vértice, 1988.
- COMITE SOBRE ADOLESCENCIA: GRUPO PARA ADIANTAMENTO DA PSIQUIATRIA - EUA. "Dinâmica da Adolescência" (trad. Otávio Mendes Caiado). São Paulo, Cultura, 1968.

- CORREIA, Mariza. "Rural, Urbano, Tribal, Antropologia e Família", XII. Trabalho Apresentado no Encontro Anual da ANFOCS, Aguas de São Pedro - SP, outubro, 1988 (mimeo).
- CORREIA, Mariza. "Repensando a Família Patriarcal Brasileira" in: CORREIA, M. (org) "Colcha de Retalhos: Estudos sobre a família no Brasil". São Paulo, Brasiliense, 1982.
- CORREIA, Mariza. "Os Crimes da Paixão". São Paulo, Brasiliense, 1981. (Tudo é História - 33)
- CORREIA, Sônia; AVILA, Ma. Betânia (org) "Os Direitos Reprodutivos e a Condição Feminina" in **Cadernos de Pesquisa do SOS CORPO**. Recife, SOS CORPO, 1989.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da (1851-1923) "Arredores do Recife" (org. Leonardo Dantas) Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.
- COSTA, Ma. Luiza Mello Peres da. "Família de Pobre/Família de Rico/Família de Jovem/Família de Velho" (Dissertação de Mestrado). Recife, Mestrado de Antropologia - UFPE, 1982 (mimeo).
- COSTA, Veloso. "Planejamento Familiar: Aspectos Sociais e Políticos". Rio de Janeiro, BEMFAM, 1980.
- DAMATTA, Roberto. "A Casa e a Rua". Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

- DAUSTER, Tânia. "A Experiência Obrigatória: uma Interpretação sobre Maternidade fora do Casamento em Camadas Médias Urbanas". in "Boletim do Museu Nacional - 59, Rio de Janeiro, 1988.
- DURHAM, Eunice. "A Caminho da Cidade". São Paulo, Perspectiva, 1973.
- DURHAM, Eunice. "A Família e a Reprodução Humana" in DURHAM, E. (org.) "Perspectivas Antropológicas da Mulher - 3". São Paulo, CEDAL, 1982.
- DURHAM, Eunice. "Família e Casamento". in **Anais do Terceiro Encontro Nacional da ABEP**. S. Paulo, ABEP, 1982, p. 35 a 49.
- D'INCAO, Maria Angela. "O Amor Romântico e a Família Burguesa" in D'INCAO, M. A. (org) "Amor e Família no Brasil". São Paulo, Contexto, 1989.
- ENGELS, Friedrich. "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado". Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- EVERS, Telman. "Sobre o Comportamento Político das Classes Médias no Brasil, 1963-1977" in KRISCHKE, Paulo (org.) "BRASIL: Do Milagre à Abertura". São Paulo, Cortez, 1982.
- FELDMANN-BIANCO, Bela. "Capitalismo e Família" in CORREIA, Mariza (org.) "Colcha de Retalhos: Estudos sobre a Família no Brasil". S. Paulo, Brasiliense, 1982.
- FOX, Robin. "Parentesco e Casamento". Lisboa, Editora Vega, 1986.

- FORTES, Meyer. "O Ciclo de Desenvolvimento do Grupo Doméstico" in **Textos de Aula - Antropologia 6, Universidade de Brasília, s/d**
- GADOTTI, Moacir. "A Dialética do Amor Paterno: do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças". São Paulo, Cortez, 1989 (Polêmicas do Nosso Tempo, 15).
- GADOTTI, Moacir. "Escola Cidadã". São Paulo, Cortez Autores Associados, 1992 (Polêmicas do Nosso Tempo, 50).
- GOLDANI, Ana Maria. "As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação". in "Cadernos Pagú - 1" Campinas, IFCH-UNICAMP, 1993. p.p. 67-110.
- GOLDENBERG, M. Amélia. "Educação Sexual: uma proposta, um desafio". 4a. ed., São Paulo, Cortez, 1988.
- HANNER, June E. "A Mulher no Brasil". Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. "Contribuições Linguísticas do Estudo da Família" Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da Anpocs. Caxambú - MG, 1993. (mimeo).
- LASH, Christopher. "Refúgio num mundo sem Coração. A Família: Santuário Sagrado ou instituição sitiada". Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- LEEDS, Anthony. "Carreiras Brasileiras e Estrutura Social". in LEEDS, Anthony; Elizabeth. "A Sociologia do Brasil Urbano". Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

- LINS DE BARROS, Myrian "Autoridade e Afeto". Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- LOPEZ, Luiz Roberto. "História do Brasil Contemporâneo". (6a. ed.) Porto Alegre, Mercado Aberto, 1991 (Série Revisão).
- MELLO, Evaldo Cabral de. "O Nome e o Sangue: uma fraude genealógica do Pernambuco Colonial". São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- MELLO, Gonçalves de. "Capunga: Crônica de um Bairro Recifense" in COSTA, F. A. P. da. "Arredores do Recife". (org. Leonardo Dantas). Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.
- MICELI, Sérgio. "Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)". São Paulo, DIFEL, 1979.
- MILLS, C. Wright. "A Nova Classe Média (WHITE COLLAR)". Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- OLIVEIRA, Francisco de. "Collor, a falsificação da ira". Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- OLIVEIRA, M. C.; BERQUO, E. S. "A família no Brasil: Análise Demográfica e Tendências Recentes". Trabalho apresentado no Encontro Anual da ANPOCS - Caxambú, 1989 (mimeo).
- PAOLI, Maria Célia. "Mulheres: lugar, imagem, movimento" in "Perspectivas Antropológicas da Mulher - 4". Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

- PERROT, Michelle. "Os Excluídos da história: operário, mulheres e prisioneiros." Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- PERROT, Michelle. "O Nó e o Ninho" in "VEJA 25 anos: Reflexões para o Futuro." SP, Gráfica e Editora Abril, 1993. p.p. 75-79.
- PISCITELLI, Adriana. "Histórias que as Histórias de Amor Não Contam" in COSTA e BRUSCHINI (org.) "Rebeldia e Submissão". S. Paulo, Ed. Vértice, 1989.
- PRADO, Danda. "O que é Família" São Paulo, Brasiliense, 1981. (Primeiros Passos - 50)
- QUARTIM DE MORAES, Maria Lygia. "Mulheres em Movimento: o balanço da Década da Mulher do Ponto de Vista do Feminismo, das Religiões e da Política" S. Paulo, Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985 (publicações da década da mulher).
- RADCLIFFE-BROWN, A. R.; FORDE, Darryl. "Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento". Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- ROMANELLI, Geraldo. "Mudança e Transição em Famílias de Camadas Médias" in "Travessia", S. Paulo, jan/abr., 1991, p.p. 32-34.
- ROMANO, Jorge O. "As mediações das Práticas. O conceito de Habitus na Obra de Pierre Bourdieu" in "Famílias e Valores" (org. Ivete Ribeiro) S. Paulo, Loyola, 1987.

- RUSSO, Jane Araújo. "A difusão da Psicanálise nos Anos 70: indicações para uma análise" in RIBEIRO, Ivete (org) "Família e Valores". Rio de Janeiro, Loyola, 1987.
- SALÉM, Tânia. " O Novo e o Velho: um estudo de Papéis e Conflitos Familiares". Petrópolis, Ed. Vozes, 1979.
- SALÉM, Tânia. "Família em Camadas Médias: uma revisão da literatura recente".in "Boletim do Museu Nacional" - 54, Rio de Janeiro, outubro de 1985.
- SAMARA, E. de M. "A Família Brasileira". São Paulo, Brasiliense, 1986. (Tudo é História).
- SAES, Décio. "Classe Média e Sistema Político no Brasil". S. Paulo, T. A. Queiroz Editores, 1985.
- SAFFIOTTI, Heleieth. "A Mulher na Sociedade de Classes. Mito e Realidade". Petrópolis, Ed. Vozes, 1976.
- SARDENBERG, C; ALCANTARA, A. "Feminismos, Feministas e Movimentos Sociais". NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher) - UFBA, s/d (mimeo).
- SARTI, Cyntia. "Cotidiano Feminino, Lugar dos Outros". Trabalho apresentado no VII Encontro Anual da ANPOCS. Aguas de S. Pedro, S.Paulo, 1983. (mimeo).
- SCOTT, Russel Parry. "Comparáveis ou Incomparáveis" in "O que há de novo no Nordeste". Natal-RN, Nordeste Gráfica, 1988, p.p. 45 - 56.

- SCOTT, Russel Parry. "A Etnografia das Camadas Médias: trabalho, poder e a inversão do Público e do Privado". Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, CAxambú - MG, Outubro de 1993 (mimeo).
- SCOTT, Russel Parry. "O Homem na Matrifocalidade: Gênero, Percepção e Experiências do Domínio Doméstico" in **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas** - 73. S. Paulo, Maio 1990, p.p. 38-47.
- SCHUTZ, Alfred. "**Fenomenologia e Relações Sociais**" (org WAGNER, Helmut). Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SETTE, Mário (1886-1950). "**Maxambombas e Maracatús**". (4a. ed.) Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.
- SETTE, Mário (1886-1950). "**Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo**" (prefácio Hilton Sette). Recife: Secretaria de Educação e Cultura/Governo do Estado de Pernambuco, 1978.
- SILVA, Alice Inês de O. "Abelhas numa Diligente Colméia" in COSTA e BRUSCHINI (org.) "**Rebeldia e Submissão**", S. Paulo, Ed. Vértice, 1989.
- SIMMEL, George. "**Sociologia**" (org. Evaristo de Moraes). S. Paulo, Atica, 1983 (Grandes Cientistas Sociais - 34).
- SIMÕES, Solange de Deus. "**Deus, Pátria e Família: As Mulheres no Golpe de 1964**". Petrópolis, Vozes, 1985.

- SORJA, Bila. "O Feminino como Metáfora da Natureza" in "Estudos Feministas". Rio de Janeiro, CIEC : Escola de Comunicação da UFRJ, vol. 0, 1992, p.p. 143 a 150.
- VELHO, Gilberto. "A Utopia Urbana: um Estudo de Antropologia Social". Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- VELHO, Gilberto. "Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea". Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. "Aliança e Casamento na Sociedade Moderna: Separação e Amizade em Camadas Médias Urbanas". in Boletim do Museu Nacional - Rio de Janeiro. Agosto, 1983.
- WILK, R; NETTING, R. M. "Households: Changing Forms and Function" in Netting, Wilk and Arnoud. "Households: Comparative and Historical Studies of the Domestic Group". Berkeley, Los Angeles, London, University of Califórnia, 1984.
- WHITAKER, Dulce. "Homem e Mulher: o Mito da Desigualdade". S. Paulo, Editora Moderna, 1988 (Polêmica).
- WOORTMANN, Klaas. "A Família das Mulheres". Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.

**ANEXOS**

## ANEXOS

### *Quadro demonstrativo das* ANEXO 1 - ENTREVISTAS REALIZADAS.

QUADRO 1 - Entrevistas junto aos núcleos familiares.

QUADRO 2 - Entrevistas com profissionais e representantes de instituições.

### *quadro demonstrativo de* ANEXO 2 - ALGUNS DADOS SOBRE AS FAMÍLIAS PESQUISADAS.

QUADRO 1 - Famílias descendentes dos grupos de elite.

QUADRO 2 - Famílias emergentes no nível dos profissionais liberais.

### ANEXO 3 - MAPAS.

"Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes." (de autoria de José Tibúrcio Pereira de Magalhães, editada em 1870) in COSTA, F. A. Pereira da, "Arredores do Recife". Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

Trecho de cartografia retirado da "Carta de Nucleação - Centro / Região Metropolitana do Recife / 1987." escala 1:20000  
Fonte: Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife - FIDEM.

### ANEXO 4 - RECORTES DE JORNAL: NOTÍCIAS SOBRE OS BAIRROS DE CASA FORTE E GRAÇAS E SEUS HABITANTES.

FRANCO, Simone. Ruas privativas são reação à violência. Diário de Pernambuco. Recife, 6 dez. 1992, Cidades, p. B-12.

COSTA, Luciana. Cursos são opção de férias para janeiro. Diário de Pernambuco. Recife, 27 dez. 1992, Cidades, p. B-8.

BARROS, Edia. Circo dançante, um programa legal. Diário de Pernambuco. Recife, 17 jan. 1993, Viver, p. D-5.

PRAÇA de Casa Forte está esquecida pela prefeitura. Jornal do Commercio. Recife, 20 mar. 1993, Seu Bairro, p. 2.

ONDE viveu Gilberto Freyre: mais um casarão restaurado. Jornal do Commercio. Recife, 19 jun. 1993, Seu Bairro, p. 2.

CULTURA Inglesa é muito mais emoção. Diário de Pernambuco. Recife, 27 jun. 1993, Viver, p. D-1.

## ANEXO 1 - ENTREVISTAS REALIZADAS.

## QUADRO 1 - Entrevistas realizadas junto aos núcleos familiares.

Informantes	Profissão ( Formação / Ocupação )	Local de nascimento
Alexandre	Biólogo / Consultor e sócio de empresa de pesca	Recife - Pe
Adriana	Formada em Letras / professora do Estado	Olinda - Pe
Ronaldo	Engenheiro / Sócio de empresa de consultoria	Hacóió - Al
Rosângela	Economista / Funcionária pública - SERPRO	Hacóió - Al
Luiz	Formação secundária / Funcionário da FININVEST	Recife - Pe
Luciana	Formação secundária / Func. de agência de turismo	Recife - Pe
Jair	Filósofo e cientista social / Professor da UFPE	Sertânia - Pe
Josélia	Psicóloga / Func. <del>psicóloga</del> da UFPE	Recife - Pe
Vladimir	Advogado / Func. aposent. Receita Federal, professor da UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco	Recife - Pe
Vânia	Advogada / Func. da Justiça do Trabalho	Garanhuns - Pe
Ana Maria	Psicóloga / Estud. de Direito / Func. do Tribunal de Justiça Federal	João Pessoa - Pb
Saulo	Formado em Direito / Func. e cargo de confiança da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais	Recife - Pe
Marcílio	Engenheiro / Func. e cargo de confiança da CELPE	Crato - Ce
Marília	Formada em Letras / Artista plástica	Souza - Pb
Dorival	Engenheiro / Func. da COMPESA	Caruaru - Pe
Dione	Psicóloga / Consultório particular	Caruaru - Pe
Felipe	Formado em Matemática / Professor da UFRPE	Goiás - Go
Flávia	Formada em Letras / Professora do Estado	Araripina - Pe
Givaldo	Administrador / Func. <del>psicóloga</del> da UFPE, trabalha na agência de turismo da família	Escada - Pe
Gláucia	Formada em Ciências Sociais / agência de turismo	Recife - Pe
Rogério	Médico - <del>psicólogo</del> do Hospital público em Goiana - Pe	Afogados da Ingazeira - Pe
Pérciles	Formação secundária / Proprietário de armazém de materiais de construção?	Recife - Pe
TOTAL : 22 entrevistas em 13 núcleos familiares.		

ANEXO 1 - ENTREVISTAS REALIZADAS.

UFPE B- rel

QUADRO 2 - Entrevistas com profissionais e representantes de instituições.

Informantes	Profissão / Ocupação
Abelardo	Padre da paróquia de Casa Forte
4 senhoras na faixa de 50 a 60 anos de idade (entrevista em conjunto)	Integrantes da Pastoral dos Mendigos e do Movimento de Senhoras da Caridade da paróquia de Casa Forte
Givaldo	Pastoral dos <del>homens</del> <sup>homens</sup> da paróquia de Casa Forte
Luiz	Ex-diretor do Clube Internacional
Saulo	Diretor de esportes do Clube Português.
Dione	Psicóloga
Josélia	Psicóloga
Rogério	Médico
Adriana	Professora do Estado
Flávia	Professora universitária
Flávio	Professor universitário
TOTAL: 11 entrevistas.	

ANEXO 2 - ALGUNS DADOS SOBRE AS FAMÍLIAS PESQUISADAS.

QUADRO 2 - Famílias emergentes no nível dos profissionais liberais.

Cônjuges (idade)	Ascendentes (Formação / Ocupação)	Descendentes (idade)	Referências à formação profissional dos filhos	Residência da família
Marcílio (50)	Pai- Formação secundária, telegrafista. Mãe- Formação primária, telegrafista.	Filho 1 (18)	Estudante de Arquitetura	Graças
Marália (42)	Pai- Formação secundária, func. público da Coletoria Estadual - PB Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 2 (15)	Estudante secundarista Colégio Nóbrega	
		Filho 3 (11)	Estudante do 1º grau Colégio Nóbrega	
Dorival (52)	Pai- Formação primária, comércio de de representações para indústrias de Caruaru. Mãe- Formação primária, doméstica.	Deysse (20)	Estudante de Medicina FESP	Graças
Dione (42)	Pai- Formação primária, pequeno comerciante em Caruaru. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filha 2 (16)	Estudante secundarista Colégio Vera Cruz	
		Filho 3 (11)	Estudante do 1º grau Colégio Americano Batista	
Felipe (47)	Pai- Formação primária, comerciante de automóveis e autopeças em Araripina. Mãe- Formação primária, doméstica.	Leticia (19)	Estudante de Medicina UFPF	Graças
Flávia (41)	Pai- Formação primária, ex-gerente da Brahma em Araripina. Possui loja de discos e fábrica de sandálias. Mãe- Formação primária, "costurava para fora".	Mãe Lúcia (16)	Estudante secundarista Colégio Anglo	
		Carolina (12)	Estudante do 1º grau Colégio Marista	
Givaldo (53)	Pai- Engenheiro civil, funcionário da Prefeitura do Recife, ex-prefeito de Escada. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 1 (27)	Arquiteto, dá cursos de computação no próprio escritório.	Casa Forte
Gláucia (15)	Pai- Formação primária, foi proprietário de farmácia e papelaria. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 2 (24)	Estudante de Arquitetura, trabalha com o irmão.	
		Filha 3 (19) (casada)	Estudante de Publicidade UFPE.	
Rogério (45)	Pai- Formação secundária, comerciante em Afogados da Ingazeira. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 1 (18)	Estudante do 2º grau Colégio das Damas	Graças
		Filho 2 (16)	Estudante secundarista Colégio das Damas	
	Cônjuge feminino não foi entrevistado.	Filho 3 (14)	Estudante secundarista Colégio das Damas	
Péricles (58)	Pai- Formação primária, comerciante de materiais de construção. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 1 (28) (casado)	Administrador de Empresas	Graças
		Filho 2 (26) (casado)	Formação secundária, trabalha com vendas.	
		Filho 3 (24)	Estudante de Engenharia	
		Filho 4 (23)	Estudante de Medicina	
		Filho 5 (20) (casado)	Estudante de Administração	
	Cônjuge feminino não foi entrevistado.	Filho 6 (17)	Estudante do 2º grau, es- gia na empresa da família	

ANEXO 2 - ALGUNS DADOS SOBRE AS FAMÍLIAS PESQUISADAS.

QUADRO 2 - Famílias emergentes no nível dos profissionais liberais.

Cônjuges (idade)	Ascendentes (Formação / Ocupação)	Descendentes (idade)	Referências à formação profissional dos filhos.	Residência da família
Marcílio (50)	Pai- Formação secundária, telegrafista.	Filho 1 (18)	Estudante de Arquitetura	Graças
Marcília (42)	Mãe- Formação primária, telegrafista. Pai- Formação secundária, func. público da Coletoria Estadual - PB Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 2 (15)	Estudante secundarista Colégio Nóbrega	
Dorival (52)	Pai- Formação primária, comércio de de representações para indústrias de Caruaru. Mãe- Formação primária, doméstica.	Beysse (20)	Estudante de Medicina FFSP	Graças
Dione (42)	Pai- Formação primária, pequeno comerciante em Caruaru. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filha 2 (16)	Estudante secundarista Colégio Vera Cruz	
Felipe (47)	Pai- Formação primária, comerciante de automóveis e autopeças em Araripina. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 3 (11)	Estudante do 1º grau Colégio Nóbrega	Graças
Flávia (41)	Pai- Formação primária, ex-gerente da Brahma em Araripina. Possui loja de discos e fábrica de sandálias. Mãe- Formação primária, "costurava para fora".	Leticia (19)	Estudante de Medicina UFPE	
		Mãe Lúcia (16)	Estudante secundarista Colégio Anglo	
Givaldo (53)	Pai- Engenheiro civil, funcionário da Prefeitura do Recife, ex-prefeito de Escada. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 1 (27)	Arquiteto, dá cursos de computação no próprio escritório.	Casa Forte
Gláucia (45)	Pai- Formação primária, foi proprietário de farmácia e papelaria. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 2 (24)	Estudante de Arquitetura, trabalha com o irmão.	
Rogério (45)	Pai- Formação secundária, comerciante em Afogados da Ingazeira. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filha 3 (19) (casada)	Estudante de Publicidade UFPE.	Graças
		Filho 1 (18)	Estudante do 2º grau Colégio das Damas	
		Filho 2 (16)	Estudante secundarista Colégio das Damas	
	Cônjuge feminino não foi entrevistado.	Filho 3 (14)	Estudante secundarista Colégio das Damas	
Péricles (58)	Pai- Formação primária, comerciante de materiais de construção. Mãe- Formação primária, doméstica.	Filho 1 (28) (casado)	Administrador de Empresas	Graças
		Filho 2 (26) (casado)	Formação secundária, trabalha com vendas.	
		Filho 3 (24)	Estudante de Engenharia	
		Filho 4 (23)	Estudante de Medicina	
		Filho 5 (20) (casado)	Estudante de Administração	
	Cônjuge feminino não foi entrevistado.	Filho 6 (17)	Estudante do 2º grau, es- gia na empresa da família	

## OBSERVAÇÕES SOBRE OS ANEXOS 1 E 2.

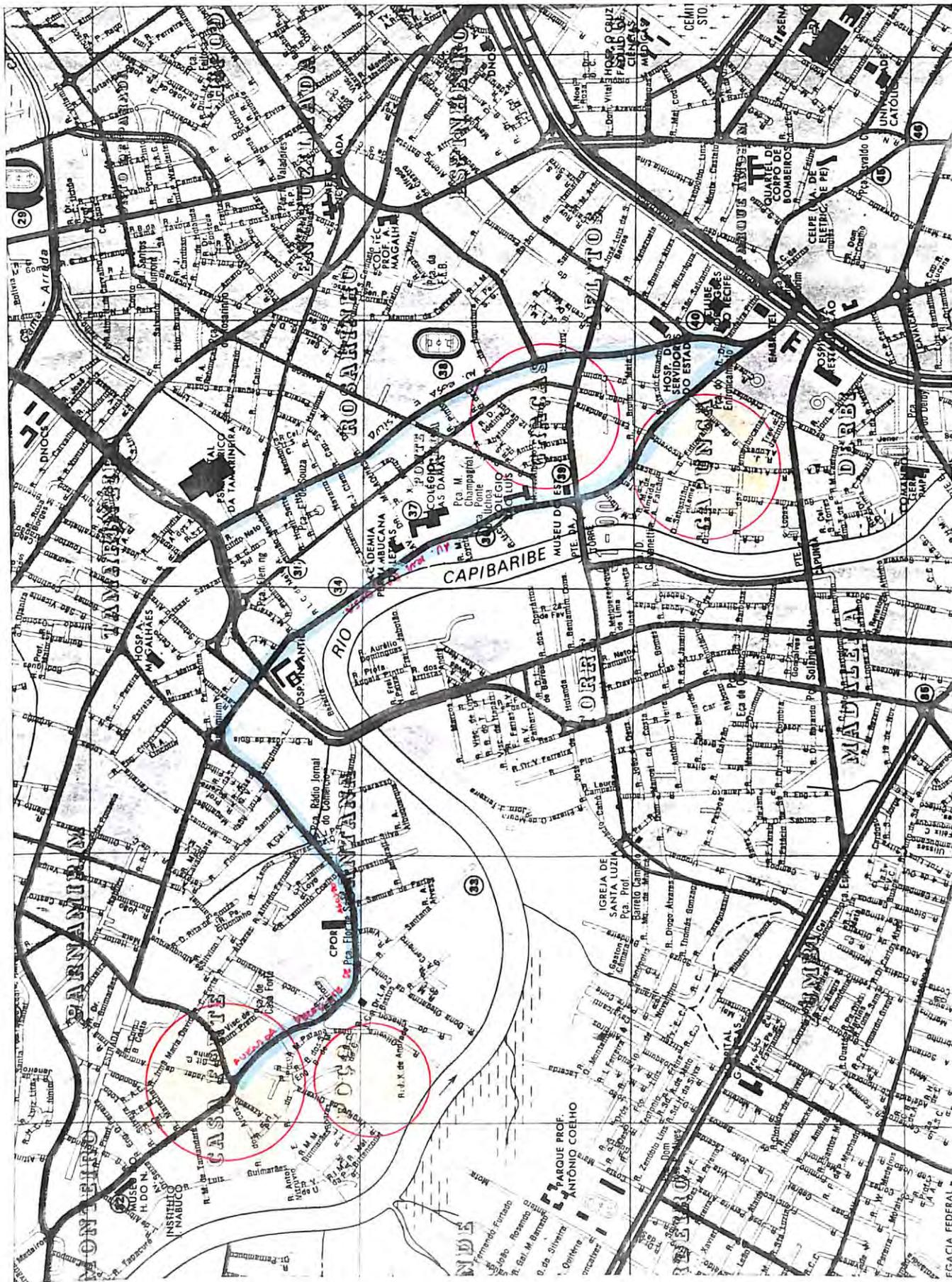
Os verdadeiros nomes dos informantes foram omitidos.

Foram utilizados nomes fictícios para os informantes que figuram em depoimentos citados. Os demais são referidos enquanto pai, mãe, filho ou filha.

As idades dizem respeito ao ano de 1992, no qual foi realizado o trabalho de campo.

Todas as referências feitas às escolas de 1º e 2º grau dizem respeito à instituições particulares.





ESC. 1:20.000

# Ruas privatizadas são reação à violência

■ Casa Forte foi o primeiro bairro a ter ruas exclusivas de moradores. A segurança passou a ser a questão

Simone Franco

Ambiente tranquilo e arborizado, casas sem muro, grades ou portões, crianças brincando despreocupadas na rua, sem receio de serem atropeladas ou surpreendidas por ladrões de bicicleta, tênis ou relógio. A cena poderia ter sido tirada de algum filme americano, mas retrata, na verdade, a rotina de várias ruas-condomínio do Recife. Colocar portões, correntes e guardião com vigilância 24 horas na entrada das vias tornou realidade o sonho de conforto e segurança, notadamente para as pessoas de maior poder aquisitivo. Os custos são sempre rateados entre os vizinhos, que não medem esforços — nem dinheiro — para aperfeiçoar cada vez mais o sistema.

Casa Forte foi um dos primeiros bairros a adotar o fechamento de ruas, antes mesmo da escalada de violência urbana se intensificar. A antiga vila da fábrika Torre, área residencial destinada aos funcionários do cotonifício, se transformou no Jardim Carioca. Hoje, abriga treze famílias, sob proteção de portão eletrônico e guarita com porteiro e vigilante. A medida foi implantada há 15 ou 20 anos, basicamente por questões de segurança. "Com o portão fechado, só entra aqui quem se identifica na portaria", revela a dona-de-casa Maria Francisca Dias Beltrão.

soas de outros bairros, interessadas também em fechar sua rua, já nos procuraram em busca de orientação".

conta Romero Guerra. Ao longo da via, ele não é considerado particular nem condômino, existem 14 casas, protegidas 24 horas por três vigilantes. A batalha do síndico, agora, é convencer alguns proprietários a concordarem com a compra de um interfone, que vai aumentar, significativamente, a taxa de contribuição mensal. As mansões que margeiam o açude de Apilada ala nobre do Recife — fecham a segurança reforçada com a "privatização" das ruas. Na Gustavo de Sá Barreto, os proprietários das dez casas já planejam trocar as correntes por



Francisca: só entra com identificação



Arnaldo: eliminar pessoas estranhas

um portão eletrônico e instalar um interfone na guarita de vigilância. "Como as casas estão sempre mais expostas a assaltos, o sistema nos oferece mais tranquilidade, por eliminar a circulação de pessoas estranhas", explica o engenheiro civil e síndico da área, Luis Arnaldo Pessoa de Melo.

Em comparação aos imóveis de mesmo nível, ele afirma que a taxa de administração da rua é "bem mais barata". Adotando um esquema de rodízio, cada morador se responsabiliza pelo pagamento integral do mês, orçado atualmente, em Cr\$ 5 milhões. Há poucos meses, a Prefeitura realizou a limpeza do açude, cuja mão-de-obra, de acordo com Pessoa de Melo, foi custeada pelos condôminos. "Para dar valorização pública ao lago, vamos encaminhar um projeto ao novo prefeito, sugerindo alguns serviços para incentivar o turismo e lazer no local", comenta.

Foto: Romero Avelly



A tranquilidade que a cidade perdeu, pode ser conquistada na rua privada

## Para ter o privilégio, precisa de autorização

Algumas barreiras legais podem frustrar o desejo de muitos cidadãos de fechar a sua rua e transformá-la em um paraíso de tranquilidade e segurança. Todas as vias consideradas logradouros públicos pelo Código de Urbanismo e Obras (Lei 7427/61) não podem ter o acesso interdito por correntes, portões ou guarita. Este direito é vedado às ruas particulares, ou seja, aquelas que constam como parte integrante do terreno edificado.

Segundo o assessor da Diretoria de Controle Urbanístico da Urb, Geraldo Oliveira, o serviço precisa de autorização prévia da Prefeitura. "Os interessados devem procurar a regional da Urb a que seu bairro está subordinado para realizar o licenciamento", orienta. Além de pagar uma taxa, os moradores têm de observar a Portaria 217/82, que estabelece critérios para a instalação de guaritas. O tamanho permitido varia entre 3 e 4.050 metros quadrados, dependendo da existên-

cia ou não de banheiro. A legislação é clara ao delimitar o assunto, mas há quem encontre formas de implantar o sistema irregularmente. Embora tenha conhecimento de alguns casos, Geraldo Oliveira diz que a Urb só pode intervir na questão mediante denúncia apresentada por moradores da área. "Se não houver reclamação formalizada e a fiscalização não detectar, a irregularidade geralmente é tolerada", admite.

No seu ponto de vista, a decisão de fechar uma rua é tomada, "única e exclusivamente", por questão de segurança. "O fechamento da rua, entretanto, deve ser discutido e aceito por todos os moradores", destaca Geraldo Oliveira. Mesmo em áreas particulares, a Urb pode intimar e multar os proprietários que adotaram o sistema sem consulta à autarquia. Quando o caso é descoberto em logradouro público, ainda há o risco de depoluição da guarita.

# Cursos são opções de férias para janeiro

Misturando lazer e cultura, os centros educativos oferecem diversão segura para a criançada em 93

## Ludena Gesta

Os centros educativos que oferecem cursos de férias no mês de janeiro começam a divulgar a programação para 1993. Os mais tradicionais do Recife são os Cecosne e Escolinha de Arte. Mas as escolas de natação também se apresentam como alternativa para quem não tem onde deixar os filhos — no período de férias. Embora seja criticada pelos psicólogos infantís, a colônia de férias é, geralmente, a opção encontrada pelos pais que trabalham.

Um dos locais mais tradicionais e procurados do Recife é o Cecosne, na Madalena. O Centro, que inicia suas inscrições no dia 15 deste mês, oferece intensa programação com acompanhamento de professores e recreadores. O programa do Cecosne valoriza o resgate dos jogos e brincadeiras populares e folclóricas. "Nós queremos que eles participem de todas as brincadeiras que hoje não existem mais como o queimado, barra-bandeira, a corda e o pião", diz o coordenador de eventos do Cecosne, Marcos Lima.

Na área artística, as crianças têm oportunidade de trabalhar com pintura, modelagem, desenho e a transformação de sucatas em objetos. "Nós queremos mostrar que o material, que é tido como lixo, em casa, pode ser transformado num brinquedo", explica Marcos Lima. A criatividade das crianças é despertada a todo momento no Cecosne. No final do curso, eles encenam peças teatrais.

Uma das principais atrações da Colônia de Férias do Cecosne são os passeios a fábricas e pontos turísticos da cidade. Na programação estão previstas visitas à Oficina de Francisco Brennand, aos principais museus da cidade, ao Monte Guararapes e ao sítio histórico de Olinda. "Os passeios são sempre motivantes", arrisca o coordenador do Cecosne.

Mas o Centro também vai preparar uma seleção de filmes e vídeos para as crianças que reclamam da falta de televisão e do videogame. "Mas será mostrado que as brincadeiras populares são mais interessantes e inteligentes". Na opinião de Marcos Lima, a Colônia de Férias traz vantagens tanto para os pais como para as crianças.

**Segurança** — As crianças terão oportunidade de ficar num lugar amplo e arborizado com toda infraestrutura e os pais a tranquilidade de saber que os filhos estão sendo bem acompanhados e em segurança. Analisa. Ele acredita que é muito melhor para as crianças ficar num lugar como Cecosne do que em qualquer o dia inteiro assistindo televisão.

O Cecosne aceita crianças de 3 a 12 anos e todas as inscritas serão divididas em três turmas de acordo com a idade. O curso ocorre do dia 04 a 29 de janeiro das 8 às 12h. A inscrição, se for feita até 30 de dezembro, será de Cr\$ 750 mil e, em janeiro, Cr\$ 900 mil. Os pais que tiverem dois filhos, receberão um desconto de 1% no valor da inscrição do segundo filho. Para quem possui três filhos, o terceiro recebe um desconto de 2%. O valor da matrícula inclui uma camiseta e um diário, o material didático e todos os passeios.

A Escolinha de Arte do Recife também é responsável por um dos cursos de férias mais solicitados da cidade. A presidente da Escolinha, Anna Maria Cavalcanti, salienta que o curso não tem um caráter recreativo, e sim, educativo. "Nós estimulamos a concentração, o relacionamento em grupo, aprendizagem da linguagem escrita e oral", diz Anna Maria. Na Colônia de Férias, eles aprendem noções de pintura, desenho, colagem e modelagem com argila.

Nossa intenção é que as crianças tenham uma atividade onde possam aproveitar o tempo de maneira criativa se entretendo co-



A escolinha de arte é uma atividade oferecida pelos centros aos pais que não têm onde deixar os filhos no período de férias.

de Arte e Cr\$ 180 mil para não-sócios. De 21.12 a 15.01, as inscrições custarão Cr\$ 200 mil para sócios e Cr\$ 250 mil para não-sócios. As escolas de natação também oferecem opções para as férias.

Nos meses de janeiro e fevereiro, a Escola Colfinho promove curso de atendimento mais aos interesses dos pais do que dos filhos. Na maioria dos casos eles trabalham e não têm com quem deixá-los. Ele diz que para as crianças, as colônias de férias são ideais. Mesmo as que têm cadeiras e divertimentos são bem avaliadas pelas crianças como um bom promisso. "Elas perdem a noção de férias, porque saem de um mundo e ingressam em outro", explica Schettini.

O psicólogo afirma que o período letivo é muito pesado para as crianças e se elas não tiverem férias, perdidas o stress vai se acumulando ao longo dos anos. Mesmo acreditando que o curso de férias seja ideal, Schettini afirma que mais recomendável do que deixar as o dia inteiro trancadas em apartamentos assistindo televisão. "O ideal seria que elas ficassem com os pais. Ou, até mesmo viajarem desde que sejam acompanhadas por adultos que saiba viajar com crianças", analisa.

## ROTEIRO

Ceco-ne — Rua José Osório, nº 114 — Madalena. Fone: 227.1763. Curso de férias — Cr\$ 250 mil não-sócios (até 15 de janeiro); Cr\$ 900 mil (inscrições em dezembro); Cr\$ 900 mil (inscrições em janeiro).  
Escola Colfinho — Rua Astronauta Neill Armstrong, nº 137 — Parnamirim. Fone: 441.1620. Curso de Férias — dezembro, janeiro e fevereiro. Matrícula Cr\$ 150 mil (dezembro); Cr\$ 150 mil Sócios; Cr\$ 180 mil não-sócios (até 18 de dezembro); Cr\$ 200 mil sócios; Cr\$ 250 mil não-sócios (até 15 de janeiro).  
Escolinha de Arte do Recife — Rua do Cupim, nº 124 — Graças. Fone: 222.0050. Curso de Férias — Sem definição de Preços; Curso de Férias Doce — Matrícula Cr\$ 150 mil para sócios; Cr\$ 180 mil para não-sócios.

mo pessoa com esta experiência", diz Anna Maria. Os cursos da Escolinha recebem crianças a partir dos 3 até os 15 anos. As turmas são divididas por faixa etária e por dia da semana. Segunda, quarta e sexta-feira os horários são das 14 às 16 ou das 14 às 17h30. Terça, quinta e sexta-feira das 8 às 10 ou das 8 às 11h30. Os preços ainda não foram definidos.

Além do curso tradicional, a Escolinha promove, no próximo mês, o Curso de Férias de Filação Doce. As aulas serão práticas e teóricas. No programa também constam palestras, audições e concertos. O curso será ministrado no Centro Profissionalizante de Criatividade Musical do Recife na Rua da União. Qualquer pessoa pode inscrever no curso, que terá uma turma para iniciantes. Até o dia 18 deste mês, a inscrição custa Cr\$ 150 mil para sócios da Escolinha

# Circo dançante, um programa legal

■ Nas tardes de sábado, o pagode, o forró, a música baiana e o frevo ecoam sob a lona da Rui Barbosa

## Lydia Barros

Quem quiser gastar a mesada além dos limites do Shopping Center Recife já pode mudar de rota rumo à ponte D'Uchoa, Graças. O Circo Maluco Beleza é, atualmente, a *coqueluche* da garotada que está em idade de partir para a diversão com as próprias pernas, de preferência, nos finais das tardes de sábado. Em frente ao Museu do Estado, na avenida Rui Barbosa, foi armada uma lona de 30 metros de diâmetro, com infra-estrutura para abrigar cerca de duas mil pessoas. Isso, antes da inauguração total do que virá a se chamar Espaço Cultural da Rui Barbosa, que promete abrir, também, para o teatro e outras manifestações culturais, com capacidade, projetada, para mais de cinco mil pessoas.

Por enquanto, tem samba-reggae, pagode, frevo e forró, ao som de 2.000 mil watts de potência, sob os olhares atentos de 10 seguradoras, seis funcionários e a trupe idealizadora do

projeto — Dirceu Souto Maior, Murilo Cavalcanti, Gustavo e Rogério Paes, Carlos Astora, André Felipe e Edgar Moraes — que faz questão de se revezar entre a bilheteria, o barzinho, o salão e a "panfletagem". "Talvez este seja o segredo do sucesso do circo. Cuidamos de tudo o tempo todo", declaram os rapazes, companheiros em outras realizações na Cidade.

Ali a ordem é garantir tranquilidade aos pais e curtição aos filhos. As cinco da tarde o equipamento já está instalado e as *turbinas* ligadas. Na rua, o trânsito fica difícil, as calçadas se transformam em *parkir* e a movimentação lembra uma prévia carnavalesca. "Estamos tentando transformar uma área do Museu do Estado em estacionamento, com a renda, naturalmente, destinada à instituição".

planejam. Por ora, dizem, o negócio é chegar cedo para garantir "um ponto estratégico". **Caindo no Passo**— A garotada chega em caravanas, às vezes levada pelos próprios pais, que

podem limitar a *farrá* até às 11 da noite. A vizinhança ainda não se pronunciou, mas os festeiros adolescentes avisam que ela não tem do que se queixar: tudo funciona na mais perfeita ordem. "O circo tem um super-rastral, fora do comum mesmo. A turma é selecionada, o atendimento é especial e nunca houve qualquer tipo de bagunça. O pessoal lá de casa já se acostumou com esse programa", com-

ta Cláudia Raquel, 16 anos, estagiante do 3º Científico. Bom mesmo, alegam em coro, é suar a camisa no embalo dos conjuntos *Sem Nome, Pique Brasileiro* e *Esquema Novo*.  
O Circo Maluco Beleza arrastou sua lona no último reveillon, mas para a maioria dos seus frequentadores, o clima do lugar não é exatamente novidade. A Pagoderia do Espinheiro (de, A Pagoderia do Recife para

igual, simplesmente o máximo", testemunha Renata Graziela de Souza, 16 anos, 1º Científico.

**Programa Legal**— O boca-a-boca no caso do circo, é a grande publicidade da festa. "Onde a gente chega escuta falar sobre o pagode. Todo mundo está comentando", diz Eduardo Dias, 20 anos, estudante da Politécnica com a cumplicidade do colega Dalmiss Muiatimho, 23, que

uma profusão de casas do gênero) e, posteriormente, a Forreria das Graças, foram dois empreendimentos com a mesma *essência*: Dirceu, Murilo, Gustavo, Rogério, Carlos, André e

Edgar têm um *frevo* certo. Dessa vez, chegaram com uma idéia mais criativa, sem deixar de observar a tendência de um mercado efervescente.

"Isso aqui é o melhor lugar para se ir nesta Cidade. Não conhecia nada simplesmente o máximo", testemunha Renata Graziela de Souza, 16 anos, 1º Científico.

**Programa Legal**— O boca-a-boca no caso do circo, é a grande publicidade da festa. "Onde a gente chega escuta falar sobre o pagode. Todo mundo está comentando", diz Eduardo Dias, 20 anos, estudante da Politécnica com a cumplicidade do colega Dalmiss Muiatimho, 23, que

reforça: "Aqui é bom para dançar, paquerar, curtir, sem o menor risco. As pessoas, claro, comemoram isso por aí". Bebida no local também não é mistério para ninguém. Os mais dispostos, inclusive, fazem o *aquele* do lado de fora, com as garrafinhas que trazem de casa, para aliviar o orçamento do fim de semana.

Para uma *galera* mais madura, mas não menos entusiasmada, os *promoters* do Circo Maluco Beleza descartaram a lona, há duas semanas, também nas noites das sextas-feiras. A animação não tem hora marcada e o *braxito* promete se propagar verão adentro, quem sabe, apressando o projeto do Espaço Cultural da Rui Barbosa, que os garotos esperam *tocar* com o apoio da Prefeitura e do Governador.

Enquanto isso, a turma desmolda. CTS, 30 mil, pelo ingresso da sexta e CTS 20, pelo sábado. Não é nada que assuste. "São de Boa Viagem para cá e, se me deslocaria até o Janga, se fosse o caso. Nós não temos opção como essa no Recife. Isso aqui é maravilhoso, e além do mais, os domos são uns galaninos", reforça Maria Helena Oliveira, 19 anos, estudante de Arquitetura. A pedida é confi-

Fotos: Vercino Lira



Arquitetura. A pedida é confi-



# Praça de Casa Forte está esquecida pela Prefeitura

Eudes Santana

A Praça de Casa Forte, cartão de visitas do bairro, está sendo deteriorada. Os tanques estão secos, a grama idem, as árvores doentes, as galerias entupidas, a calçada quebrada e por aí vai. Projetada pelo paisagista Burle Marx, em 1936, ela perdeu sua característica marcante: as frondosas vitória-régia. Não há uma sequer.

A queixa é de integrantes da Associação de Moradores de Casa Forte. Munidos de um abaixo-assinado, estão colhendo adesões e, em breve, vão entregá-lo na Câmara Municipal do Recife. Restauração do gramado, limpeza dos três tanques, volta do paisagismo original, conserto das calçadas, instalação de semáforos em frente à Igreja e na Avenida 17 de Agosto são algumas das reivindicações.

De acordo com a tesoureira da Associação, Giovanna Costa Lima, 61, a principal delas é a transferência da Festa da Vitória-régia para o Parque Santana, também no bairro. "Antes, a Vitória-régia era exclusiva do bairro. Hoje, atrai mais de dez mil pessoas", diz. Morando em frente à Praça, desde que nasceu, ela conta que vê da



As plantas estão secas. Alguns não agüentaram e caíram

janela do seu sobrado os preparativos para a festa. "Eles furam a grama com barrotes e armam barracas. É um desrespeito".

Já o pároco da Matriz, José Edvaldo Gomes, 61, é contra a retirada da festa. "O problema da praça não é a festa. Mas, o descaso que é dado pela comunidade e pelo governo durante o ano todo", dispara. Segundo ele, os sete meses em que as bombas d'água permaneceram quebradas representam danos bem maiores que os causados pelos três dias da festa. Ano passado, a questão

foi votada e o próprio Conselho de Moradores decidiu pela manutenção. Além disso há uma causa nobre por trás da festa: a renda é revertida para a Creche Menino Jesus, que abriga 160 crianças.

## RECUPERAÇÃO

A responsável pela divisão de administração das praças da Emlurb (Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana), Fátima Soares, 37, garante que desde o início da atual administração a Praça de Casa Forte não tem sido esquecida. A primeira etapa do trabalho da Emlurb é recuperar a vegetação, com o plantio de novas mudas e o tratamento das árvores doentes. "Colocamos um funcionário no local e ele está cuidando disso", diz.

Após a vegetação ser tratada, é a vez dos três tanques e da calçada. Limpeza e reconstrução do piso dos tanques e recuperação de trechos da calçada, que estão danificados. Quanto a volta da planta aquática que deu fama à praça, Fátima diz que ainda não pensaram no assunto: "Primeiro vamos tratar do que está lá. Depois a gente vê se a vitória-régia pode voltar ou não".



com água mostra o descaso com a praça de 57 anos

# Mais um Casarão restaurado

**Dentro de seis meses o casarão da Fundação Gilberto Freyre estará reaberto ao público depois de passar por sua maior reforma**

O secular casarão onde morou o sociólogo Gilberto Freyre, no bairro de Apipucos, está em fase final de restauração e deve reabrir suas portas ao público dentro de seis meses. De acordo com a presidente da Fundação Gilberto Freyre, Maria Madalena Melo Freyre, 71, já foi concluída a maior parte da reforma — basicamente mudança do telhado —, faltando apenas a pintura geral do prédio.

A restauração da casa que abrigou o autor de *Casa Grande & Senzala* (o mais conhecido livro de Gilberto Freyre, traduzido em vários idiomas) começou em junho do ano passado. Somente agora se concluiu por conta da falta de verbas. De acordo com Madalena Freyre, a reforma só se concretizou graças à ajuda "de um dos amigos pernambucanos, amigo da família e admirador de Gilberto, que doou recursos para a realização do trabalho". Além dessa ajuda anônima (o autor não quer divulgação de seu nome), o Governo do Estado também colaborou com recursos. Mas, a Fundação mantém-se mesmo é com verbas de entidades de outros Estados, principalmente de São Paulo.

"Pernambuco deveria se orgulhar de Gilberto. Sei o quanto ele

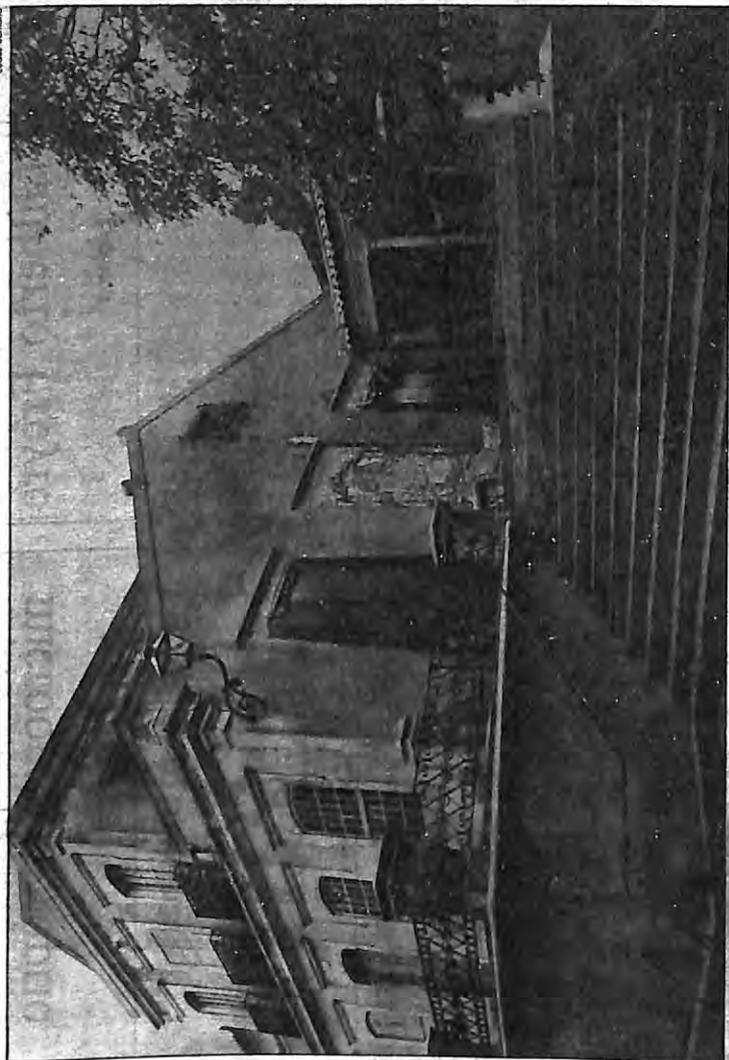
era importante para o Estado. Mas hoje, passados seis anos de sua morte (18/07/87), ninguém o homenageia", desabafa, lembrando o incentivo de Gilberto Freyre para as pesquisas sociais no Brasil. Os livros do escritor são até hoje traduzidos em vários países e analisados nas salas de aula de sociologia e antropologia.

O casarão de Apipucos — como também é conhecida a casa de Freyre — tem estilo colonial, data de 1881, e foi comprado pelo próprio sociólogo em ruínas, quando o bairro contava apenas com casarões de famílias tradicionais. "Em 50 anos que moro aqui, essa é a primeira grande reforma realizada na casa", informa Madalena Freyre.

De acordo com ela, o principal problema do imóvel era a maldeira do telhado que estava estragada. Sob a inspeção do Patrimônio Histórico (a casa é tombada), ela foi trocada por laje. "Hoje não encontramos mais madeiras grandes e boas", explica a presidente da Fundação. Outras etapas do serviço de restauração foram: a substituição do reboco das paredes, forros e a recuperação da fachada do casarão. Um detalhe: os tijolos do pátio foram recuperados na forma original.



Edu. Souto



O casarão de Apipucos passou por sua maior reforma em 50 anos. Da fachada ao telhado

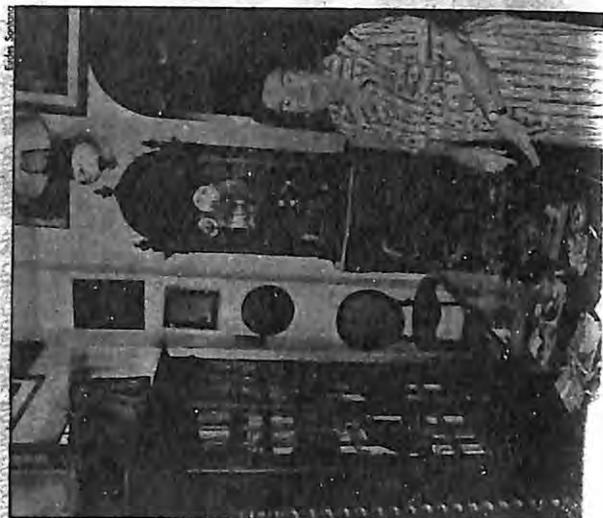
## Acervo cultural de alto valor

Assim que o Museu Gilberto Freyre for reaberto, os admiradores da obra do sociólogo poderão circular pelo casarão secular e se deparar com peças raras, objetos pessoais do autor de *Casa Grande & Senzala*, móveis coloniais e muitos, muitos livros. Inaugurado no ano da morte de Gilberto Freyre, o Museu ainda necessita de reparos, principalmente, no que diz respeito à pintura. Para Madalena Freyre fica até difícil manter e cobrir em ordem tanta coisa. Somente de livros, o Museu tem um acervo de 40 mil títulos, que tratam, principalmente, de ciências sociais. Conservá-los requer um dose extra de paciência e cuidado. "Estou sempre vigilante com a umidade, ela pode destruir obras raríssimas, de muitos anos de pesquisa", declara Madalena.

Pelos vários cômodos, há prataria, porcelanas pintadas à mão, portuguesas e holandesas; esculturas em mármore e pedra; cristais e muitos outros objetos de

recentes chovas. Cícero Dias, Lula Cardozo e Vicente do Rêgo eram amigos de Gilberto Freyre e com ele iniciaram o movimento da Escola Pernambucana de Arte, na década de 20. Os fãs mais ardorosos do trabalho do sociólogo terão a chance de voltar no tempo com as bengalas, roupas e a escrivaninha, onde Gilberto desenvolvia seus trabalhos e guardava manuscritos — muitos até hoje inéditos.

Outros destaques do Museu são os 11 painéis portugueses, em azulejos pintados à mão, da metade do século passado. Há também um corredor onde Madalena Freyre guarda as centenas de condecorações que o marido recebeu no Brasil e exterior. Muitas fotos do sociólogo e pinturas a óleo com molduras douradas completam o acervo. A média de frequência de público, quando estava aberto, era de 15 pessoas ao dia. Grande parte vinda do eixo Rio-São Paulo e exterior. "Os pernambucanos ainda são poucos",



Edu. Souto

# Cultura Inglesa é muito mais emoção



**P**ara Victor Cavendish, (Boa Viagem), Orlando Tágio Filho (Madalena) e Iago Goes (Boa Viagem) estudar na Cultura significa ter muita inovação. É também uma maneira de aprender outras culturas, como teatro, música e artes, além de usar o Multimedial, onde aprendem jogando no computador, sem ter que pagar nenhuma taxa.

**V**ocê quer saber por que na hora de escolher um curso de língua inglesa, a maioria das pessoas preferem a Cultura Inglesa? Primeiro porque elas precisam aprender a falar, escrever e, principalmente, entender inglês. Depois, pela qualidade de ensino, melhores professores, motivação para o estudo, excelente instalações e infraestrutura, ambiente acolhedor, clima britânico, aprendizado mais fácil, aulas práticas com audiovisual, atividades extraclasse e pelo sistema moderno de informática.

Esse perfil foi traçado a partir de uma entrevista realizada esta semana com os alunos das Culturas Inglesas de Boa Viagem, Madalena, Boa Vista e Casa Forte. Eles responderam a seguinte pergunta: Por que você escolheu a Cultura Inglesa para estudar? Acompanhe a seguir as respostas:



**O**s irmãos Antônio Raul e Pedro Emmanuel da Costa Muniz, de 16 e 14 anos, optaram pela Cultura por ser o melhor curso do Recife. Eles estudam em Casa Forte há três anos e se prepararam para passar o mês de julho na Inglaterra, conscientes de que não vão ter problemas com a língua.



**C**omecei a estudar na Cultura quando tinha 11 anos. Minha mãe tinha estudado, minhas irmãs também e as referências eram ótimas. Sou uma pessoa muito exigente e de fato não tenho do que reclamar". **Luciana Campos Alaciel**, 14 anos (Boa Viagem)



**É**a escola de maior e melhor infraestrutura do Recife. Passei por outros cursos, mas nenhum é tão bom quanto o da Cultura. Aqui a gente tem muito mais recursos para o aprendizado da língua. É estimulante". **José Vieira de Lima Filho**, 13 anos (Boa Viagem)



**S**empre ouvi falar muito bem da Cultura, minhas amigas sempre me incentivaram e quando entrei não me arrependi. Tudo aqui é gostoso. O clima britânico, os eventos e principalmente a amizade". **Cláudia Cahu Alves**, 20 anos (Madalena)



**P**elos tipos das aulas e porque aqui existem bons professores. Aprender na Cultura é muito mais legal. Tem jogos e brincadeiras nas salas de aula. O aliô é sempre matado a cada nova aula". **Alexandre Dutra**, 9 anos (Boa Viagem)



**A**s informações em relação a Cultura são as melhores possíveis. Foi aqui que eu comecei aprender inglês. Estou viajando em julho para morar um ano nos Estados Unidos, sem nenhum medo". **Cecília Queiroz Monteiro**, 16 anos (Boa Viagem)



**Q**uam me colocou aqui foi minha mãe, por saber através das amigas, que era o melhor curso de inglês. Hoje sou apaixonado e passo a maior parte do tempo aqui. Quando não estou no colégio, estou no Multimedial". **Triago Duarte Lucas**, 14 anos (Boa Viagem)



**M**inha mãe foi professora da Cultura e meu sonho era estudar aqui. Muitos ensinam inglês, mas não tem escola de teatro, que é o que eu mais gosto. Comecei com 7 anos e hoje estou no 5º estágio "adulto". **Fernanda Gonçalves Braga**, 12 anos (Boa Viagem)

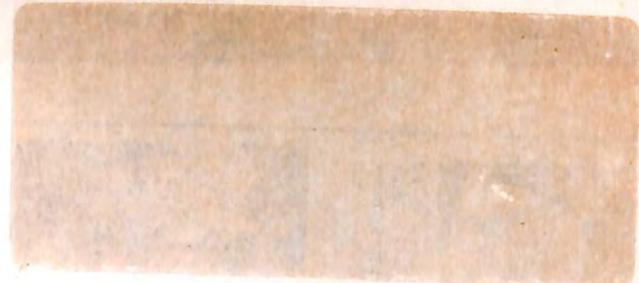


**N**ancy Lapenda, Carla Câmara, Manuela Guerra, Ana Carolina de Mello e Ana Izabel Carneiro Leão, de Casa Forte, foram unânimes em responder que não deixariam a Cultura por nenhum outro curso, nem ganhando bolsa. Tiveram experiências próximas.



**A** relação aluno/professor é muito boa. Não saíra da Cultura por nada, mesmo sabendo que poderia pagar menos. Hoje consigo dissociar umas aulas particulares e ganhar algum dinheiro". **Kerley Chaves Muniz**, 16 anos (Boa Vista)

DOAÇÃO	BCI PIV
CIDADE.	
VALOR R\$	<del>1,09</del>
DATA	14/11/94



39

A 663 f

R\$ 30,00